

15608

BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

D

Biblioteca do Estado
Setor de Folclore



- 08 -
Anitermo

ANO: 1990 - nº 41 e 42

Pede-se permuta
Pidesse canje
We ask exchanger
Sirichiede lo scambio
On démande l'échange
Man bitet um Austansech
Oni petas intersangon

Comissão do Boletim

Editor e Diretor: Doralécio Soares
Secretário: Nereu do Vale Pereira
Membros:
Nereu do Vale Pereira, Victor Antônio Peluso Junior

Capa Jair M. Oliveira (foto — Doralécio Soares)
Fotolito: Nery Silva
Revisão: Setor de Revisão da IOESC
Endereço para correspondência: Rua Júlio Moura, 28 — 1º andar — 88020
Florianópolis — Santa Catarina — Brasil

Edição patrocinada pelo Governo do Estado (Secretaria de Estado da Cultura e Esporte).

BIBLIOTECA PÚBLICA / SC
SETOR SANTA CATARINA

BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

BIBLIOTECA PÚBLICA / SC	
SETOR SANTA CATARINA	
Clas.: _____	
Reg.: 073	
Data: 11.06.96	



NOSSA CAPA

A ARTE DA BALEEIRA

Secularmente foi introduzida na Ilha de Santa Catarina, por colonizadores açorianos, a carpintaria naval segundo técnicas tradicionais e, que hoje, inclusive, adquiriu características de fato folclórico (ergológico).

A foto da capa, que integra o artigo da página nº 9, de autoria de Nereu do Vale Pereira, analisando esta arte e seu ocaso, retrata resistentes e artísticas baleeiras que são exemplares em uso por pescadores da praia do Pântano do Sul, na Ilha de Santa Catarina (foto de 1989). A tradicional nave contrasta com o posteamento de energia elétrica, sinal da modernidade.

DOAÇÃO
Doralécio Soares
10103192

SUMÁRIO

Na presente edição apresentamos os trabalhos relacionados, que por sua importância recomendamos:

Editorial / Doralécio Soares

Arte da Baleeira — Folclore Ergológico / Nereu do Vale Pereira

Dança-do-Pau-de-Fita / Doralécio Soares

Festa Religiosa Tradicional / Lélia da Silva Nunes

Livro Analisa a Tradição da Farra do Boi em Santa Catarina

A “farra” em Açores / Sílvio Coelho do Santos

Farra do Boi: Documentário Cinematográfico

Japoneses na Ilha de Santa Catarina / Nereu do Vale Pereira

Promoção de Folclore na Escola / Sônia Maria Copp da Costa

Um Livro Fala da História de Santo Antônio de Lisboa

Dinheiro na Boca do Povo / Honorato Antônio Tomelin

Bandeiras — Símbolos das Confrarias Outrora Existentes

Porongos / Juca Serrano

Notícias Culturais de Santa Catarina: 1989-1990

Notícias Culturais dos Estados: 1989-1990

Colaboração de Gente de Fora

Magos Enigmáticas Personagens / Maria Brígido

A Lenda da Alamoá / Maria José (Marieta) Borges Lins e Silva

A Valorização do Matuto Às Avestas / José Maria Tenório Rocha

Bagate / Ana Maria Amaro — Cascaes. Portugal

O Diabo da Tradição Cultural Judaico — Cristãs e suas Comparsas as Bruxas / Maria do Rosário de Souza Tavares de Lima.

Além de farto noticiário de 1989 e 1990, organizado e comentado por nosso Editor e Diretor Doralécio Soares, completam esta edição.

O Secretário

ÍNDICE

- EDITORIAL / Doralécio Soares — 7
Arte da Baleeira — Folclore Ergológico / Nereu do Vale Pereira — 9
Dança do Pau-de-Fita / Doralécio Soares / 22
Festa Religiosa Tradicional / Lélia da Silva Nunes — 41
Livro Analisa a Tradição da Farra do Boi — 54
A “farra em Açores” / Sílvio Coelho do Santos — 57
Farra do Boi / Documentário Cinematográfico — 59
Japoneses na Ilha de Santa Catarina / Nereu do Vale Pereira — 62
Promoção do Folclore na Escola / Sônia Maria Copp da Costa — 67
Livro Fala da História de Santo Antonio de Lisboa — 74
Dinheiro Novo / Honorato Antônio Tomelin — 76
Bandeiras — Símbolos das Confrarias Outrora Existentes — 78
Porongos / Juca Serrano — 80
Notícias Culturais de Santa Catarina / 1989-1990 — 83
III Encontro de Danças / Promoção do SESC — 90
Willy Zumblik — 91
Semana Cultural Movimentada na UFSC — 92
Danças Folclóricas da Ilha de Santa Catarina — 93
Dia do Folclore na Casa da Alfandega — 94
A Prefeitura Municipal de Lages Inaugura o seu “Centro de Artes” — 95
Casa dos Açores reabre suas portas com Exposição — 95
Empresa do Paraná doa 26.150 livros à Biblioteca do Estado — 96
I Encontro Estadual de Bandas — 96
Exposição de Fotos e Lançamento de Livro em Laguna — 97
“Juego de la Vaquilla” — 98
Lages comemora 224 anos de Fundação — 100
A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos e a Associação Coral — 100
O escritor Virgílio Varzea é acontecimento — 101
VIII Feira de Artesanato de Idosos: Ginásio do SESC — 101
Prefeitura Municipal de Tubarão — 101
Willy Alfredo Zumblick — 102
Festa Pomerana — 103
Apaixonado pelo Folclore / Jabes Garcia — 104
Fritz Müller — “Fatos e Argumentos a Favor de Dawwin” — 105
Blumenau em Cadernos — 105
“Projeto Boi-de-Mamão” / Prefeitura Municipal de Florianópolis — 106
Restaurante “Pirão” — 111
“Pão-por-Deus” — 112
Associação Coral de Florianópolis — 116
Cerâmica Popular Decorativa / Mercado Público — 117
Noticias Culturais dos Estados / 1989 / 1990 — 119
Ministério da Cultura / Instituto Nacional do Folclore — 119

Reinado do Rosário de Itapeirica / Maria Amália Corrêa Giffoni — 119
Fumos e Fumeiros do Brasil / “Caderno de Folclore” nº 4 da Associação Bras. de Folclore — 119
Comissão Municipal de Folclore, e Associação de Folclore e Artesanato de Guarujá — 120
Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos — 120
Festa Popular Italiana: Palestra “Guido Bertolotti” — 121
Comissão Paraense de Folclore / Maria Brígido: Presidente — 121
Livros de Folclore de Alagoas — 122
Universidade Federal de Alagoas — 122
Cantando o Amor o Ano Inteiro / Maria José Lins e Silva (Marieta) — 122
26º Festival de Folclore de Olímpia — 122
Argentina — Buenos Aires: Señora Maria de Cascia Nascimento Frade — 123
Centro de Estudos Folclóricos, do Instituto de Pesquisas Sociais / Fundação Joaquim Nabuco, Recife. PE. — 123
Três fotos, três ilustres escritores de Pernambuco — 124 — 125
Poetisa “Marieta” / Maria José Borges Lins e Silva — 127
Mário Souto Maior — 127
“Pedra de Toque” / Aleixo Leite Filho — 127
Comissão Mineira de Folclore, numa promoção do SESC / ARMG — 128
Associação Brasileira de Folclore — 128
Museo de Museologia: Baronesa Esther San’Anna de Almeida Karwinsky — 129
Ciclo Natalino — SENAC / Recife — 129
Cartões de Lula na exposição paulista — 130
Artesanato de Alagoas / José Maria Tenório Rocha — 131
Folclore de Minas Gerais / Prof. Dr. Saul Martins — 131
Souto Maior ganha prêmio Ibero — Americano — 132
Comissão Nacional de Folcloré — 133
Achegas ao Vocabulário Lupanar / José Carlos Rossato — 133
26º Festival de Folclore — Olimpia — São Paulo — 134
Dr. Arthur Napoleão Figueiredo — 135
Esboço do Folclore de São Paulo / João Alfredo Rabacal — 136
O Que é Que é / José San’Anna — 136
Noticiário Internacional — 138
Oralidad — Anuário para el Resgate de la Tradición Oral de América Latina y el Caribe — 138
Cascais — Portugal: O Traje da Mulher Macaense / Ana Maria Amaro — 138
Escritor Félix Coluccio — 139
PASCOA — 140
Magos — Enigmáticas Personagens / Maria Brígido — 142
A Música e o Natal / SENAC — PE — 145
A Lenda da Alamoia / Maria José Borges Lins e Silva (Marieta) — 147
A Valorização do Matuto às Avestas / José Maria Tenório Rocha — 150
Bagate / Ana Maria Amaro — 154
Bandas e Filarmônicas dos Açores / Valdemar Mota — 159
O Diabo da Tradição Cultural Judaico — Cristã e Suas Comparsas, as Bruxas — 166
Conclusão — 180
Bibliografia — 181

EDITORIAL

Conforme planejamos, aqui estamos com nova edição do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, divulgando os assuntos relacionados a 1989 e 1990.

Graças ao apoio decisivo da Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, foi possível à Comissão Catarinense de Folclore fechar o ano de 1990 atualizando as edições do seu Boletim com apresentação deste número, isto é, a quadragésima primeira, na qual procura destacar os principais eventos relacionados ao folclore do Estado.

Não trata-se de uma cobertura total do movimento cultural catarinense, mesmo porque a Comissão somente divulga em seu Boletim comunicações culturais que lhes são transmitidas. O nosso objetivo principal é divulgar o folclore catarinense e de um modo geral alguns aspectos do Brasil com a colaboração de "Gente de Fora", inclusive do Exterior.

Importante também tem se tornado para a Comissão a divulgação de notícias de outros estados, nos quais se evidenciam a importância do folclore na área da cultura popular.

Esperamos que o ano de 1991 seja um ano promissor.

Governador Pedro Ivo Figueiredo de Campos

Com pesar registramos o falecimento do governador Pedro Ivo Campos, figura de destaque na política do Estado de Santa Catarina.

Nascido em Florianópolis, filho de tradicional família catarinense, foi eleito governador em 1987, se destacando no governo ao imprimir normas de austeridade na administração pública do Estado, cujo critério adotado lhe conferiu respeito e admiração no cenário político brasileiro.

Infelizmente não quis o destino, que o nosso Estado fosse liderado politicamente no mandato integral, por um homem que deixou provas marcantes de sua personalidade na administração do Estado catarinense.

A Comissão Catarinense de Folclore, que recebeu do ilustre Governador substancial apoio, durante a sua permanência no governo, com pesar leva aos seus familiares as suas sentidas condolências.

Professora Cléa Mendes Brito

Tristemente registramos o falecimento da professora Cléa Mendes Brito, membro efetivo da Comissão Catarinense de Folclore, integrando a diretoria no cargo de tesoureira.

Foi uma perda lamentável, pois todos que privavam de sua leal amizade, ficaram inconformados com o seu falecimento.

Figura de destaque na Associação Coral de Florianópolis, onde pela sua prestimosidade e atuação, quer no meio artístico ou mesmo na administração, era querida e respeitada por todos. No seu sepultamento foi homenageada com cantos de saudades pelo Coral que tanto amava.

A Comissão Catarinense de Folclore, ao registrar neste espaço a sua perda, o faz com preito de saudades e homenagens à insigne companheira.

Nova Sede

Permanece na estaca ZERO o processo judicial para a desocupação do prédio nº 15 da praça XV de Novembro, em Florianópolis, adquirido pelo governo do Estado, a Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos em 1985, e cedido à Comissão Catarinense de Folclore, no governo do sr. Esperidião Amim Helou Filho.

Defendem-se os atuais ocupantes perante a Justiça, "que possuem direitos adquiridos, por ocuparem o imóvel por tempo superior a 20 anos". Enquanto isso não se resolve, a Comissão continua ocupando precariamente, com a sua biblioteca e museu, as dependências do prédio de madeira sito à alameda Adolfo Konder, bem na cabeceira da ponte Hercílio Luz, no lado da Ilha. E assim o nosso ideal de ter no prédio da praça XV, o sonhado Museu de Rendas da Ilha, continuará em sonhos, não sabemos por quanto tempo.

Encerrando este editorial, tudo nos anima a acreditar no governo do sr. Vilson Kleinübing, que se empossa a 15 de março de 1991.

Nós que presidimos a Comissão Catarinense de Folclore, esperamos receber na gestão do ilustre Governador o merecido apoio, que até a presente data, temos recebido dos governadores que o antecederam.



Prédio sito à Praça XV de Novembro, onde num futuro próximo, a Comissão Catarinense de Folclore instalará a sua sede, com o Museu de Folclore, Biblioteca e Administração. O andar térreo está reservado para a instalação do "Museu de Rendas", da Ilha de Santa Catarina.

A ARTE DA BALEEIRA — FOLCLORE ERGOLÓGICO

Prof. Nereu do Vale Pereira PHD/LD/UFSC

- 1 — O que é a Baleeira
- 2 — A Pesca da Baleia em Santa Catarina
- 3 — O Universo Açoriano e a Pesca da Baleia
- 4 — A Construção da Baleeira no Ribeirão da Ilha

1 — O que é a Baleeira

Dentre as embarcações utilizadas para a pesca, quer a artesanal quer a de maior escala e tradicional, destaca-se pela sua versatilidade e segurança, o modelo que, na vida rude do pescador, recebeu o título de Baleeira. Primitivamente foi chamada de “bote baleeiro”, a seguir lancha baleeira e, finalmente, consagrou-se como tão-somente, Baleeira.

Este designativo decorre de ter sido, este tipo, escolhido para a faina da captura da baleia.

Segundo a tradição dos pescadores da Ilha de Santa Catarina, ela “tornou-se indispensável não só para a caça da baleia, como também para todas as outras safras, como anchova, corvina, badejo, garoupa, bagre, pesca de espinhel etc. . .”

Na linguagem desses pescadores, é a embarcação “rainha”, pois era boa de vela, leve de remo, valente para o mar, cargueira etc. Para termos visão de seus traços, apresentamos a foto a seguir.

No seu manejo requer a participação de seis remadores e um “proeiro” e, quando especificamente para a captura da baleia, leva mais o “arpoador”.

Pode, a baleeira, quando de dimensões maiores, ir até águas profundas e de mar agitado, pois sua hidrodinâmica, bem concebida, ainda que empiricamente, proporciona excelente desempenho. Mesmo assim requereria muita coragem e destreza da “companha”⁽¹⁾ quando trabalhava com seus remos ou mesmo com vela adaptada, e, mesmo hoje já equipada com motores de popa ou de centro.

Os projetos (desenhos) práticos e tradicionais de cada modelo que variam de 5 a 15 metros, e para carga de 2 até 10 toneladas, jamais passaram para uma prancheta. São registrados na mente de cada construtor. As dimensões mais difundidas têm 10m de comprimento por 3m de embocadura máxima.

“Quem tarde embarca, remo torto não lhe falta”; eis um provérbio ligado e originário da vida dos baleeiros, isto é, os integrantes da “companha de pesca”. Os seis remadores quando são chamados, para rapidamente assumirem



Foto nº 1 — Baleeiras na Praia do Pântano do Sul

suas funções, devem andar ligeiro para em não sendo os últimos, pegarem os remos melhores. Assim também é na vida, dentro de qualquer lida. É um “brocardo”, aliás como todos os “ditos populares” que são verdadeiras mensagens dos deuses, que encerra lições para a vida. No caso, que é ligado à vida do mar, torna-se muito significativo, pois nada mais exigente, trágico, mítico, lendário e produtivo que o majestoso oceano.

“O mar é um amigo traiçoeiro, rico e dadivoso ao mesmo tempo”. No dia-a-dia da vida social tudo é semelhante ao mar!

Os baleeiros ilhéus, os “manezinhos” da Ilha de Santa Catarina, escreveram páginas e páginas de epopéia nos mares que cercam esta encantadora Ilha, na luta constante de tirar do “traçoeiro amigo mar”, os bens e meios necessários à manutenção de suas famílias.

2 — A Pesca da Baleia em Santa Catarina

Remonta ao século XVII a determinação da Coroa Portuguesa, em suas colônias, e, dentre elas o Brasil, para a implantação e incentivo para exploração econômica da pesca da baleia. No Brasil inicia-se esta atividade na Bahia no ano de 1602.

Em Santa Catarina, como sua colonização por Portugal só tenha despontado em meados do século XVII, essa atividade vai encontrar desenvolvimento e expressão no início do século XVIII.

Por volta de 1718⁽²⁾ o então governador da Ilha de Santa Catarina, José da Silva Paes, relata a existência de baleias nos mares sob sua supervisão e recomenda ao Governo Central a instalação de armações de baleias. A primeira armação, contudo, não foi instalada na Ilha, porém no continente fronteiriço, na baía Norte, na ponta do Magalhães e que recebeu a denominação de Armação de Nossa Senhora da Piedade, comunidade surgida com a construção da Fortaleza de Santa Cruz, no ilhote de Anhatomirim e que foi, nesse momento, enriquecida com a chegada de açorianos.

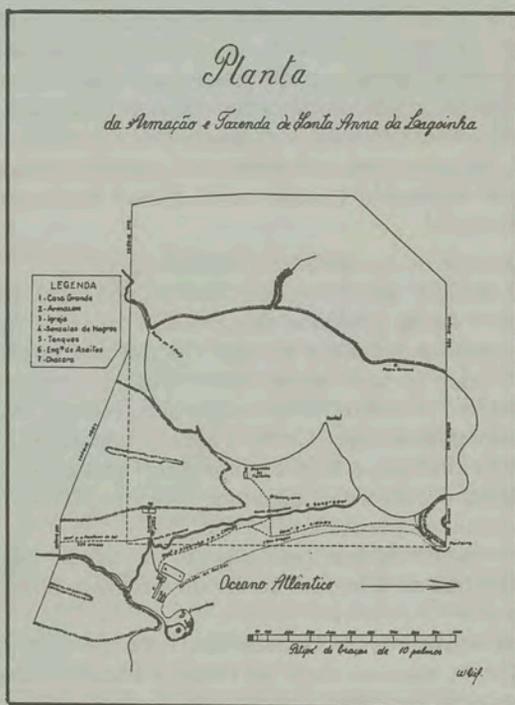
Na costa leste e meridional da Ilha de Santa Catarina foi instalada, em 1772, a Armação de Sant'Ana ou "Companha da Lagoinha", sob o comando do português Tomé Gomes Moreira. Além dos baleeiros, foram ainda alocados 46 escravos para o seu serviço.

Pelo desenho a seguir apresentado, num trabalho do cartógrafo (aposentado) da UFSC, Waldir Fausto Gil, percebe-se, sobre a Armação Fazenda de Santa Anna da Lagoinha, algumas curiosidades a saber:

1 — a ilhota existente na ponta da Armação, hoje já ligada à terra firme, tem oficialmente a denominação de ilha da Campanha, porém seu nome correto e histórico é Companha, pois destinava-se a abrigar às "Companhas de Pesca da Baleia". Tudo faz crer que algum metido a entendido e apressado considerou haver erro ortográfico e tentou consertar (?) a gramática. Aliás, ainda é tempo de desfazer o erro, retificando os mapas ultimamente editados;

2 — a sede e instalações da Armação não ficavam junto à lagoa do Peri, porém na praia que passou a adotar o topônimo, **Armação**;

3 — a capela de Sant'Ana é a mesma, no mesmo local, que se conserva até hoje, embora tenha sofrido alguns melhoramentos (?) e modernizações.



Pescava-se a baleia para extrair o óleo e demais gorduras, jogando-se fora, não só as vísceras, como até carne, couro e ossos. Alcançava, o óleo de baleia, grande valor comercial e tinha por principal uso a iluminação residencial, porém sendo aplicado fartamente na construção civil (misturado à argamassa dava-lhe

grande consistência e dureza). (Na época o cimento ainda não era dominado pelo homem). As graxas diversas destinavam-se às fábricas de sabão, curtumes, lubrificantes e o famoso espermacete. As barbatanas da baleia foram usadas no requinte da moda feminina. Eram delas fabricadas as lâminas dos antigos “espartilhos” (peça íntima que modelava o corpo das mulheres, desenhando delicadamente as cinturas e firmando os seios.)

Para capturar a baleia, seguia pelo mar, com as majestosas baleeiras, a “Companha”, em remadas seguras e fortes, em direção ao local indicado pelo “vigia” (homem experiente, que em local estratégico da costa de onde se divisava todo o mar em horizonte indicava onde deveria ser travada a luta entre eles e o grande cetáceo).

Eram seis os remadores em luta contra a força do mar e a desenvoltura das idas e vindas do animal, criando a condição propícia para que o “arpoador” ferisse mortalmente a baleia, cravando-lhe, na frente, a ponta de aço do arpão de ponta recurvada, que entrava fácil e resistia à saída.

A coragem era requisito básico para poder chegar-se o mais perto possível (no máximo de 10m) e pela frente para que o arpoador não errasse no golpe.

A partir de então começava a luta. De um lado a baleia arpoada e, do outro, ligado ao arpão com grosso cabo de corda, a Companha, segurando, puxando, soltando, resistindo, até que o animal desse os primeiros sintomas de enfraquecimento e esvaindo-se em sangue caminhasse para a agonia da morte. Quase morta, e já exaurida, era rebocada pelos baleeiros e içada para a praia e, junto à armação (galpões) era inviscerada e esquartejada em milhares de pequenos pedaços, que por sua vez eram colocados nos grandes tachos que, ao fogo, derretiam o material separando-se o óleo e os demais bens explorados. Morria uma baleia atrás da outra!

Aquela que aparecesse na costa teria destino certo. . .

Comentam os antigos que a aproximação ao animal deveria dar-se pela linha perpendicular à testa, pois que nesse ângulo a visão da baleia é zero. Existe uma “zona cega” por onde o pescador penetrava sorratamente para que o animal não fugisse ou fosse atribuído de fúria ao assustar-se, o que seria fatal para a “Companha”. Os olhos, muito à lateral da cabeça, podem dar sustentação a esta tese do ponto cego. Certo é que a forma do cerco ao animal obedecia essa diretriz. Por outro lado a baleia é um animal dócil embora tenha uma força descomunal e dimensões gigantes. “Dentro d’água, quando enfurecida, é imbatível, dizem os pescadores”.

Por este rápido relato da luta pela captura da baleia, entende-se porque a arte do baleeiro, e fama da Baleeira em ser uma robusta embarcação, tenham feito tanta tradição.

Modernamente existem os navios baleeiros, e até mesmo a histórica baleeira foi motorizada. Não se recorre mais ao remo e também desde o início de nosso século XX, não se caça mais a baleia em Santa Catarina. Foi a baleeira desviada para todas as demais fainas pesqueiras e até para atividades de recreio e turismo.



Foto n.º 2 — Baleeiras junto a um antigo pilar da Armação da Lagoinha. Praia da Armação, Ilha de Santa Catarina.

3 — O Universo Açoriano e a Pesca da Baleia

Comenta-se entre estudiosos, de que a arte de capturar a baleia em Santa Catarina tivera origem nos Açores. Tal, porém, não procede. Como vimos anteriormente, ela teve início antes da chegada dos açorianos à Ilha de Santa Catarina. Foi uma tomada de decisão do Governo Central da Coroa.

O que se pode admitir é o fato de eles terem influenciado no desenvolvimento desta arte aqui na Ilha face à colonização açoriana ter se desenvolvido entre 1748 e 1756. Também é deste período o aparecimento das Armações da Piedade e da Lagoinha. É também, do início do século XVIII, a faina açoriana na pesca da baleia naquele arquipélago Atlântico.

Como nos Açores a pesca da baleia teve desenvolvimento nas ilhas de São Miguel, Terceira, Faial e Pico (nesta perdurou até 1982) e que dessas ilhas provieram os imigrantes que povoaram nosso litoral, é de se concluir haver apoio para a dedução dos seus interesses e motivações para se engajarem nas “companhas de pesca” aqui já existentes.

No arquivo dos Açores, volume VI, à página 8, lê-se ofício, datado do ano de 1768, dirigido ao ministro Xavier de Mendonça Furtado, pelo capitão-general dos Açores, D. Antão de Almada, no qual se verifica que já muitos açorianos, embora em pequena escala, caçavam a baleia nos seus mares, obtendo daí muito azeite que consumiam em suas próprias casas.

Na ilha do Pico, vila das Lajes, existe atualmente o Museu da Baleia, que procura registrar a história da atividade baleeira nos Açores.

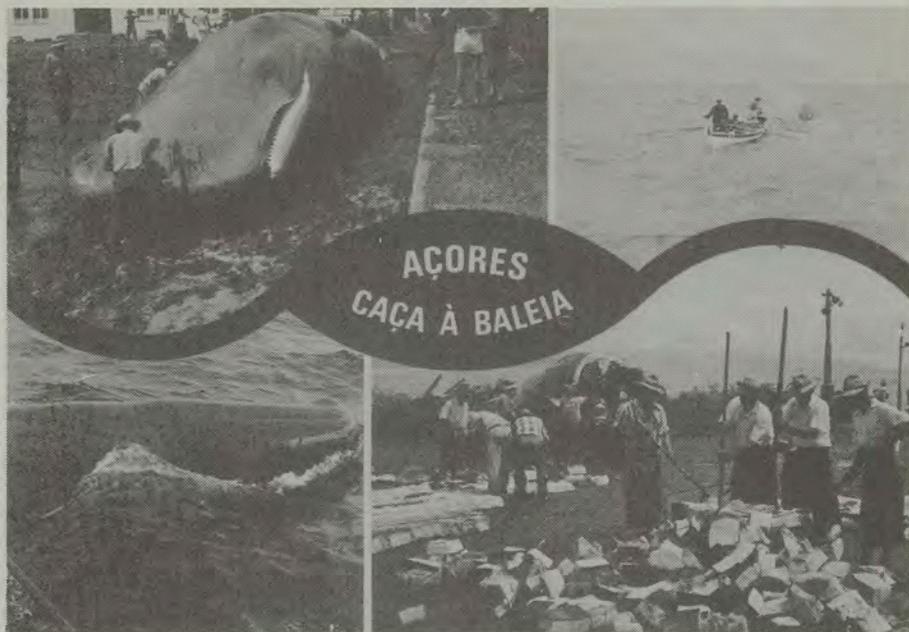


Foto n.º 3 — Foto postal sobre a pesca da baleia, na ilha do Pico.

Esse Museu localiza-se no mesmo local da Armação das Lajes do Pico e tive oportunidade de visitá-lo em 1988, e após ter presenciado a Armação em atividades, em 1979.

Em folheto de informações turísticas, editado pela Comissão Regional de Turismo dos Açores, intitulado Baleia (caça à) lemos e transcrevemos o seguinte trecho: (1979) “À caça arriscada da baleia, se dedicam em grande parte do ano, numerosas canoas tripuladas por marinheiros valentes e audaciosos.

O resfolgo gigantesco dos cetáceos, soprando a água como uma bomba possante, avisa ao longe, onde, do alto dum monte, sobranceiro ao mar, um homem vigia atento.

Uma bandeira encarnada ou uma fogueira dão o sinal. No varadoiro há uma azáfama enorme. Por entre gritos dos marítimos as canoas descem sobre grossos troncos e entram na água”. (Até parece se estar descrevendo a ação dos pescadores da Ilha de Santa Catarina. Tudo é perfeitamente idêntico).

Os remos cadenciados cavam pazadas vigorosas na superfície das ondas. E aqueles homens destemidos voam à caça do monstro ciclópico e temido.

O arpão fere o ar com um silvo de seta. Levada pelo gigante ferido, a canoa desliza, deixando correr linha sem conta sobre o mar agitado.

Gente com rudeza franca a caracterizá-la, os homens do mar, na sua totalidade gente modesta que à seara flutuante vai buscar sustento do dia-a-dia, na dúvida de, em vez do pão, levar à família o luto e a dor, são dignos de todo o nosso carinho e admiração.

“Embora com todos os seus riscos de vida e de perdas materiais, o baleeiro põe sempre o calor de um apaixonado gênero de desporto, o ardor de um



Foto n.º 4 — Baleeira exposta no Museu da Baleia, ilha do Pico, vila das Lajes, Açores.

combate, o ideal de uma aventura, na caça aos monstruosos cetáceos.”

Assim poderíamos dizer a respeito do nosso baleeiro. O grande desenvolvimento acusado pelo ciclo da baleia na Ilha de Santa Catarina deve ser tributado em parte ao contributo do açoriano, pois tem seu ápice entre 1760 e 1870.

4 — A Construção da Baleeira no Ribeirão da Ilha

Foram os portugueses os grandes navegadores e os grandes definidores das técnicas de construção naval, especialmente nos séculos XVI, XVII e XVIII. A Escola de Sagres foi um marco universal e responsável por toda a revolução náutica, porque passou o mundo, naquele momento, no que diz respeito à navegação marítima.

Por trás da tecnologia escolástica e oficial, sempre vicejou a tradicional e fruto da criatividade popular. Pode-se afirmar que a escolástica aprimora aquilo que foi o produto da tecnologia informal que o homem comum, através de suas experiências de vida, desenha apenas na sua mente e a passa de geração em geração sem estar gravada em “pranchetas”.

Toda a hidrodinâmica da baleeira é símbolo da tecnologia tradicional, pelo menos entre os pescadores e baleeiros na Ilha de Santa Catarina. Faz parte do seu folclore ergológico.

Ao perguntarmos a um construtor de baleeiras do porquê desta ou daquela curvatura, de uma ou de outra dimensão, inclinações do casco, forma e contextura da “quilha”, de um cadastro, do cavername, etc., por certo dirá que aprendeu a fazer assim, que os modelos e desenhos são os mesmos que receberam de seus pais, avós, . . .

Assim, de geração em geração, desde a vinda dos açorianos, chegou até nossos dias a arte de construção de baleeiras na Ilha de Santa Catarina onde o Ribeirão tornou-se o principal centro de estaleiros, e construtor das melhores baleeiras. É o que dizem. . .



Foto n° 5 — Alguns barcos, modelo baleeira, no Porto de Visita, Ilha do Faial, Açores (1979).



Foto n° 6 — O "Rancho" do seu Alécio

O último construtor de baleeiras (também designado de “baleeiro”), em atividades, com seu estaleiro (rancho, na designação popular) no Ribeirão da Ilha, é o senhor Alécio Silva Heidenreich ⁽³⁾ herdeiro da família Silva que responsabilizou-se por trazer esta arte, de geração em geração, até hoje.

Segundo seu relato, o introdutor desta arte no Ribeirão da Ilha teria sido o senhor Ignácio Lopes (a família Lopes é numerosa dentro da comunidade).

Hermínio Silva, Oscar Silva, Paulo Pedro Heidenreich, Alberto Cavalheiro, Hermínio Heidenreich, e outros baleeiros tornaram-se famosos e conhecidos, pois colocaram suas baleeiras nos portos pesqueiros de Rio Grande, Santos, Antonina, Rio de Janeiro, Salvador como principais e sem contar os catarinenses.

Durante algum tempo acompanhei o trabalho de Alécio, filmando, gravando e fotografando, seu afã na construção de uma baleeira.

Tudo começa com a preparação da “quilha”. É ela a mestra que vai definir tamanho, tonelagem da embarcação. Deve ser utilizada uma madeira duríssima, quase sempre a peroba. Esta que está em construção terá 9,70 metros de comprimento por 2,30 metros de embocadura e para carga de até 3,5 toneladas.



Foto 7 — Alécio trabalhando na modelagem da “quilha”.

Após a quilha pronta, prepara-se os cadastros, tanto o de “proa” como o de “popa”.

Preparando os “bordos”, amarram-se os “talabordões” que fazem o desenho (formato) da boca, tudo em nível, e assim será possível ir desenhando, cortando cada “caverna”, e construindo o “cavername”, pois cada um deles tem desenho e medida próprias. Suas curvaturas darão a forma, ou linhas da hidrodinâmica das laterais da baleeira como também o número dos taboados. Para garantir resistência, cada “caverna” deve ser cortada em madeira com curvas naturais.

Dizem os antigos, que os baleeiros iam até a mata escolher os “paus” (tronco de árvores) que apresentassem as melhores curvas para a confecção dos “cavernames”. Devem ser talhados em madeira dura como peroba, canela, ipê, pau-de-óleo, etc.

Os “talabordões” são fixados aos “cadastros” pelos “contrafortes” dos “barbados”.

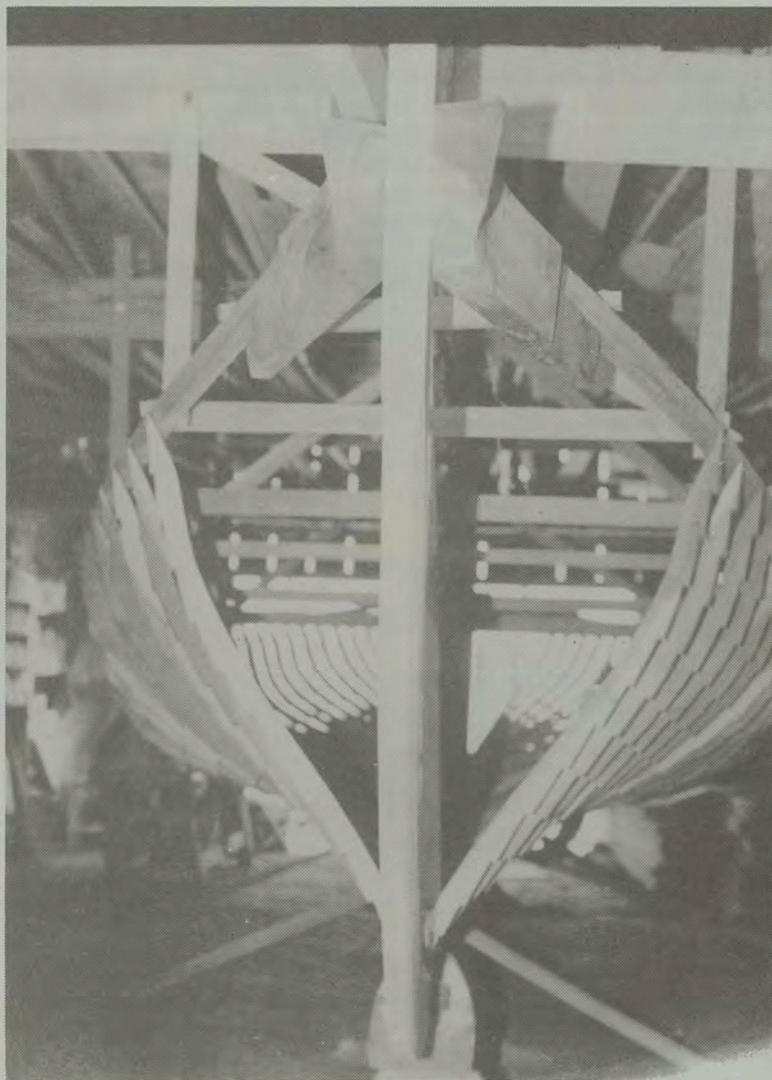


Foto nº 8 — A baleeira do seu Alcício com o “cadastro” de proa, e os “cavernames” já fixados.

A etapa a seguir é a colocação do “taboado” lateral, que também são modelados um por um, pregados superpostos nas beiradas, e com massa nesses pontos para garantir a vedação. A primeira tábuia recebe o nome de “resbordo”, e as demais, apenas “taboado”. Todo o material é fixado com pregos de cobre a fim de assegurar durabilidade, já que se fossem de aço, por certo oxidariam muito rapidamente.

Por outro lado, como todas as peças são talhadas em madeiras duras, antes de fincar os pregos, faz-se furos, pois caso isso não fosse observado, os pregos vergariam e não penetrariam. “Antigamente era feito tudo na pua, no braço, furo por furo; hoje já temos furadeira que facilita muito, sem cansaço, e muito mais rápido.” São usados vários tamanhos de pregos de cobre, e em grande quantidade.

As tábuas do “taboado” lateral devem ter curvatura para acompanhar as curvas tanto longitudinal como transversalmente de acordo com os desenhos do “cavername”. Estas curvaturas são obtidas por um processo rudimentar e artesanal. Cada tábuia é molhada, e após, colocada próxima ao fogo. Com a secagem rápida vai adquirindo uma curva. No olho prático do baleeiro é identificado o ponto certo de dar-se por concluída a curvatura de tábuia por tábuia. O fogo é feito na praia, com cepilho da própria atividade do baleeiro, e para molhá-las, utiliza-se água do mar.

Concluída a etapa dos “taboados” são colocados os “curvatões”, que são suportes de amarração das laterais da embarcação, completando a fixação dos bordos, e entre eles, os bancos para os remadores e demais integrantes da tripulação.



Foto nº 9 — O seu Alécio pregando o “resbordo” direito, e a primeira tábuia do “taboado” lateral.

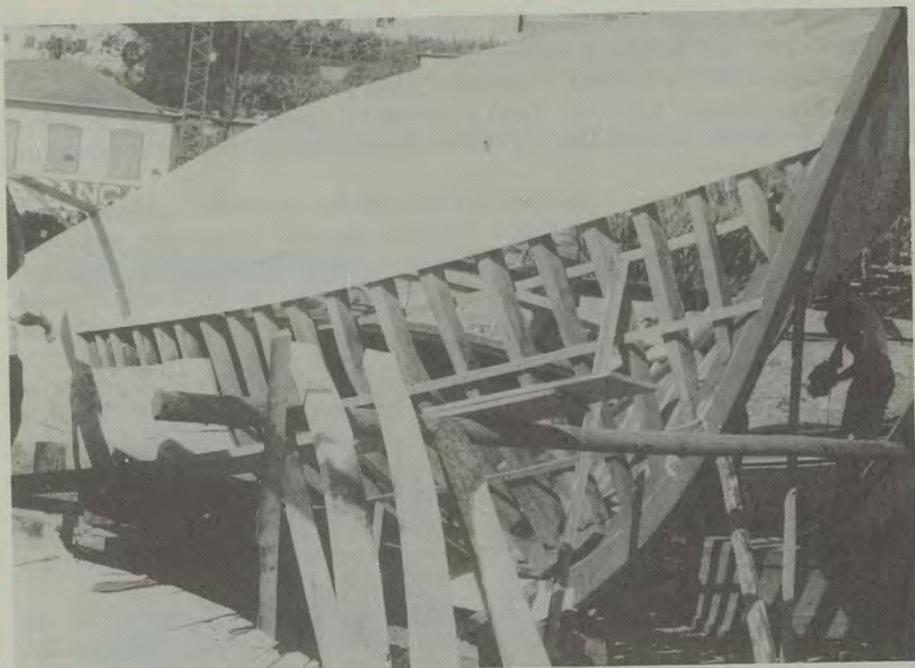


Foto nº 10 — Um barco, em reforma, no porto da Horta, ilha do Faial, Açores.

Como pode perceber o leitor, toda a construção da baleeira obedece uma rotina artesanal, tradicional, e é bastante lenta. Tudo resulta de desenhos práticos, cujos perfis só existem na memória dos baleeiros.



Foto 11 — Seu Alécio, no seu "Rancho", com a baleeira, praticamente concluída.

Durante 10 meses acompanhamos o trabalho do senhor Alécio Silva Heidenreich, que se dedicou a este mister somente nos finais de semana, representando, em aproximadamente, 120 dias de trabalho, em média de 7 horas por dia, ou seja, 840 horas.

Contudo, a baleeira ainda não está conclusa, como dissemos, faltam ainda os calços, algumas “ferragens”, suporte do motor, garfos para os remos, frisos laterais (cordões) e a pintura.

“Isto tudo aprendi com meu pai”, diz Alécio. “Quando ele faleceu estava por terminar uma baleeira que esperava dar-nos de presente. (Para o Alécio e para o outro filho Cid, que também auxilia o nosso informante durante toda a construção da baleeira)”.

“Era tudo no braço; naquele tempo não tinha nada de energia elétrica como hoje. Não consegui acabar o trabalho, vitimado pelo câncer que lhe ceifou a vida. Tivemos que acabá-la sozinhos, e assim completamos nossa ‘escola’ de baleeiros”.

Hoje, “seu Alécio” é o último baleeiro, com o último “rancho” existente no Ribeirão da Ilha, e tudo faz crer que esta arte centenária está com seus dias contados.

“Não se pode colocar uma embarcação destas em serviço sem o respectivo registro na Capitania dos Portos”, diz Alécio. “Para o registro, porém, estão exigindo plantas e assinatura de engenheiro naval responsável. Nós, caboclos, não temos possibilidades de observar estas exigências legais, e assim nossa arte esta morrendo. . .”

O que é lastimável!

Referências

- 1 — COMPANHIA — Tripulação de um barco de pesca. Agremiação de Pescadores — Lello Universal. S.f. (Companhia) 1. Tripulação de barco; equipagem, marinhagem. 2. Agremiação de Pescadores. 3. Des. Companhia. Aurélio B. de Holanda.
- 2 — PIAZZA, Walter Fernando. Santa Catarina. Sua História. Editora da UFSC e Editora Lunardelli. Florianópolis, 1983. p.196.
- 3 — O sobrenome Heidenreich é um dos poucos (aliás somente três) de origem alemã, existente no Ribeirão da Ilha. José Carlos Heidenreich surgiu ali por volta de 1870 e deixou proliferar descendência que se mesclou com os Silva da estirpe açoriana, e deles aprenderam a arte das baleeiras, à qual se dedicaram com muito afincio.

DANÇA DO PAU-DE-FITA

Doralécio Soares

As danças do Pau-de-Fita, no folclore catarinense, são apresentadas por vários grupos folclóricos, cuja formação étnica é responsável pela diversificação da nossa cultura popular. De origem portuguesa, encontramos associadas à dança dos Arcos-de-Flores e à Jardineira;

De origem alemã e hispânica, nos grupos folclóricos teutos e nas danças típicas de folclore campeiro.

No passado, nos municípios de Laguna e Florianópolis, haviam grupos com a dança da Jardineira, e Cupido cujos gráficos dos movimentos apresentamos.

Grupo Folclórico SILBERFLUES: Joinville



Dança do Pau-de-Fita em homenagem às "Flores e Frutos"

Folguedo originário do meio rural, foi assinalado dança semelhante entre mineiros de Nuanda, no Peru, no século XVIII. Em São Benedito de Los Andes, na Venezuela, foi também registrada idêntica dança, semelhante aos Paus-de-Fita dançados no Brasil. Em certas regiões de países europeus, como na Espanha e Inglaterra com o nome de Maypole, é apresentada como recreação entre as crianças de escolas rurais.

As danças campestres são interessantes lições para as crianças, que ao mesmo tempo aprendem o folclore inglês. A “Maypole” é muito alegre e as crianças divertem-se batizando a dança com o nome de meses, “junepole”, “julypole” e assim por diante.



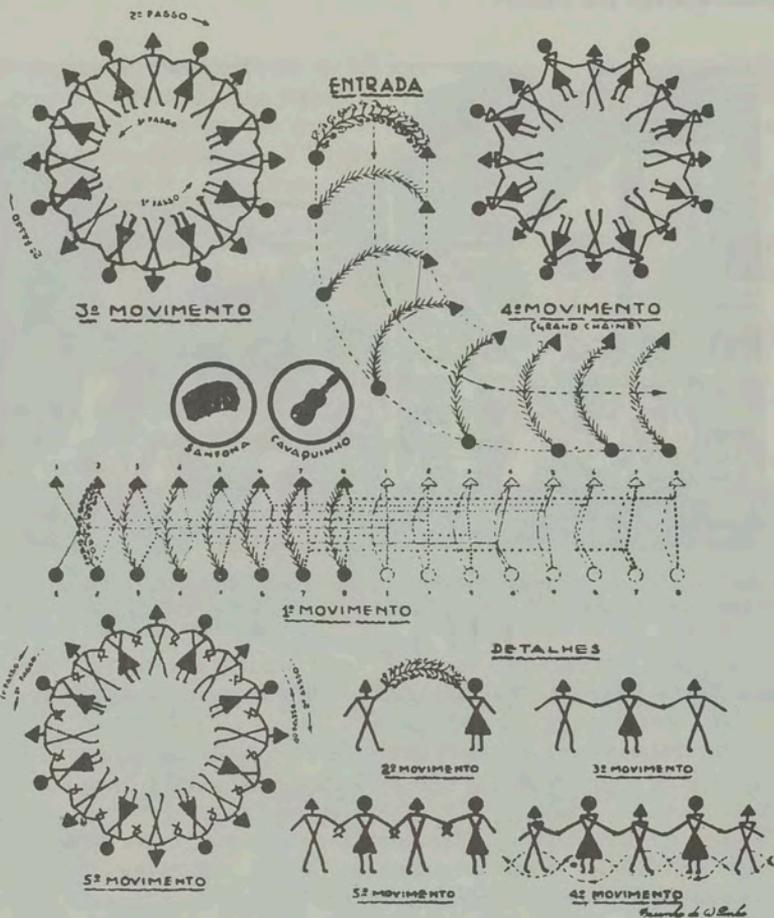
Pau-de-Fita “Maypole” é apresentado como recreação entre as crianças de escolas rurais, na Inglaterra e na Espanha.

Ligado pela coreografia e conteúdo, está o nosso Pau-de-Fita com “Arbol de Maja”, “May Pole” e “May Stanger”, bem como outras representações do gênero nas diferentes regiões da Europa.

Alguns historiadores afirmam que esse tipo de dança existia na América, antes do seu descobrimento, e que os índios mas ainda o incluem em seus costumes.

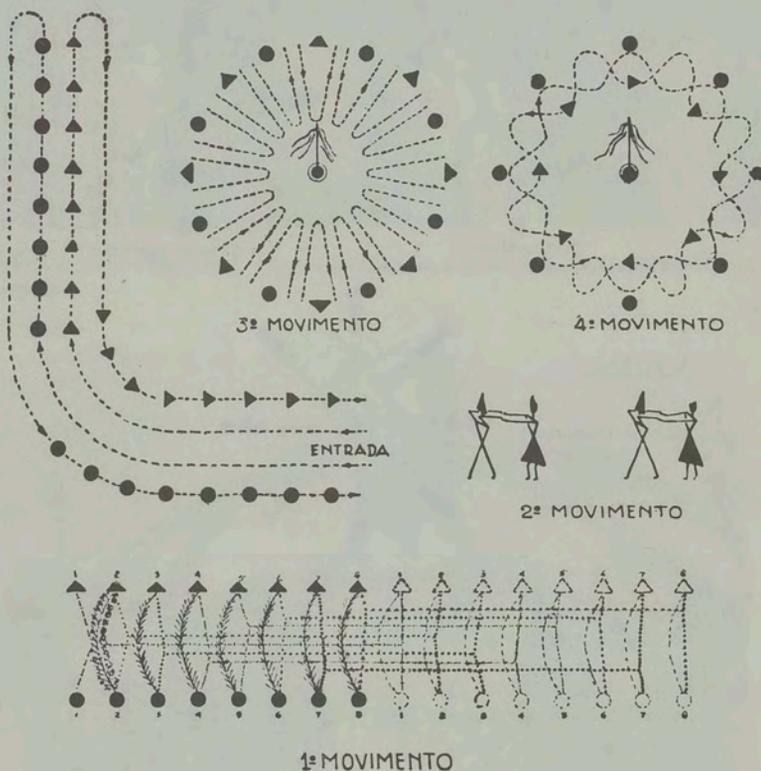
“Dança da Fertilidade”. Era considerada por algumas tribos pagãs de “dança de fertilidade”. Essas erigiam um “totem”, em forma de um membro viril, onde as mulheres estéreis realizavam um “culto”, fazendo evoluções (dança) coreográfica, em volta do mesmo, invocando a proteção dos “deuses”, a pôr fim à esterilidade, tornando-a fértil, visto que a infertilidade da mulher numa tribo era considerada *castigo* dos “deuses”. Atribui-se que daí tenha se transferido às colheitas esse ritual, para isso se usando grandes mastros de árvores abatidas, de onde pendiam ramagens até alcançarem a terra, que eram alçadas pelos homens e mulheres da tribo. E, ritualisticamente, procediam uma cerimônia invocando aos seus “deuses” uma colheita farta.

Jardineira (LAGUNA)



Pau-de-fita

GRÁFICOS DOS MOVIMENTOS DO FOLGUEDO

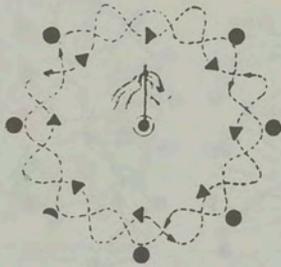


Desenho de A. Bento

Pau-de-fita

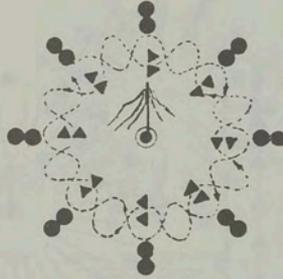
(LAGUNA)

GRÁFICOS DOS MOVIMENTOS DO FOLGUEDO



1º MOVIMENTO

2º MOVIMENTO EM SENTIDO CONTRÁRIO



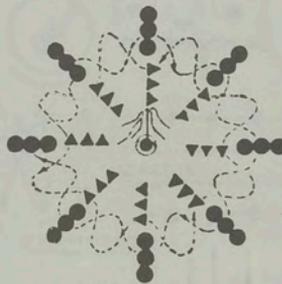
3º MOVIMENTO

LEGENDA

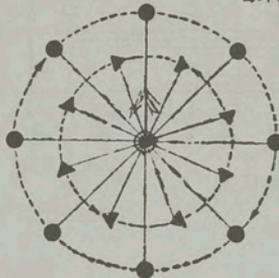


ELEMENTOS MASCULINOS

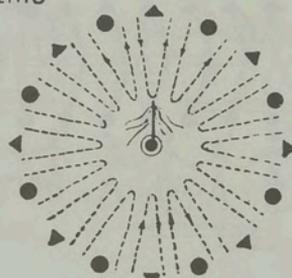
ELEMENTOS FEMININOS



4º MOVIMENTO



5º MOVIMENTO



MOVIMENTO INICIAL
E INTERMEDIÁRIO

Grav. 1911



Pau-de-Fita do Grupo Folclórico "Anciãos da Alegria", da localidade de Saco Grande — Florianópolis.



Pau-de-Fita do Saco Grande, município de Florianópolis, quando o grupo executa o movimento que chamam de Grachê.

No Brasil, encontramos a dança do Pau-de-Fita, em outros estados, como: dança de Tranças, dança das Fitas, dança do Mastro ou Mastro de Fitas.

Em Santa Catarina, registramos a presença do Pau-de-Fita, ainda hoje, em Laguna, Itajaí, Imaruí, Tubarão, Navegantes, Biguaçu, Tijucas, Santo Amaro, Brusque, Araquari, Blumenau, Joinville, Lages, Concórdia, Pomerode, Treze Tílias, e outros, e como recreação infantil em muitas escolas da rede escolar catarinense.

É uma representação das mais lindas do nosso folclore, em grupos pares de oito a doze, por damas e cavalheiros.

No passado, alguns grupos na dificuldade de arranjamem moças, por razões óbvias, se transvestiam, apresentando-se mascarados ou de caras pintadas. Neste caso, focalizamos em nossas páginas um grupo outrora existente na localidade de *Pilões*, no município de Santo Amaro.

Inúmeros são os grupos folclóricos que conservam a dança do Pau-de-Fita; entre eles os ligados aos CTGs — Centros de Tradição Gaúcha.

Em Blumenau, temos o Grupo Folclórico Alpino Germânico, que entre as suas apresentações destaca-se o Pau-de-Fita.

Em Joinville, temos o Grupo Folclórico Silberfliss em que é destaque o seu número “As Frutas e as Flores”.

Em Laguna, registramos um grupo folclórico com o trançamento a “Feiticeira”, que consiste na separação do grupo de doze em grupo de três, com o trançamento das fitas pendentes fora do mastro e a cantoria alusiva à apresentação.

Diz a canção:

“E uma festa junina
Nesta linda brincadeira
Dançando o Pau-de-Fita
Com a Trança feiticeira”

“Nós vamos fazer as tranças
As tranças da feiticeira
Viva a festa junina
Viva a nossa brincadeira”

“Neste céu tão estrelado
Numa noite tão bonita
Nossa turma reunida
Trançando o Pau-de-Fita”

“Salve salve Santo Antônio
São Pedro e São João
Nós viemos festejar
As modinhas do sertão”.

Os versos continuam até o completo destrançamento.

É interessante observar que em nossas pesquisas notamos que somente os grupos de origem “lusa” é que *cantam* versos relacionados às apresentações. É comum se ver adaptação de música popular no ato do trançamento dando ao todo aquela sensibilidade artística de brasilidade. Isso observamos em Tubarão, quando um Pau-de-Fita de nome “Cidade Azul” se apresentou num festival de folclore promovido pelo Lions, em homenagem ao Centenário daquele município, com a adaptação da marcha “Brasil eu te amo”, se constituindo numa verdadeira apoteose ao Brasil. Esses grupos também mantêm as suas orquestras de acompanhamento às cantorias.

Em Florianópolis, no distrito do Ribeirão da Ilha, houve época em que havia um dos melhores Paus-de-Fita do município, cujo trançamento e destrançamento das fitas eram acompanhados por esta linda canção.

“O amor quando nasce
Parece uma flor
É tão delicado
Tão cheio de amor”

“Seria tão bom
Se ele fosse uma flor
Sem ter os espinhos
Da dor. . .”

“Depois que tudo é sonho ao luar
Aparecem os desencantos
E o amor passa a existir
Só na voz dos nossos cantos. . .”

(Segue a pauta musical)

Já os Paus-de-Fita dos grupos folclóricos “teuto-brasileiros”, de origem hispânica ou os CTGs, se apresentam ao som das músicas dos seus conjuntos, constituídos por acordeões, violões, pandeiros, etc., não havendo nenhum registro de números cantados.

Dos Trançamentos

Entre os trançamentos, anotamos: Tramandinho, Trenzinho, Ziguezague, Ziguezague a dois, Rede do Pescador, Feiticeira e um trançamento em que são homenageadas pessoas ou entidades, cujo nome vai aparecendo no ato do trançamento. Sendo um trançamento muito difícil, pois qualquer erro na execução transformará a homenagem em insucesso.

PAU-DE-FITA DOS PILÕES, NO MUNICÍPIO DE SANTO AMARO



Pau-de-Fita de influência mourística, outrora existente na localidade de Pilões, no município de Santo Amaro da Imperatriz.

São vários os Paus-de-Fita que vêm mantendo através dos tempos a sua autenticidade tradicional.

Vamos encontrar essa autenticidade, entre outros existentes, no de Pilões, município de São José. Esse Pau-de-Fita era composto de rapazes, as “damas” eram masculinas; os cavalheiros tinham figurinos de soldados mouros, com bonés, blusas e calças listradas em cores vivas fazendo parte da apresentação a luta entre os cavalheiros e o capitão, estes reclamando o “pagamento da ração”. As damas, além dos vestidos enfeitados usavam chapéus também enfeitados. Os movimentos de trançamento e destrançamento do Pau-de-Fita eram

cantados, acompanhados pelo grupo de tocadores com o chamador, que é o mestre da cantoria. Os tocadores com acordeom, violão e pandeiros usavam fantasias. A apresentação era em cinco movimentos, além da luta do capitão com os cavalheiros, e a meia-lua que consiste no desfile do grupo na chegada e despedida.

Luta do Capitão com os Cavalheiros

Entre os vários escritos que li, sobre a introdução do Pau-de-Fita em nosso folclore, ainda não encontrei referência ao ato da luta que ocorria entre o capitão e os cavalheiros, como no Pau-de-Fita dos Pilões. Suponho ter relação com a luta dos soldados mouros e cristãos, visto que até a vestimenta desses cavalheiros tinham algo mourístico. Não é fora de dúvida esta suposição, pois existe um folguedo popular no nordeste que apresenta uma luta entre mouros e cristãos, numa batalha naval, onde as espadas reluzentes e o pipocar das bombas dão realidade à batalha.

Conforme vimos, o capitão usava um boné tipo bicudo, de topete alto, recoberto de cores vivas predominando o vermelho, camisa branca, com colarinho verde-brilhante e aplicações de listras de fitas de várias cores, com lacinhos vermelho, azul e verde, calça com várias listras verdes e vermelhas, sapatos pretos, destacando-se dos outros cavalheiros, que também usavam vestimenta quase idênticas, mais pelo boné e a blusa que é mais enfeitada, conforme mostra a ilustração.

As "damas" usavam vestidos amarelos, cinturados, de barra verde, sapatos branco esporte e chapéus de palha tipo feminino, enfeitados com fitas e pintados em listras coloridas.

Os próprios executantes da dança desconheciam o significado tradicional dessa luta; era assim no passado e o culto continua.

É interessante assinalar que na cantoria desse Pau-de-Fita os versos se referem a Batalhão; os soldados reclamavam do capitão o dinheiro da nação ou da razão, como os que seguem: "Senhor mestre da dança / Puxa o seu batalhão / Oh sim, Oh sim / Oh senhor capitão / Cadê o dinheiro da nossa nação / — Dinheiro não tenho / Não posso roubar / Procura no bolso / Que hás de encontrar / — Oh soldados teimosos / Que só querem brigar / Com esta espada te corto a barriga. / cuidado soldado eu já avisei / — Na ponta da espada / Eu não morrerei. / — capitão atravessa / para o lado de cá / Sei que já estás cansado / Vamos deixar de lutar. / — Espada pro ar / Espada pro chão / Terminou a luta / De nossa obrigação. / Parte Final — Terminada a luta, as damas iam ao encontro dos cavalheiros, e formando a meia-lua, e saíam cantando em retirada. — Oh meia-lua dentro / Oh meia-lua fora / Senhor mestre da dança / Se apronte e vamos embora. / — Meu senhor mestre da sala / Já pode se reunir / Passe a mão no Pau-de-Fita / É hora de partir. /

Sendo uma dança, conforme historiam, cuja origem se atribui, também, ao culto às árvores como manifestações dos povos primitivos, que as enfeitavam e dançavam em volta delas, até o surgimento das fitas, é possível que algum povo introduzisse essa luta relacionada com um simbolismo qualquer. Ou mesmo fosse buscar inspiração na dança guerreira do Cacumbi, cujo simbolismo representa a luta entre reis de nações africanas. Seja como for, talvez ainda venha

encontrar a razão dessa luta do Pau-de-Fita dos Pilões, cujo ato vibra pela realidade da luta, quando os soldados investem sobre o capitão com suas espadas prateadas e este procura na defesa, simbolizar autenticidade no combate. É realmente o ponto alto da apresentação. (Conforme assinalamos, este grupo foi desfeito).



Trançamento do Pau-de-Fita de Saco Grande, vendo-se o arco-de-flores a tiracolo.



Pau-de-Fita da UFSC.

Pau-de-Fita com Arco-de-Flores

Outro tipo de Pau-de-Fita, este do município de Florianópolis, é o que existe em Saco Grande, interior da Ilha. Esse Pau-de-Fita é quase todo diferente do acima descrito, sendo também composto de “damas masculinas” e integrado por quatro damas e quatro cavalheiros. A sua origem é atribuída aos açorianos. É muito autêntico, pois seus integrantes são homens idosos, sendo o seu chefe sexagenário, que vem mantendo através dos anos a tradição dos seus antepassados. Disse-me que tem sido possível mantê-lo assim por ser somente de homens, pois as mulheres são inconstantes nos compromissos; que já fez uma tentativa de substituir as damas, mas não deu certo. Esse Pau-de-Fita se apresenta com oito movimentos, pois, além dos trançamentos, tem os movimentos dos arcos que é espetacular, e a meia-lua com o desfile do grupo. É todo cantado, sem improvisações, com orquestras de gaita e pandeiros, e o mestre chamador da cantoria.

Arco-de-Flores

Os componentes desse grupo trazem consigo um arco feito com flores de papéis coloridos, que portam a tiracolo.

Buquê de Flores

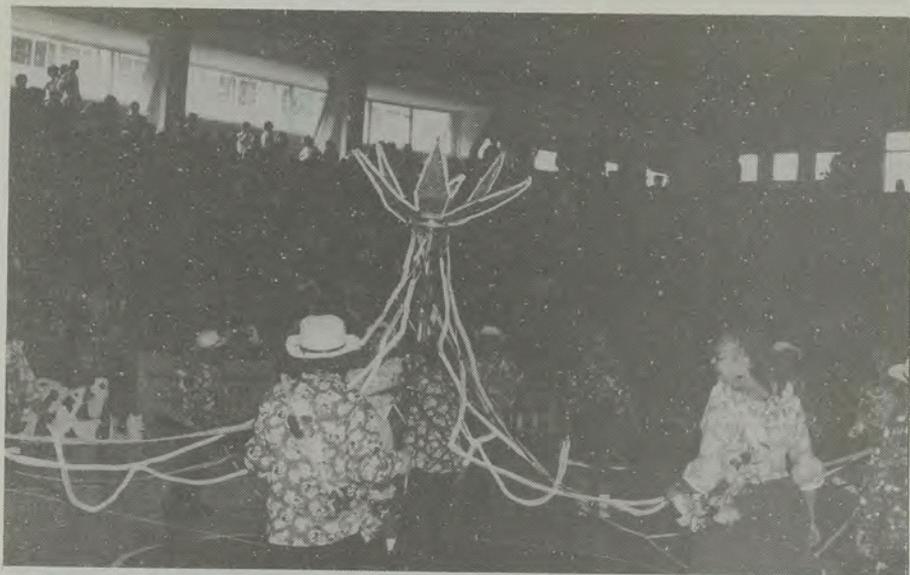
Bem na ponta desse Pau-de-Fita figura um buquê de flores (*), que aparece inicialmente fechado dentro de um “catuto”. Mas no ato da dança é executado um movimento e o catuto vai se abrindo em quatro partes, e do seu interior se eleva. Constitui linda surpresa na apresentação e é assinalado nesses versos — Menino do pau-de-fita / Faz a sua obrigação / Vai abrir o seu buquê / Mostra a todos com atenção. — Após esse movimento, com os versos seguintes é executado o movimento, chamado de Grachê /: Menino do Pau-de-Fita / seu buquê pode fechar / meu senhor mestre da dança / o grachê nós vamos dar.

Grachê — O grachê é um movimento em que os pares dão-se as mãos em movimentos circulares de dentro para fora, trocando-as como se dançassem uma quadrilha. Em seguida já em outro movimento, retiram os arcos-de-flores que são presos ao buquê do Pau-de-Fita, e executam mais um movimento da dança realizado conforme foto anterior.

*Buquê de flores, ou um par de bonecos iluminados, rodeados de flores, dando destaque à mutação da apresentação.



Pau-de-Fita do Grupo Folclórico da UFSC, executando o movimento com o "Arco-de-Flores", quando do topo do mastro abre-se a sua caixa de "mutação", surgindo um buquê de flores. Na foto anterior, o grupo utilizou um catuto; já este preparou a sua mutação com uma caixa hexagonal abrindo e fechando as suas seis partes.



"Rede do Pescador", trançamento do Pau-de-Fita do Grupo Folclórico da UFSC, numa apresentação no dia do "Folclore" (22 de agosto), no Ginásio de Esporte "Charles Edgar Moritz", do SESC de Florianópolis.



Danças do Pau-de-Fita: Rede do Pescador



Dança do Pau-de-Fita — Treze Tílias

LAGUNA: Ponta da Barra

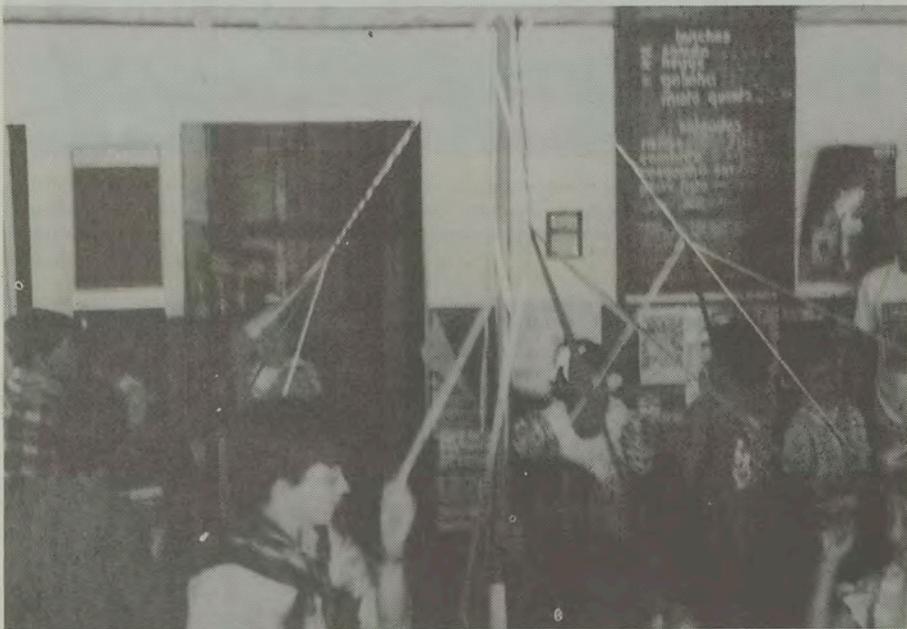
“Dança do Pau-de-Fita”

Fotos de apresentações da Dança do Pau-de-Fita, no Bar do Xodó, na Ponta da Barra, em Laguna.

O Bar do Xodó é de propriedade do Sr. Ademir Machado, grande incentivador de nossas tradições no município de Laguna, onde há 19 anos vem reunindo as crianças para não deixar cair o folclore da região.

Esse tipo de dança vem de longa data na Barra da Laguna. Asseguram que mais ou menos há 70 anos, a Dança do Pau-de-Fita era paixão de uma senhora chamada de dona Filomena, (já falecida).

O texto é uma colaboração especial de dona Nilza Demétrio, com fotos de Elvira Romam Plentz.



Trançamento “A FEITICEIRA”



Trançamento do "TRAMADINHO" — Ponta da Barra — Laguna



Pau-de-Fita do G.E. João Germano Machado, da localidade de Iperoba
— S. Francisco do Sul

Grupo Folclórico "Anciãos da Alegria", de Saco Grande — Distrito de Florianópolis — Fotos: Doralécio Soares.



"ANCIÃOS DA ALEGRIA"





22 DE AGOSTO DE 1990
FESTIVAL DE FOLCLORE:
GINÁSIO DE ESPORTE
"CHARLES EDGAR MORITZ.
APRESENTAÇÃO DA DANÇA
DO PAU-DE-FITA E DOS
ARCOS PELO GRUPO
FOLCLÓRICO DE IDOSOS DA
UFSC.

FESTA RELIGIOSA TRADICIONAL

A PROCISSÃO DO SENHOR JESUS DOS PASSOS E AS SOLENIDADES DA SEMANA SANTA, EM COMUNIDADES CATARINENSES DE RAÍZES AÇORIANAS*

Prof. Lélia da Silva Nunes

Prof. adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina

A preocupação com o resgate de uma tradição religiosa que se mantém desde o século XVIII, com persistência e freqüência ao longo do litoral catarinense, profundamente marcado pela cultura açoriana, motivou a realização deste trabalho onde se pretende mostrar a importância do estudo de uma das manifestações mais significativas de nossa herança cultural, pelo caráter religioso que se reveste, como também pela popularidade de sua celebração plenamente incorporados nos costumes e nas tradições da gente catarinense.

Com base em critérios geográficos, econômicos, históricos e considerando-se também a presença de manifestações culturais significativas ligadas aos contingentes étnicos que povoaram as diferentes partes do território catarinense, foram escolhidos, na região da Grande Florianópolis, os municípios de Florianópolis e São José e, na região de Laguna, os municípios de Laguna, Imaruí e Imbituba, entre os quais subsistem laços culturais evidentes, derivados de uma história comum e de estilos de vida semelhantes, ligados ao trabalho do mar e à herança açoriana.

Como estratégia para o seu desenvolvimento, o trabalho compreende, fundamentalmente:

- 1 — Procissão do Senhor Jesus dos Passos, apresentando:
 - a) lavação da imagem; b) a transladação (procissão da mudança); c) a procissão propriamente dita — reconstituição dos passos do Calvário, destacando-se nesta cerimônia o encontro com a imagem da N. Sa. das Dores e o tradicional “Sermão do Encontro”;
- 2 — Oferece-se as diversas solenidades que compreendem a celebração da Semana Santa, enfocando: a) Liturgia do Lava-Pés e Celebração da Ceia do

* Trabalho apresentado na III Semana de Cultura Açoriana e Catarinense em novembro de 1989. Ponta Delgada (I. São Miguel) e Angra do Heroísmo (I. Terceira) arquipélago dos Açores — Portugal.

Senhor na Quinta-Feira Santa; b) Cerimônia da Descida da Cruz, Sermão da Solenidade, Procissão da Imagem do Senhor Morto, na Sexta-Feira Santa;

- 3 — Irmandade do Senhor Jesus dos Passos: sua história, sua organização e seu papel na preservação desta tradição secular;
- 4 — Finalmente, pretende-se identificar nos Açores, comunidades onde se realizam as solenidades da Semana Santa, especialmente a Procissão do Senhor Jesus dos Passos, na tentativa de buscar uma linha de comparação ou pontos de aproximação.

1. PROCISSÃO DO SENHOR JESUS DOS PASSOS

A Procissão do Senhor Jesus dos Passos, de grande tradição em Santa Catarina, representa momento de profunda religiosidade popular, particularmente visível nos seus símbolos e rituais que acompanham a sua preparação e celebração.

Nas comunidades estudadas, sua realização está vinculada a sua própria formação histórica e associada à vida da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos.

Acontece todos os anos no quinto domingo da Quaresma, sendo que os primeiros registros de sua realização remontam ao século XVIII.

1.1 — Florianópolis — Antiga Desterro

A primeira celebração teria acontecido em 1766, dois anos após a chegada da imagem a Desterro e da fundação da confraria — “Irmandade do Senhor dos Passos”, conforme referência assentada na “1ª prestação de contas da Irmandade do Senhor dos Passos” datada de 27 de setembro de 1767 e apresentada por seu ex-tesoureiro padre dr. Inácio José Galvão. Em seus registros estão anotadas despesas efetuadas com sermões, fitas, tecidos, linhas, cera, feito de balandrau entre outras, para a procissão de 1766 (FONTES, 1965).

Quanto à imagem do Senhor Jesus dos Passos, conta a tradição que ela chegou a Desterro (sede da Capitania de Santa Catarina) em 1764, após várias tentativas para entrar na barra do Rio Grande do Sul. Representa Nosso Senhor Jesus Cristo a caminho do Calvário, com cruz aos ombros, caído sobre um dos joelhos, cabelos longos e verdadeiros, escultura de extraordinária expressividade e beleza, é de autoria atribuída ao escultor baiano Francisco Chagas, alcunhado “o Cobra”.

É assim, que até hoje, a imagem se apresenta, sendo conservada e venerada ao longo das gerações por mais de duzentos anos.

A Procissão do Senhor Jesus dos Passos, pouco mudou nos seus séculos de celebração em Florianópolis. Apresenta três momentos importantes: a lavagem da imagem, a transladação (a procissão da mudança) e a procissão propriamente dita.

Quinze dias antes da Sexta-Feira Santa ocorre a lavagem da imagem de Nosso Senhor Jesus dos Passos. A lavagem é realizada por duas crianças menores de seis anos. É passado um pano embebido em água perfumada nos pés, rosto e mãos. Após a lavagem, esta água é benta e distribuída entre pessoas que procuram dessa água para cura de algum mal.

Após a lavagem a imagem é preparada e vestida por quatro senhores da

Irmandade. No Livro 2º de termos da Irmandade, fls. 9v e 10, citado por Fontes (1965:197-198), está registrado que em 1783 esta tarefa era das mulheres pertencentes à confraria.

“Que se fará aviso daqui em diante, cada ano a duas das nossas Irmãs para que, na véspera do dia da procissão, pratiquem o louvável costume, que se usa em outras partes, de virem vestir a santa imagem do Senhor e aprontar o mais necessário para ele sair nesse dia. . .”

No sábado da quinta semana da Quaresma, após a celebração da missa, às sete horas da manhã ocorre a procissão da mudança. Começa com a mudança das alfaias que compreendem vários objetos utilizados na procissão como castiçais, mesas, suportes, escadinha da Verônica, baús, crucifixos, etc., da capela do Menino Deus para a Catedral Metropolitana. No mesmo dia, à noite, é transladada a imagem do Senhor Jesus dos Passos com acompanhamento de fiéis para a Catedral de onde sairá, no dia seguinte, a Procissão do Senhor Jesus dos Passos.

A transladação é uma procissão silenciosa. Sem cantos e nem bandas. Somente as orações dos fiéis. No passado, por onde o cortejo passava, as casas eram enfeitadas, suas janelas com flores e toalhas, e suas ruas eram ornadas com tapetes de folhas e flores. Hoje, este costume deixou de ser praticado, embora em algumas casas ainda se enfeitem as janelas, o que representa uma lembrança da colonização açoriana.

Às 10 horas da noite, percorrendo o mesmo trajeto, a imagem da N. Sa. das Dores é levada à Catedral acompanhada da Irmandade da N. Sa. das Dores e devotos.

No domingo, pela tarde, ocorre a procissão propriamente dita. Saem da Catedral as duas imagens, porém percorrendo trajetos diferentes. A Procissão do Senhor Jesus dos Passos percorre as ruas centrais de Florianópolis e reconstitui os passos do Calvário, representando a “via crucis”. Grande é o número de populares e autoridades que acompanham a tradicional procissão, além dos membros da Irmandade, com suas roupas roxas. Integram o cortejo crianças vestidas de anjos e pessoas da comunidade representando as figuras de José de Arimatéia, Nicodemus, São João, Maria Mãe, Maria Madalena, Simão Cirineu, Três Beús, apóstolos, centuriões romanos e a Verônica. No decorrer da procissão acontece algumas paradas. Neste momento a Verônica com um lenço enxuga o rosto da imagem de Jesus e canta a sua dor. Após o canto da Verônica, a matraca é tocada e o seu som é o sinal para dar prosseguimento ao cortejo.

Cabe aqui registrar que o primeiro lenço usado pela Verônica na Procissão do Senhor Jesus dos Passos em Florianópolis — antiga Desterro — foi mandado pintar em 1767 pela Irmandade (Fontes, 1965). É também desta mesma época a introdução de música no cortejo (Bandas) e a doação dos tradicionais cartuchos de amendoim coberto de açúcar para os anjos da procissão e pessoas que ajudaram na sua realização.

Ao atingir a praça XV de Novembro, nas proximidades da Catedral Metropolitana, dá-se o comovente “Encontro” das duas imagens: Nosso Senhor Jesus dos Passos e Nossa Senhora das Dores. Neste momento tem lugar o “Sermão

do Encontro". O pregador fala sobre a Paixão do Senhor. Após o "Sermão do Encontro" as duas procissões se unificam e seguem em direção à capela do Menino Deus (transformada em Calvário) onde ficarão. Encerra-se, assim, a procissão do Senhor Jesus dos Passos. ⁽⁶⁾ No entanto, o ritual de sua organização só termina na segunda-feira pela manhã, com a mudança das alfaias da Catedral para a capela do Menino Deus (no Hospital de Caridade) onde serão guardadas até o próximo ano. Geralmente, a procissão da mudança é realizada por pessoas que fizeram promessas ao Senhor Jesus dos Passos ou alcançaram alguma graça. Verifica-se a presença de pessoas "pagadoras de promessas" não só na procissão da mudança, como também durante a Procissão do Senhor Jesus dos Passos, num comovido testemunho de fé e de devoção que se transmite de geração a geração.

1.2 — São José da Terra Firme

Na metade do século XVIII (1750), casais açorianos lançaram os fundamentos de uma povoação — "São José da Terra Firme". Desde os primórdios da sua fundação, destacou-se a fé católica e a acentuada religiosidade transplantada dos Açores.

Tanto no culto interno como no externo, ainda hoje as festas são comemoradas com grandes pompas. No entanto, observa-se que a chegada de elementos germânicos e italianos advindos de Angelina, Santo Amaro da Imperatriz, São Pedro, Colônia Sant'Ana e Santa Teresa tem contribuído para alterar os costumes e a vida de São José. Muitas das tradições açorianas com o passar do tempo deixam de ser realizadas e desaparecem. A Procissão do Senhor dos Passos é um exemplo dessa realidade. A cada ano que passa assiste-se a um gradativo esvaziamento de público. Porém, a procissão com seus rituais de preparação e celebração ainda se mantém.

A procissão do Senhor Bom Jesus dos Passos, em São José, começou nos idos de 1857 com a criação da Irmandade do Senhor dos Passos e a construção da capela do Nosso Senhor dos Passos pelos membros da confraria. Ocorre sempre no quinto domingo da Quaresma sob a responsabilidade da Irmandade que é encarregada da preparação prévia da imagem, do andor e de toda celebração.

Na sexta-feira à noite, que antecede o domingo de Passos, acontece a procissão de N. Sa. das Dores. Ela sai da capela do Nosso Senhor dos Passos para a igreja matriz em cortejo silencioso, reservado e de pouco acompanhamento. No dia seguinte, sábado à noite, ocorre a procissão de transladação, quando a imagem do Senhor dos Passos é conduzida para a igreja matriz acompanhada pelos fiéis, irmãos de balandras roxas e velas, mas em silêncio, como é costume.

No domingo à tarde realiza-se a Procissão do Senhor dos Passos, saindo da igreja matriz com grande acompanhamento de fiéis.

Da igreja matriz também parte a procissão de N. Sa. das Dores; percorrendo trajetos diferentes as duas procissões se "encontram" em frente à praça central da cidade.

1.3 — Laguna

Entre as solenidades tradicionais religiosas que acontecem em Laguna, a Procissão do Senhor dos Passos ao lado da festa do padroeiro — Santo Antônio dos Anjos — ocupa lugar de destaque pelo seu valor, significação e historicidade. Esse ato que relembra para os católicos uma parcela da trágica caminhada para o Calvário, assume também em Laguna as proporções de um grande acontecimento religioso e popular.

Sua origem confunde-se com a fundação da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos criada em 1764 para promover a devoção do Senhor dos Passos.

Realiza-se no quinto domingo da Quaresma. É organizada pelos membros da Irmandade, pela paróquia de Santo Antônio e por membros da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Santo Antônio dos Anjos.

O cerimonial começa pela transladação da imagem do Senhor Jesus dos Passos, a qual tem lugar sábado de Passos, à noite. Nesta ocasião, a respectiva Irmandade e população em geral a conduzem da sua capela (sediada no Hospital de Caridade Senhor Bom Jesus dos Passos) à igreja matriz, para a procissão do dia seguinte. Pelas luzes das velas e pela grandiosidade do cortejo, esse préstito cultural impressiona vivamente aos que lhe assistem. Ao chegar na matriz, o povo se aproxima do andor para as orações habituais e para a entrega de “promessas”. A seguir, o Senhor é colocado junto ao altar-mor, onde uma guarda de irmãos se revezam numa vigília silenciosa.

A “entrega de promessas” ocorre também em Florianópolis. Aliás, é um costume secular já registrado por Virgílio Várzea no final do século passado em sua obra “Santa Catarina — a Ilha” de 1900. Realmente, são comoventes as mensagens, os pedidos, os agradecimentos contidos nas “promessas escritas” carregadas de fé e esperança e deixados pelos fiéis na imagem do Senhor dos Passos.

O Encontro — no mesmo instante em que saía a Procissão do Senhor dos Passos da igreja matriz, seguia por outra direção, a procissão de Nossa Senhora das Dores. Os dois cortejos se encontram na Igreja matriz na praça da Bandeira. O comovente “Encontro” das duas imagens atinge os fiéis que em atitude contrita assistem ao solene momento. Começa, então, o “Sermão do Encontro” que relembra esta sublime e triste passagem do Novo Testamento.

As duas procissões seguem lado a lado até as proximidades do Hospital de Caridade, onde se localiza a capela. As duas procissões se dividem: a do Senhor dos Passos sobe a ladeira e sua imagem será depositada na capela do Senhor Jesus dos Passos; enquanto a procissão de Nossa Senhora das Dores continua até a igreja matriz, encerrando a celebração de Passos na cidade de Laguna.

1.4 — Imbituba

A Procissão do Senhor Bom Jesus dos Passos em Imbituba apresenta características bastante semelhantes às solenidades realizadas em Laguna.

As primeiras procissões aconteceram na metade do século XIX com a criação da Irmandade do Senhor dos Passos. Embora sua frequência tenha diminuído, ela se mantém ao lado das principais festividades religiosas do município, a saber: Nossa Senhora da Conceição (padroeira) e a do Divino Espírito Santo

nos distritos de Mirim e Vila Nova (antiga freguesia de Sant'Ana fundada por açorianos em 1752). O cerimonial é idêntico ao de Laguna.

1.5 — Imaruí

A principal festa religiosa de Imaruí é a Procissão do Senhor dos Passos. Pelos anos de celebração e pela tradição mantida de geração a geração, a procissão do Senhor dos Passos assume, na pequena cidade de Imaruí, a proporção de um grande acontecimento. Anualmente de todas as partes aflui levas de devotos, carregados de “promessas” e ofertas consagradas à Imagem do Senhor dos Passos.

É provável que o cerimonial do domingo de Passos tenha iniciado com a chegada da imagem no começo do século XIX, tendo em vista que a Irmandade de Nosso Senhor dos Passos foi fundada em 1º de março de 1839.

Quanto à imagem do Senhor, não há registro quanto a sua procedência, seu destino ou mesmo quanto ao artista que a esculpiu. Trata-se de uma imagem talhada em madeira de extraordinária perfeição. Olhos baixos, semblante triste, compleição de homem alto. Figura de tão dolorosa e impressionante beleza foi cercada de veneração e piedade a toda prova por parte dos imaruíenses, relata Andréa R. Bittencourt (1987). Tudo que se sabe a seu respeito está vinculado à tradição oral, ou seja, o que os antepassados contaram e que seus filhos foram transmitindo aos seus descendentes.

Segundo as palavras simples e devotas da comunidade de Imaruí, existiam barcos de alto calado que levavam farinha da mandioca e outros mantimentos para o Rio de Janeiro e Bahia. Um desses barcos, de propriedade de José Silvano (de Imaruí), ao regressar dessas viagens trouxe na sua carga um caixote, cujo destinatário não foi encontrado. O barco em que se encontrava a caixa estava sendo carregado em Laguna e tomou-se a decisão de levá-la de volta. Porém, “por vontade divina” foram infrutíferas as várias tentativas de sair barra afora. O barco foi assolado por ventos fortes, temporal e altas vagas, tornando impossível a partida. Resolveram desembarcar o caixote no armazém do porto de Laguna e seguiram viagem com tranqüilidade. O dono do barco levou o caixote para Imaruí e no trapiche ao abri-lo deparou com a primorosa imagem do Santo. A imagem do Senhor dos Passos foi guardada na igreja, onde permanece até hoje.

A Procissão do Senhor dos Passos cai sempre no quinto domingo da Quaresma. Na sexta-feira que precede a festa de Passos, dois senhores idosos da irmandade lavam e preparam a imagem. Na lavagem usam vinho. No passado, a irmandade comprava duas garrafas de vinho para lavar a imagem. Hoje, são utilizadas setenta garrafas de vinho doadas pelos fiéis que depois vão buscá-las para uso medicinal. Após o “banho de vinho”, a imagem do Senhor Jesus dos Passos é vestida, colocada sobre um andor e encerrada numa espécie de biombo roxo. Na sexta-feira à noite, sem grande acompanhamento, é levada para a capela do Senhor dos Passos onde será velada pelos irmãos da confraria, pagadores de promessas e fiéis até o raiar de sábado. Sábado de Passos, afluem de todos os lados devotos e penitentes. À noite, ocorre a procissão da translação. A imagem do Senhor dos Passos, em cortejo iluminado pela luz das velas e lanternas, segue em profundo silêncio e respeito em direção à igreja matriz acompanhado pelo comovente som da marcha fúnebre executada pela banda local.

Domingo, à tarde, começa a solene procissão pelas principais ruas de Imaruí, revivendo o caminho do Calvário.

O grande momento da procissão é o encontro das imagens do Senhor dos Passos e N.Sa. das Dores. Realiza-se o "Sermão do Encontro", em seguida as duas procissões se fundem e seguem juntas para a igreja matriz.

A devoção do Senhor dos Passos envolve todos os filhos de Imaruí, mesmo os que moram fora. A prefeitura municipal e o comércio patrocinam a festa tradicional que tantos devotos atrai anualmente.

De tantas festas religiosas efetuadas no Estado e registradas através do mapeamento da cultura popular (em torno de duzentas) é a Procissão do Senhor Bom Jesus dos Passos a que mais comove e impressiona o espírito popular e a devoção grandiosa que envolve. De todos os atos religiosos que se celebram, é, sem dúvida, a transladação e a Procissão de Passos a mais imponente e significativa.

2. Celebração da Semana Santa

A Semana Santa no Estado catarinense é celebrada em todas as paróquias, de acordo com a liturgia da Igreja Católica.

Compreende: a Liturgia do Lava-Pés na Quinta-Feira Santa e a Cerimônia da Descida da Cruz, Sermão da Soledade e Procissão da Imagem do Senhor Morto, na Sexta-Feira Santa.

De um modo geral, não há diferenças nas cerimônias da Semana Santa. Porém, nas comunidades litorâneas, principalmente algumas paróquias revivem a cerimônia da Descida da Cruz e realizam a procissão da Imagem do Senhor Morto.

Nas comunidades estudadas: Florianópolis, São José, Laguna, Imaruí e Ibituba, as solenidades da Semana Santa estão incorporadas profundamente nas tradições populares e se destacam pela sua significação e magnificência.

Na Quinta-Feira Santa, à noite, durante a celebração da santa missa acontece a cerimônia do Lava-Pés. Na homilia, o sacerdote profere o sermão do Mandato, explicando a liturgia do Lava-Pés, e o significado do gesto de Cristo ao lavar os pés de seus discípulos durante a ceia pascal. É o mandato do amor, de servir uns aos outros com toda humildade, explica o pregador. Após o sermão, o sacerdote representando Cristo, deita água numa bacia e começa a lavar e enxugar os pés de doze pessoas da comunidade que foram convidadas para figurarem como apóstolos na cerimônia. Geralmente são encenados por jovens ou meninos com idade entre 10 e 15 anos.

A partir do momento da comunhão cessam os sinos e só voltarão a soar na missa da Ressurreição. A igreja fica silenciosa e passa-se a ouvir somente os sons das "matracas".

Encerrada a liturgia do Lava-Pés e a celebração da ceia do Senhor, é colocado em exposição o Santíssimo Sacramento. Começa a "Noite de Vigília", onde durante toda a noite de Quinta para Sexta-Feira Santa, os fiéis se revezam em adoração ao Santíssimo Sacramento.

Na Sexta-Feira Santa pela manhã continua a adoração do Santíssimo Sacramento, à tarde tem início as solenidades da Descida da Cruz. Em algumas

paróquias se resume a uma ação litúrgica na igreja com adoração, pregação e distribuição da comunhão.

Cenas do Calvário

Em Florianópolis, São José e Imaruí é costume montar a cena do Calvário no interior da igreja. Com a presença das figuras de Maria Madalena, Maria Salomé, Maria Mãe, São João, José de Arimatéia, Nicodemus, as três Beús, centuriões romanos e a Verônica, é encenada comumente cerimônia da Descida da Cruz. Em Imbituba, essa representação acontece na rua, em frente à igreja matriz. Já em Laguna não se realiza mais a cerimônia da Descida da Cruz. Somente são lembradas as passagens do Calvário num ambiente de muita oração.

Com a tradicional procissão da Imagem do Senhor Morto, encerra-se as solenidades da Semana Santa. Na noite de Sexta-Feira Santa, em grande cortejo, sai a procissão do Senhor Morto (também chamada "Procissão do Enterro") pelas ruas centrais da cidade. É grande o número de fiéis que participam desse préstito. No início da noite organiza-se o cortejo, dispostas as irmandades, fiéis e os anjos em duas alas portando velas acesas. A seguir, as figuras bíblicas de São João, Maria Madalena, Salomé, Maria Mãe, Verônica, três Beús, Nicodemus e José de Arimatéia. Ladeiam o esquife do Senhor as autoridades civis e religiosas. Complementa o séquito a banda de música que rompe o caminho com uma marcha fúnebre, penitentes e povo em geral.

Ao chegar a procissão à igreja, acontece o "Sermão da Soledade", pregação fúnebre que fala da dor pela morte do Senhor. Terminado o sermão, recolhe-se o andor e a igreja é fechada. Só será reaberta no Sábado de Aleluia na missa da Ressurreição. Encerram-se, assim, as solenidades da Paixão do Senhor.

3. IRMANDADE DO SENHOR BOM JESUS DOS PASSOS

As Irmandades constituem, na história eclesiástica e cultural brasileira, instituições tão profundamente arraigadas, que sua presença é registrada não apenas no ambiente da igreja, como também na vida comunitária, incentivando a arte, o artesanato, preservando tradições seculares, administrando obras assistenciais e influenciando na própria política local e regional.

A administração das colônias portuguesas era extremamente centralizadora. Uma irmandade era fundada por uma provisão eletiva e assinada pelo bispo da jurisdição. Instituída a irmandade no fórum eclesiástico, procedia-se o termo de abertura do "Livro de Compromisso" que era enviado a Portugal para aprovação do rei e formulação de exigências complementares (ARNS, A.: 1975). Após a aprovação do rei, o Compromisso voltava à irmandade para o juramento de fidelidade dos irmãos e para registro no Tribunal das Ordens e Confrarias.

A admissão dos membros da irmandade realizava-se mediante compromisso de obrigações assumidas e contribuição monetária em forma de jóias e/ou anuidades. Qualquer alteração nos termos do Compromisso só era considerada válida após receber a aprovação do Tribunal da "mesa de consciência" de Sua Alteza Real.

O livro de atas das irmandades representa um valioso acervo histórico, informando, através do inventário de cada exercício, as atividades da irmandade e suas relações com a comunidade.

As irmandades em Santa Catarina surgem no século XVIII, sendo que, por antigüidade, destaca-se a Confraria da Ordem Terceira (1745) e a Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (1750) em Desterro (hoje Florianópolis) e a Irmandade do Santíssimo Sacramento e Santo Antônio (1753) em Laguna.

A Irmandade do Senhor dos Passos, objeto deste estudo, aparece anos mais tarde. As mais antigas são a de Laguna fundada em 1764 e a de Desterro (hoje Florianópolis) em 1765.

Cada uma apresenta sua história e seus costumes mantidos de geração em geração. Responsáveis pelas solenidades de Passos e Semana Santa, as associações religiosas atuam também junto a entidades assistenciais e na manutenção dos hospitais de caridade.

Em Imaruí, a Irmandade do Nosso Senhor dos Passos foi fundada em 1839, com a chegada da imagem do Senhor Jesus dos Passos.

O trabalho voluntário em prol dos mais necessitados caracteriza a sua atuação junto à comunidade. Zelar pela capela e imagem e organizar a Procissão de Passos é sua atribuição mais reconhecida popularmente. Talvez por representar a Procissão de Passos a mais importante manifestação religiosa de Imaruí. A Irmandade de Senhor dos Passos, fundada em Imbituba na mesma época (séc. XIX), mantém atividades semelhantes além de administrar o Hospital São Camilo.

As Irmandades de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos do município de São José foram criadas em 1855. No ato de sua criação, tratou-se também da construção da capela. Em 1940, na palestra proferida no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, o major Tolentino de Souza fez referência à celeuma criada em torno da escolha do local apropriado para a elevação da capela e que gerou sério atrito entre o vigário da paróquia e os membros da Irmandade. O pároco, vendo sua proposta de localização da capela rejeitada, sentiu-se desprestigiado e do alto do púlpito vaticinou que a construção seria começada, porém, nunca concluída. De fato, foi preciso quase um século para que as obras da capela fossem terminadas.

A Irmandade de Senhor dos Passos de São José, além de cuidar da capela e da imagem do Senhor é responsável pelo Cemitério da Confraria onde são sepultados os Irmãos.

Organizam a Procissão de Passos e Semana Santa e participam ativamente de outros festejos tradicionais da paróquia, como a festa do Divino Espírito Santo e as festas juninas.

No trabalho de voluntariado prestam assistência aos idosos através do Grupo de Idosos Senhor dos Passos sediado no centro comunitário.

Em Laguna, a Irmandade Nosso Senhor dos Passos foi fundada em 1764 com a finalidade de promover a devoção do Senhor dos Passos e realizar as cerimônias de Passos e Semana Santa.

Em 06/08/1875 a Irmandade com a imagem foi transferida para o Hospital de Caridade, que tomou o nome de Hospital São Bom Jesus dos Passos; condição imposta por Dom João Becker, quando autorizou a transferência da imagem

e que foi ratificada pela Lei Provincial nº 1.017, de 10 de maio de 1883.

A Irmandade é hoje composta por vinte e oito membros. Não é permitida a participação de mulheres. Os irmãos exercem um trabalho voluntário na administração do Hospital. Sendo que na prática eles atuam junto à centenária Irmandade do Santíssimo Sacramento e Santo Antônio, tendo em vista que os irmãos da Irmandade de Passos pertencem também à de Santo Antônio, que é a devoção mais importante do Sul catarinense.

Finalmente, apresenta-se a mais expressiva e atuante Irmandade de Passos de Santa Catarina — a de Florianópolis, fundada em 1º de janeiro de 1765 na antiga vila do Desterro.

A chegada da imagem do Senhor dos Passos em Desterro em 1764 e sua posterior permanência, suscitou a organização de uma Irmandade para venerá-la e festejá-la. Seu nome original “Irmandade do Senhor dos Passos” foi alterado no Compromisso aprovado pela Lei Provincial nº 141, de 29 de abril de 1840 para “Irmandade do Senhor Jesus dos Passos” (Fontes, 1965). Mas os cronistas da época, os irmãos e a própria população continuaram a usar o nome primitivo.

Do ato de sua fundação, em 1765, participaram vinte e cinco pessoas, entre as quais as de maior representação na sede da Capitania, como o governador, o ouvidor, o vigário da Vara e o provedor real da Fazenda, conforme salienta Fontes, (1965) em seu relato sobre a História da Irmandade e do Hospital de Caridade. Do quadro de fundadores, dez eram portugueses do continente e dois da ilha da Madeira e três dos Açores; sendo que o 1º provedor foi o governador da Capitania, o português cel. Francisco Cardoso de Menezes e Souza.

A capela que abrigaria a imagem do Senhor dos Passos começou a ser construída em 1768, junto à capela do Menino Deus, elevada pela beata Joana de Gusmão em 1762, graças à provisão necessária concedida pelo Bispo do Rio de Janeiro em 03/07/1767. A capela do Menino Deus e seus pertences, após a morte da beata Joana de Gusmão, passou para a irmandade de acordo com a determinação do Governador em Portaria de 18/10/1781 (livro 2º de inventários, fls. 4 e 5 — citado por Fontes, p. 175).

A irmandade se caracterizava como uma associação de confraternização de homens livres. Os escravos tinham a sua confraria — a Irmandade N. Sa. do Rosário dos Pretos. No livro da Irmandade (atas e registros) os escravos aparecem como propriedade e não como irmãos.

A presença da mulher nos quadros da irmandade é verificada desde os primórdios tempos da sua fundação, mais precisamente em 1767.

Até 1782 a Irmandade dedicava-se essencialmente ao culto do Senhor dos Passos, manutenção da capela e equipamentos e organização das solenidades de Passos e Semana Santa. A partir de 1782 a Irmandade deu novo rumo às suas atribuições, fundando a “Caridade dos Pobres”. Consistia na prática de obras de misericórdia nas pessoas de enfermos indigentes. Enquanto não se construía um hospital em benefício dos pobres, os irmãos davam abrigo em suas próprias casas, contribuía com o sustento e doação de remédios.

Finalmente, em 1º de janeiro de 1789, no 25º ano de trabalho da Irmandade, é inaugurado o Hospital de Caridade, em terreno doado pelo açoriano (da ilha do Faial) André Vieira da Rosa.

Em 16 de agosto de 1815, o bispo do Rio de Janeiro, Dom José Caetano Coutinho, aprovou o Compromisso da Irmandade Senhor dos Passos e capela do Menino Deus.

Desde a sua fundação até os dias atuais, a Irmandade do Senhor dos Passos de Florianópolis tem se dedicado à prática da caridade e à devoção ao Senhor dos Passos. Para a realização de suas atividades ela conta com recursos financeiros provenientes, principalmente, das anuidades pagas pelos irmãos, esmolas e donativos de diversas naturezas. Sendo responsável pela administração do Hospital de Caridade, a Irmandade luta ano após ano pela sua manutenção. Hoje, o hospital sobrevive graças ao trabalho voluntário e às contribuições da comunidade catarinense.

A Irmandade do Senhor dos Passos em Florianópolis conta atualmente com três mil membros (homens e mulheres), sendo que quinze irmãos presididos pelo provedor-mor foram eleitos por um período de dois anos para dirigir as ações dessa centenária confraria.

As Irmandades do Senhor dos Passos em Santa Catarina mantêm, ainda, as estruturas do século XVIII, pouco se amoldando às novas estruturas eclesiais. No entanto, a sua "práxis" acompanha as mudanças e inovações da sociedade moderna e a laicização em seus quadros é crescente. No entanto, o "Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo" são mandamentos que resumem a vida das Irmandades durante todos esses anos.

Para melhor conhecer as Irmandades do Senhor dos Passos, foi relevante os depoimentos dos provedores e o acesso ao livro de atas da irmandade, porque possibilitaram o entendimento de sua organização, de seu papel na preservação da devoção do Senhor dos Passos, na celebração da Semana Santa e na atuação na comunidade catarinense.

4. NOS AÇORES

O arquipélago dos Açores é constituído por três grupos de ilhas: Oriental que engloba Santa Maria, São Miguel e o Ilhéu das Formigas; o Central formado por Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico e Faial e o Ocidental com as Flores e o Corvo. Destas ilhas entre 1748 e 1756 saíram seiscentos mil açorianos, povoaram o litoral catarinense e deixaram suas marcas na cultura popular catarinense.

Faz parte desta herança cultural a religiosidade do povo açoriano, que mesmo distante de sua pátria continuou mantendo e difundindo as crenças, os usos, os costumes e as tradições religiosas do arquipélago.

Ao pesquisar as festas religiosas tradicionais, e em especial a Procissão dos Passos em comunidades de raízes açorianas, teve-se a preocupação de buscar referências sobre a sua realização nos Açores.

As fontes bibliográficas à disposição não revelaram muito sobre as solenidades da Semana Santa e a Procissão do Senhor dos Passos. No entanto, a profunda religiosidade do povo açoriano, que é essencialmente católico, comprovam que de acordo com a liturgia da Igreja, as cerimônias da Semana Santa se realizam comumente em todas as cidades, vilas e freguesias. Na ilha Terceira, por exemplo, que é sede do bispado, na Semana Santa as celebrações próprias da época são muito solenes com a presença de autoridades civis e eclesiais.

Quanto às procissões açorianas, estas se caracterizam por um ordenamento, um enquadramento na sua formação. Assinala Carreiro da Costa (1964), que há nelas uma rigorosa observância litúrgica. Este mesmo ordenamento formal e observância litúrgica foi constatada nas procissões do litoral catarinense.

Na cidade da Horta, na ilha do Faial acontece a Procissão de Passos, crucificação e morte.

Em São Miguel, na vila Franca do Campo e Ribeira Grande ao lado da tradicional festa do Santo Cristo dos Milagres, destaca-se especialmente as procissões dos Passos, dos Terceiros e de Endoenças.

A procissão dos Terceiros, ou da Penitência, com andores dos santos que praticaram severas mortificações, é a primeira da Quaresma.

A das Endoenças ou do Enterro, é a procissão do Senhor Morto que se realiza na Sexta-Feira Santa, evocando cenas bíblicas, com figuras dos profetas, Maria Madalena, os evangelistas, as três Marias e o esquife de Jesus ladeado por José de Arimatéia e Nicodemus.

A dos Passos que acontece no quinto domingo da Quaresma. Ocorre a Procissão de Passos, com bandas de música fechando o cortejo e andor com Jesus carregando aos ombros o instrumento do seu suplício.

Durante a Quaresma, saem “os Romeiros” — grupos de homens percorrem a pé São Miguel, chefiados por um “Mestre”, rezando junto das igrejas e capelas em devoção à Nossa Senhora.

Estas foram algumas referências encontradas sobre a Procissão de Passos e a Semana Santa nos Açores.

Há necessidade de buscar novos dados que contribuam para enriquecer o conhecimento desta manifestação religiosa tão significativa para a cultura popular catarinense e possibilitar uma comparação entre elas.

A nível pessoal, constituir-se-á no ponto de partida para um estudo mais profundo sobre as festas religiosas tradicionais e suas manifestações em solo catarinense que se pretende desenvolver dentro do projeto “Mapeamento da Cultura Popular do Estado de Santa Catarina”.

BIBLIOGRAFIA

- ARNS, A. B. *Laguna, uma esquecida epopéia de Franciscanos e Bandeirantes, e a história de uma velha igreja*. Edição da Autora, Curitiba, 1975.
- BITTENCOURT, A. R. *Festas Tradicionais em Imaruí*. Pesquisa acadêmica. Mimeo., UFSC, 1987.
- BRANDÃO, C. R. *Festas Populares Brasileiras*. Org. Cláudia Marcia Ferreira, Prêmio Editorial, São Paulo, 1987.
- CABRAL, O. *História de Santa Catarina*. Ed. Laudes, 2ª ed., Florianópolis, 1970.
. *Nossa Senhora do Desterro* — Notícia II, UFSC, Florianópolis, 1972.
- COELHO, I. A. B. *Os Açores*. Coleção Educativa, Série E, nº 9. Ministério da Educação Nacional, Lisboa, 1974.
- COSTA, F. C. Religiosidade do povo açoriano através do seu folclore. In: —. *Livro da I Semana de Estudos Açorianos*. Ed. do Instituto Cultural de Ponta Delgada, Açores, 1964, p. 71-95.
- FONTES, H. da S. *A Irmandade do Senhor dos Passos e o seu Hospital*. Ed. do Autor, Florianópolis, 1965.
- GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. *Santo Antônio dos Anjos da Laguna, seus valores históricos e humanos*. IOESC, Florianópolis, 1976.
- LENZI, Z. M. et alii. *Projeto Mapeamento da Cultura Popular do Estado de Santa Catarina*, UFSC/UDESC, 1986.
- MEIRELES, C. *Panorama folclórico dos Açores, especialmente da Ilha de S. Miguel*. CNF/IBECC, Ed. da Comissão Gaúcha de Folclore, Porto Alegre, 1958.
- PIAZZA, W. F. *Santa Catarina: sua história*. Ed. da UFSC/Ed. Lunardelli, Florianópolis, 1983.
- SOUZA, A. T. São José dos tempos primitivos aos nossos dias. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. Florianópolis, 1943, p. 35-51.
- SOUZA, T. *São José da Terra Firme ou simplesmente São José*. IOESC, Florianópolis, 1981.

LIVRO ANALISA A TRADIÇÃO DA FARRA DO BOI EM SANTA CATARINA

A Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte lançou no dia 30 de março de 1990 na Casa da Alfândega, em Florianópolis, o livro “Farra do Boi — introdução ao Debate”, que dá a versão de estudiosos, professores e até de um farrista sobre a tradição da farra do boi no litoral do Estado. São cinco artigos em que a farra é analisada como um fenômeno complexo e arraigado à cultura dos descendentes imigrantes de açorianos que ocuparam, a partir do século XVII, parte da faixa litorânea. Estão no livro também 45 fotografias sobre o ritual em Santa Catarina, no arquipélago dos Açores (ilha Terceira) e em Portugal.

O lançamento foi ilustrado com uma exposição de 51 fotografias cedidas por jornais de Florianópolis, reproduzidas de livros ou feitas pelos membros da Comissão de Estudos da Farra do Boi, criada pelo Governo do Estado para apurar denúncias de eventuais violências e identificar as particularidades da manifestação nos municípios em que acontece, geralmente durante a semana da Páscoa. O lançamento também precede a reunião anual da Associação Brasileira de Antropólogos (ABA), que acontecerá na Universidade Federal de Santa Catarina entre os dias 8 e 11 de abril e que, no dia 10, terá uma mesa-redonda sobre a farra do boi no Estado.

De acordo com Eugênio Lacerda, funcionário da Unidade de Memória e Patrimônio da Fundação Catarinense de Cultura, órgão vinculado à Secretaria da Cultura e do Esporte, a comissão — integrada por representantes desta Secretaria e da Procuradoria Geral do Estado, da Secretaria da Justiça, da Santur, da Secretaria da Educação, da Secretaria da Comunicação Social e das Polícias Civil e Militar — percorreu o litoral duas vezes e concluiu que a farra do boi é uma tradição cultural arraigada a essas comunidades e que deve ser tratada como tal. O “quadro dantesco” com que a manifestação foi pintada pela mídia nacional em 1987 teve como base informações equivocadas e depoimentos que não refletem a realidade.

— Houve casos isolados de violência, detectados através de depoimentos que, em 1987, ganharam repercussão nacional. Atualmente, contudo, existe uma autofiscalização, uma “gestão da violência”, com o afastamento automático, pelos próprios farristas, daqueles que tendem a se exceder na brincadeira. O *boom* inicial, baseado em depoimentos esparsos e na subsequente e equivocada ação policial, teve apenas um saldo positivo: suscitar o interesse por quem faz a farra. O tema inspirou um samba-enredo para o Carnaval deste ano em Florianópolis; há duas teses de mestrado sendo feitas na Universidade Federal

de Santa Catarina sobre o assunto e um projeto cinematográfico de produtores independentes está em fase final de elaboração, devendo ser concluído com as filmagens na semana da Páscoa.

A publicação, diz Eugênio, é também uma resposta à Comissão de Estudos Junguianos, do Rio de Janeiro, que editou um livro "com sabor de inquérito, sem conhecimento de causa, sem investigação e sem pesquisas *in loco*, baseando-se apenas em depoimentos e matérias de jornais". A comissão não conheceu a farra, mas deu-lhe um julgamento psicanalítico, explorando "o lado obscuro da psiquê coletiva" e defendendo a tese de que a farra do boi revelaria "a explosão do sadismo e da degenerescência" do homem. Esse tipo de julgamento, que não procura entender o ritual, revela o que Eugênio chama de "ignorância etnográfica", que caracterizou várias entidades protecionistas que denunciaram a farra:

— É preciso entender o universo do pescador, que ao mesmo tempo corre atrás do boi, vai à missa e participa de rituais como a procissão de Navegantes, a festa do Divino e o terno de reis. É necessário contextualizar a farra para evitar os preconceitos. Além disso, se o simples fato de perseguir o boi constitui uma forma de violência, que torna-se, portanto, intrínseca ao ritual, deve-se considerar que a violência é muitas vezes libertadora, vital, como foi o movimento da contracultura nos anos 60. E os mesmos grupos que ignoram a violência etnocida que exterminou índios e negros no Brasil levantam-se agora, reprimindo uma manifestação espontânea argumentando com base em valores urbanos, educados. A reação da mídia e a repressão são formas de violência contra a cultura popular.

De qualquer forma, depois da contundência da primeira campanha, houve uma reavaliação da questão, em parte porque descobriu-se que o problema não merecia tamanha repercussão, em parte pela reação de estudiosos e de pessoas das comunidades farristas que se sentiram vítimas de uma pressão injusta. A própria Associação Catarinense de Proteção aos Animais (Acapra) elaborou um documento em que se manifestava favorável à manutenção da farra, reforçando a campanha do Grupo de Estudos do Governo, que apoiava a tradição e recomendava que se evitasse qualquer espécie de agressão contra o animal e contra o patrimônio público.

OS AUTORES

Em Portugal, onde a farra sempre existiu, havia as touradas à vara, em que o boi era amarrado a um galho de árvore preso no centro de um descampado. Na ilha Terceira, no arquipélago dos Açores havia o boi na corda, que permite o controle do animal e evita que o boi ou os farristas se machuquem. No litoral catarinense sempre houve o boi solto, ou boi no campo — uma herança cultural açoriana. O animal era solto nos matos, nos morros ou em descampados, atraindo, em outros tempos, famílias inteiras, que se transferiam para fora das cidades, com mantimentos para participar da farra. Hoje também existem as mangueiras, em que a brincadeira é controlada pelos líderes farristas, e há locais em que veterinários ficam de plantão para atender a algum imprevisto.

O livro "Farra do Boi — Introdução ao Debate" tem artigos de Arante José Monteiro Filho, o Arantinho, líder farrista e professor licenciado em História

pela UFSC, que fala da polêmica e dá um depoimento sobre a farra na localidade de Pântano do Sul, na Ilha de Santa Catarina; da professora Maria Bernadete Ramos Flores, doutoranda em Filosofia pela PUC/SP, que mostra o universo ideológico dos que condenam e dos que defendem a farra; do antropólogo Rafael Bastos, professor da UFSC e pesquisador do CNPq; que mostra os vários rituais que envolvem o boi; de Victor A. Peluso Júnior, do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, que apresenta aspectos da tradição da farra através dos tempos; e de Valmir Martins, professor de História da UFSC, que faz uma narrativa da farra em Ganchos, onde a tradição é muito forte.

Após o lançamento, o livro terá seus 1.000 exemplares distribuídos para a imprensa local e nacional, institutos de educação e cultura, entidades protecionistas, líderes farristas, prefeituras e bibliotecas municipais do Estado.

A “FARRA” EM AÇORES

Silvio Coelho dos Santos
Antropólogo

Angra do Heroísmo, cidade de 25.000 habitantes, capital da ilha Terceira, Açores. Alto das Covas, um bairro central, dia 24 de junho, domingo. Integrandos as “festas joaninas”, que acontecem anualmente entre 23 e 29 de junho, eis que ocorreu logo após ao meio-dia, como parte da programação festiva, a “espera de gado”, ou, em termos catarinenses, realizou-se a “farra do boi”.

A “espera de gado” em Angra é única nos Açores e só acontece durante as festas de São João. Meia-dúzia de touros, especialmente criados para tal fim, são soltos em ruas e praças previamente escolhidas e anunciadas. Caminhões estrategicamente colocados nas bocas das ruas impedem que os animais tomem rotas imprevistas; ao mesmo tempo, servem de plataforma para os muitos assistentes. As sacadas do casario colonial, declarado patrimônio mundial pela Unesco, ficam apinhadas. Homens, mulheres e crianças, jovens e velhos, da cidade, do interior da ilha, das ilhas vizinhas, do continente, além de turistas, todos querem ver as brincadeiras. No centro da praça e nas ruas onde vai acontecer a “farra”, homens jovens e maduros preparam-se para a chegada dos touros. Nas árvores da praça e nos muros das residências, muitos procuram abrigo seguro, outros, desfilam sozinhos ou em pequenos grupos. Não poucos olhares, sorrisos e até palavras são dirigidas para as muitas jovens que estão posicionadas nas sacadas e abrigos. A ocasião é também propícia para a aproximação entre os dois sexos. Não poucos namoros começam aí. As lojas, jardins e frentes das casas mais vulneráveis estão protegidos por tapumes de madeira, com altura não inferior a 1,50 metros.

A animação é geral. À medida em que o momento da soltura do gado se aproxima as expectativas aumentam. A movimentação se intensifica entre os que estão no meio da praça ou nas ruas. Não poucas mulheres e homens idosos tomam lugar nas sacadas e sobre os caminhões. A uma da tarde um foguete assinala que os animais foram soltos. A gritaria aumenta à medida que os animais se aproximam da praça, numa carreira perigosa. Muitos apressam-se em buscar lugar seguro. Ao chegarem à praça, os touros se dispersam, correndo para um lado e outro, a procura de uma saída que não existe. Este é o instante em que os riscos são maiores para os “farristas”. Uma distração pode ser fatal. Os animais pressionados, a todos tentam investir. As provocações são muitas por parte dos improvisados toureiros. A cada correria, um frenesi. A multidão grita, manifestando medo ou crítica àqueles mais temerosos que logo ao aproxi-

mar dos animais correm apavorados em busca de um refúgio seguro, nem sempre possível.

As situações de ridículo causadas pelo medo, parecem alegrar os observadores. Uma avaliação contínua dos atores, sejam participantes ou espectadores, está ocorrendo. Os animais também são considerados em função de sua maior ou menor agressividade. A multidão exige cada vez mais dos improvisados toureiros e dos touros. A intenção é aumentar as correrias e as demonstrações de coragem e ousadia. Volta e meia, um dos animais leva vantagem e pega um desavisado. Situações fatais, porém, são raras.

Duas horas depois tudo acabado. Dois foguetes assinalam o final da "farra". Os animais são capturados e encerrados em gaiolas especiais e, depois, transportados para as fazendas de criação, à disposição de novas "corridas". Aqui não se matam os touros. Desarmam-se as barreiras feitas com os caminhões e as proteções às casas. A população debanda. Risos e comentários sobre o acontecido se fazem ainda ouvir. Mas é fim de festa. As posturas municipais são rígidas e há que observá-las. A espera-farra acontece uma vez por ano, em horas e locais determinados. A sensação é de envolvimento total da população. Uma alegria, dizem todos.

Na ilha Terceira, este tipo de "corrida" é única. Só ocorre no dia de São João. No resto do ano, entre abril e outubro, entretanto, acontecem as corridas de touro na corda. Neste caso, um único touro é colocado a correr, também em ruas e praças, preso por uma corda de 50 a 100 metros.

Este cabo é seguro por um grupo de homens que controlam o espaço em que o animal pode fazer suas investidas. Na ilha Terceira esta é a forma mais comum de "brincar" com o touro. Somente em 1989 ocorreram, devidamente autorizadas pelos conselhos locais, mais de 250 corridas, todas também com horários para começar e terminar. E para evitar que muitos ilhéus abandonassem o trabalho para participar das corridas de touro na corda, as autoridades da ilha determinaram este ano que tais corridas só poderiam ter início após as 18 horas, encerrando-se duas horas depois. A "espera de gado" em Angra, porém, por suas características e envolvimento, aparece como expressão maior deste ritual de enfrentamento homem e touro. Por isso merece ter horário especial.

Sempre acontece dia 24 de junho, por volta das 12 horas. Não é por outra razão, também, que é nesta data que o turismo encontra seu auge na ilha.

FARRA DO BOI

Documentário Cinematográfico em 16 mm

1. Apresentação

O litoral do Estado e a Ilha de Santa Catarina, colonizados fundamentalmente por açorianos a partir do século XVIII, mantêm até os dias de hoje muitas das tradições culturais trazidas por esses emigrantes. Entre elas destaca-se a da Farra do Boi, preservada com muita vitalidade em função de seu expressivo significado cultural. Apesar de o Brasil ter sido colonizado basicamente por portugueses, é o Estado de Santa Catarina o único onde se manifesta esta tradição cultural, fato talvez explicado pela particularidade das brincadeiras com o boi encontradas nas ilhas dos Açores e nas do Portugal continental. Outro fator explicativo é a constatação de que a Farra surgiu nos locais onde os emigrantes açorianos se tornaram agricultores, como é o caso de Santa Catarina, e a de que ela não se verifica onde os mesmos se tornaram pastores, caso do Rio Grande do Sul.

A Farra é essencialmente um ritual coletivo, de organização espontânea e independente, caracterizada pelos próprios organizadores como “familiar”, através da presença de mulheres e crianças na brincadeira. As datas dessa manifestação podem ocorrer durante todo o ano, principalmente nas pausas mais prolongadas do trabalho cotidiano e mais especificamente na época dos festejos natalinos e pascais.

A Farra do Boi na localidade de Ganchos (SC), segundo o professor de História da UFSC, Valmir Martins, se processa da seguinte forma:

“Nos bares, onde se concentra a maioria dos homens da comunidade nos momentos de lazer, é iniciada a Farra. Uma lista de adesão dos sócios do boi passa a circular, e em menos de duas horas já se tem o dinheiro arrecadado para comprar, às vezes, até dois bois. A partir disto, vários grupos organizados partem em busca dos animais, escolhidos pelo critério da ferocidade. Comprados os bois, estes são levados até a comunidade onde são ansiosamente esperados num clima de euforia. O desejo do boi e o medo da fera misturam-se. Chega a hora de soltar o boi. As expectativas crescem ainda mais e a euforia chega em seu ponto mais elevado. Surge gente de todos os lados, e o boi finalmente é solto. O animal sai em desabalada carreira até encontrar seu espaço, definindo seu território em meio à correria e gritos generalizados. A Farra desenrola-se de várias formas. Cada um participa como deseja, uns seguem o boi para desafiá-lo, outros vão para o bar beber cerveja e conversar sobre o acontecimento,

e há ainda os que simplesmente apreciam. Assim a Farra prossegue até o animal cansar ou perder-se no mató. Se a "fera" é achada e não pode mais ser objeto da farra, simplesmente é presa e fica no pasto até ser trocada por outra. A "carneação" é a última grande etapa da farra. O animal depois de ter descansado até um dia e meio, é morto. Algumas pessoas levam a carne para casa, e outros preferem participar de uma grande churrascada, na qual todos podem festejar. A Farra continua neste momento com o boi sendo alimento. Ao fim de uma farra já se fala numa próxima, basta uma nova reunião num bar, num final de semana, para se reiniciar o processo, e o ciclo se repete".

O ritual acima descrito tem sido alvo, principalmente nos últimos anos, de violentas críticas por parte de alguns segmentos da sociedade, apoiados na maioria das vezes de maneira sensacionalista pela imprensa. Estas manifestações têm gerado uma violenta repressão à Farra do Boi, criando sérios conflitos nas comunidades que resistem ao manter esta tradição cultural. O que se observa é que estas críticas geradoras da repressão provêm, na maioria das vezes, de fontes que detêm informações pouco precisas sobre o assunto.

O projeto aqui apresentado traz como objetivo principal a ampliação do conhecimento sobre o assunto em seus mais diversos aspectos, fazendo com que o material dele resultante sirva de subsídio às discussões sobre o tema, de forma a diminuir as distorções observadas em sua abordagem pela ausência, até hoje, de um material elucidativo quanto às questões que o tema encerra.

2. Descrição do Projeto

2.1 — Dados Gerais

Está prevista a realização de um documentário em película de 16mm, com duração aproximada de 40 minutos. O filme foi rodado basicamente durante a realização da Farra do Boi no município de Governador Celso Ramos (Ganchos), na Semana Santa de 1990. A escolha desta localidade deve-se ao fato de ali esta manifestação ainda preservar muitas de suas características originais e envolver a maioria de seus habitantes. Serão também realizadas filmagens complementares com depoimentos de pessoas de alguma forma envolvidas com o tema (farristas, pesquisadores, representantes de entidades e associações, etc.) e durante o Carnaval de Florianópolis do mesmo ano, para quando está prevista a apresentação de uma escola de samba com o enredo sobre a farra, ocasião em que certamente surgirão imagens que enriquecerão o documentário por fundirem duas das mais importantes manifestações populares da região.

O roteiro desta produção estará baseado nos resultados das pesquisas sobre o tema que atualmente vem sendo desenvolvido na Universidade Federal de Santa Catarina. O material resultante deste projeto, a ser elaborado sobre um tema de repercussão internacional, será exibido em congressos, simpósios e encontros realizados sobre o assunto, em festivais nacionais e internacionais de cinema, como material didático nas redes de ensino, em cineclubes, associações comunitárias e outras, em canais de televisão nacionais e internacionais, e em sua transcrição para fitas de vídeo (sistema VHS) encontrará um amplo mercado de exibição e comercialização.

2.2 — Da Equipe de Realização

A direção do documentário foi de José Henrique Nunes Pires e de Norberto Verani Depizzolatti. A coordenação de pesquisa esteve a cargo do prof. Valmir Martins, que contou com a colaboração do prof. Rafael Bastos e do folclorista Doralécio Soares. A direção de fotografia será de Cido Marques, coordenando o trabalho 2 (dois) câmeras e respectivos assistentes, uma vez que está prevista a utilização de 3 (três) câmeras simultaneamente para a captação de imagens durante o desenrolar da farra. A produção executiva será realizada por Gerson Schirmer, e a equipe será complementada por 2 (dois) iluminadores, 2 (dois) técnicos de som direto, 2 (dois) profissionais de produção e motorista. Durante as filmagens de depoimentos e do Carnaval esta equipe reduzirá a um número mínimo necessário de pessoas para a realização dos trabalhos.

JAPONESES NA ILHA DE SANTA CATARINA NO SÉCULO XIX

Comentário

Prof. Nereu do Vale Pereira

O periódico, O Estado de São Paulo, em seu caderno Cultural nº 323 de 23/08/86, publicou um artigo escrito por L. A. Nogueira Porto, estudioso da História do Brasil, e ex-embaixador do Brasil na Bulgária e em Israel, sob o título "OS PRIMEIROS JAPONESES NO BRASIL".

Naquele estudo diz L. A. Nogueira Porto que os primeiros orientais que se apresentaram em nosso País não foram aqueles que há cinqüenta anos se radicaram em São Paulo. Baseava-se em relato do senhor Rokuro Kowya, prolatado na ocasião em que se comemorava o cinqüentenário dos japoneses em São Paulo, e afirma que os primeiros orientais que estiveram no Brasil foram em visita à vila de Nossa Senhora do Desterro, tendo aí chegado em 18 de dezembro de 1803, permanecendo até final de fevereiro de 1804.

Diz mais o autor, que o processo sobre a ocorrência daquela viagem foi conservado nos Arquivos, constando de 13 cadernos manuscritos, do SHOGUNATO e continua:

"A História Singular" conta que na era de Kansei, os anos que medeiam de 1789 a 1800, do Shogunato Tokugawa, um barco de pesca japonês naufragou nas costas da Sibéria e a tripulação foi internada. Os náufragos foram levados para Irkutsk, onde permaneceram por vários anos, e dali para Moscou.

Por esse tempo os russos demonstravam desejo de estabelecer relações com o Japão e para tanto o conhecimento da língua lhes parecia condição indispensável; o propósito de aprendê-la com os náufragos explica por que foram retidos por tão longo tempo antes de serem repatriados.

O governo do Czar Alexandre I, via também, na oportunidade dessa repatriação, momento propício para entabular relações com o Japão, que permanecia de portas fechadas para o mundo. Surgia com ela ensejo de mandar uma embaixada à corte do Shogun, levando os pescadores, mas munida de valiosos presentes e credenciada para apresentar propostas de convívio pacífico e de comércio.

Para isso foi aparelhado o "Nadejda" da frota do Báltico, comandado pelo almirante Rezanov, e embarcados nele, na base de Kronstadt, aqueles quatro japoneses.

O navio fez uma única escala, nas Canárias, de onde rumou diretamente

para o Sul do Brasil, aportando na Ilha de Santa Catarina (Ekaterina), onde permaneceu por mais de dois meses em reparos, seguindo depois viagem para o Japão, via Estreito de Magalhães.

Ao chegarem, o recebimento que aguardava os repatriados foi dos mais reservados. Desconfiando as autoridades que estivessem a serviço da espionagem russa, foram impedidos de desembarcar e só o conseguiram mediante especiais cautelas. Desnecessário dizer que a embaixada do Czar não foi recebida.

Em terra foram aqueles japoneses interrogados exaustivamente na corte do príncipe Date, governador da província de Sendai, sobre suas experiências no Exterior.

“Dia e noite o navio se aproximava de uma terra chamada América do Sul. Na medida em que o fazia, o calor aumentava e a tripulação passou a tomar banho todos os dias.

“Depois de 10 de novembro, ancoramos num porto chamado Ekaterina, que parece ser o maior da América do Sul. Esse lugar pertence a Portugal. O porto é amplo, mas de pouco fundo, razão pela qual os grandes navios não podem entrar. Muitos rios desembocam nesse porto. Estavam ancorados ali dois navios pequenos e dois maiores, de modelo estrangeiro. O porto tem uma guarnição de soldados armados.

“Os barcos que usam ali têm o formato de folhas de bambu e são feitos de troncos inteiros de árvores. ⁽¹⁾

“Faz calor na região o ano inteiro. Não há invernos. Tomávamos banho a bordo, duas ou três vezes por dia; é muito curioso que a gente da terra nunca se despe completamente, nem mesmo para tomar banho. Há muitos negros. Tanto homens como mulheres andam meio nus e os homens usam calças curtas. São parecidos com os negros das Canárias: têm cabelo muito crespo e olhos pretos. As mulheres usam panos para se cobrir que parecem muito com os nossos furoshiki. Não fazem tatuagens. As crianças andam completamente nuas. E tanto os homens como as mulheres têm os dentes enegrecidos pelo costume de mascar constantemente uma substância negra que nos pareceu resina de pinheiro. ⁽²⁾

“Numa distância de 20 ris (80 quilômetros) do porto, viajando-se para o interior, existe uma cidade com cerca de mil casas. Tajuro teve ocasião de visitá-la pessoalmente e viu que as casas eram feitas de tijolos e pedras, com telhados de casca de cerejeira (?). Existem ali templos com cruzes nos telhados, mas ele não teve ocasião de visitá-los por dentro, embora o modo de rezar lhe parecesse igual ao nosso. ⁽³⁾

“Tsudayu esteve numa casa de beneficiamento de arroz, movida a água. A referida casa era de pedra, também com telhado de casca de cerejeira que, visto de longe, parecia de telhas de barro. Na casa havia 36 pilões que funcionavam ao mesmo tempo. ⁽⁴⁾

“Cultiva-se muito arroz no país, mas é destinado à exportação; por isso não é permitido consumi-lo em grandes quantidades. O povo alimenta-se de milho em pó com o qual fazem um pirão e de pequenas quantidades de arroz. O milho que vimos nos pareceu igual ao nosso. Nosso navio comprou grande quantidade dele para as vacas, porcos e gansos que temos a bordo. A gente da terra come em pratos de madeira.

“As montanhas da região são cobertas de árvores muito verdes. Entre elas, a laranjeira foi a única que reconhecemos.

“Antes de arribar, nosso navio teve o mastro quebrado num temporal: por isso ficou ancorado muitos dias, para substituí-lo: uma árvore inteira foi comprada para fazer novo mastro. A madeira era de cor vermelho-escuro, duríssima. A gente da terra a chama de pau vermelho. (5)

“A região é rica de gado, legumes e frutas. Compramos rábanos, melancias, abóboras, uvas, pimentas, tangerinas, laranjas, nozes, batatas-doce e açúcar. Há também uma fruta de casca duríssima, com água no interior. Os vendedores dela vinham a bordo e comprávamos muitas, porque aquele líquido adocicado constituía um excelente refresco. Há também uma fruta que cresce em cachos, amarela quando madura. Sua carne é branca e doce. Essa fruta tinha a forma a seguir desenhada.

“A árvore para o novo mastro foi identificada em Nagazaki como sândalo. A região parece ter poucos peixes, mas há muito camarão. Os porcos têm dentes enormes, revirados para fora, e também há javalis. O gado é bem gordo. Tivemos grande surpresa com um pássaro azul, de longo bico vermelho, muito bonito: mergulhava o bico na boca das pessoas à procura de comida. Esquecemos o nome de um peixe com casco parecido ao das tartarugas. (6)

“Havia macaquinhos de cauda comprida. Adquirimos um, mas poucos dias mais tarde morreu. Também notamos um animal cor de rato, focinho comprido e cauda listrada. Mede 2 pés de comprimento e facilmente se domestica, mas seu cheiro é insuportável. (7)

“Um dia foi trazido para bordo o filhote de um animal de 4 patas chamado ‘garcazer’, media 3 a 4 pés, tinha couro muito grosso, de cor escura, revestido de escamas, sobretudo na cauda. A boca era enorme, guarnecida de dentes agudos. Cada pata tinha três dedos com as respectivas garras. Disseram-nos que quando crescido chegava a devorar gente. Tinha o feitio de um dragão como representados nas pinturas, e ficamos convencidos de que se tratava de um filhote de dragão. Matamos o animal e o mergulhamos em saquê para conservá-lo. (8)

“Para fazer compras naquele país, usam-se moedas espanholas de ouro e prata.” (9)

Prosseguindo L. A. Nogueira Porto, passa a comentar algumas acertivas do trecho apresentado. Ao que nos parece incorre em muitos equívocos em suas interpretações, talvez por não ter informações mais precisas sobre a realidade da vila de Nossa Senhora do Desterro, à época.

Por isso entendemos de anotar outras interpretações, em forma de notas explicativas, que obedecem à numeração, por nós colocada, sobre o original:

1) Refere-se à “canao de um pau só” designada, pelos indígenas, seus criadores, por “piroga”. Ela realmente é construída com um “pau só”, geralmente do tronco do garapuvu, árvore muito comum na Ilha de Santa Catarina. É construída ainda hoje por carpinteiros navais tradicionais que conservam esta tecnologia rudimentar que vem sendo transmitida, oralmente, de geração em geração.

2) Parece crer que o narrador, como permaneceu por dois meses, apenas e justamente no período de verão mais forte na Ilha (janeiro e fevereiro), registrou

informações apressadas e, portanto, equivocadas pois:

- a) não faz calor o ano inteiro, na Ilha de Santa Catarina, que possui um clima bem diversificado, onde as quatro estações do ano são bem definidas;
- b) registrou mais negros que brancos, o que realmente a história não confirma, muito pelo contrário;
- c) o hábito de mascar era verdadeiro (também registrado por Frezier em 1712), porém não se mascava resina de pinheiro (aliás vegetal inexistente na Ilha) e sim, o fumo já trabalhado e curtido em forma de corda ("fumo em corda"). Hábito adquirido dos indígenas;
- d) regulava o pudor segundo seus padrões, onde o despir-se totalmente em público para banhar-se nos rios era normal no oriente, porém não entre portugueses, e, no nosso caso, os açorianos que se regiam por padrões europeus e cristãos.

3) Este trecho é realmente fantástico. Tudo faz crer que se referia a Laguna (Frezier faz o mesmo relato) em função da distância e do número de casas. O que parece absurdo é o confundir a cobertura das casas entre a palma das folhas de coqueiro com as de cerejeira, aliás esta inexistente em Santa Catarina. De outro lado, nas áreas centrais e urbanizadas, as casas eram cobertas com telhas de barro em goiva (telhas coloniais).

4) Tudo leva a crer que se refere ao grande engenho, então existente em São Miguel, bem visível desde o mar. Era movido a água, logo o aqueduto que majestosamente está presente, em ruínas, nos dias de hoje, como atração turística, lá em São Miguel.

5) Um pouco a seguir procuram identificar a árvore como sendo sândalo, que é uma espécie não-integrante da mata Atlântica, portanto não existente na Ilha. Trata-se, ao que tudo indica, da "peroba-vermelha", que localmente era utilizada em construção naval, principalmente para mastros, por ser abundante tanto na ilha como no litoral fronteiriço. Outra hipótese pode ser tomada, mas pouco provável por ser muito rara na região, a "cabreuva". Prefiro ficar com a peroba-vermelha, conhecida também por "peroba-rosa".

6) Eis a descrição de um pássaro e de um peixe difíceis de identificar-se conforme estão apresentados.

7) Refere-se, sem dúvidas, ao "gambá". Foi uma prática desenvolvida pelos antigos moradores dos arredores de Desterro, e do interior rural, capturarem o gambá e dedicá-lo à reprodução em cativeiro, como suprimento de carne para a alimentação do dia-a-dia. Tivemos possibilidades de apreciar esta prática em várias localidades, nos idos da década de cinquenta. O melhor método era o de apresar uma fêmea com os filhos em sua bolsa, condicionamento natural desta espécie animal, ainda bem novinhos e, então, já presa, continuava a criação. Os filhotes obtidos desse modo reproduziam-se facilmente em cativeiro.

Quanto ao cheiro do gambá. . . "nada a acrescentar" . . . Ou será isto ignorado por alguém?

8) Simplesmente fantasmagórica a descrição do nosso dócil (?) jacaré. Tratá-lo de "dragão oriental" é realmente ofender esse grotesco animal que tão-somente se defende. Jamais toma a iniciativa de atacar ou devorar pessoas.

9) Mesmo tendo a ocupação espanhola (1777 a 1778), chegado de há muito

ao fim, seus efeitos estavam ainda presentes, na pacata vila de Nossa Senhora do Desterro, em 1803, conforme constataram aqueles japoneses quando encontraram a moeda espanhola em franca circulação!

Ao final desta transcrição, da narrativa de L. A. Nogueira Porto, ainda que em parte, fica evidente a importância do porto de Desterro para as grandes navegações naqueles tempos.

E, como é interessante verificar que foi através dessa situação privilegiada que os primeiros japoneses chegavam ao Brasil.

PROMOÇÃO DE FOLCLORE NA ESCOLA

SÃO FRANCISCO DO SUL — SC — 1989 FESTILHA — FESTA DAS TRADIÇÕES DA ILHA

Prof. Sônia Maria Copp da Costa

São Francisco do Sul, carinhosamente chamada “Terra da Babitonga”, foi o terceiro lugar descoberto do Brasil, mesmo assim, como as demais cidades do País, não possui um folclore típico, próprio, como os têm os países da Europa, Ásia e África.

Grande parte do patrimônio cultural foi herança dos portugueses, espanhóis e africanos que nos legaram: Boi-de-Mamão, Fandango, Entrudo, Carnaval, Pão-por-Deus, Cangulo, Terno de Reis, Pastorinhas, São Gonçalo do Amaranite...

Com o passar dos anos, estas culturas populares estavam desaparecendo aos poucos, quase despercebidas.

Objetivando “resgatar” estas manifestações, a atual administração municipal e, em especial, o Departamento de Turismo desejava organizar uma festa que atendesse aos anseios do povo em geral e turistas, sem competir com as demais organizadas por outros municípios no mês de outubro.

Dentro deste aspecto, um grupo de pessoas discutiram idéias favoráveis a uma festa para ressaltar o aniversário da cidade, incorporando as manifestações folclóricas tão a gosto do povo em geral em um panorama aproximado de seu funcionamento e da alegria que empolgava a todos.

Surgia a *I Festilha* — Festa das Tradições da Ilha e o evento realizado nós dias 13, 14 e 15 de abril de 1989, sendo o último dia, a data do aniversário do município.

A festa se realiza ao ar livre, com barracas ao longo da principal rua da cidade: a rua Babitonga. Nas barracas, servem-se comidas típicas; vendem-se artesanatos; divulga-se o Pão-por-Deus... devidamente decoradas pelas entidades que delas se beneficiam, além de colaborar e alegrar os que da festa participam. Em plena rua, uma grande arquibancada oferece ao povo e turistas, o privilégio de assistir, com detalhes, as apresentações folclóricas do Boi-de-Mamão, do Vilão, do Pau-de-Fita, das Pastorinhas...

A *Festilha* é aceita com sucesso e o povo se reencontra com as nossas culturas populares, numa festa de congratulações entre amigos e turistas; porque o povo francisquense é um povo alegre, hospitaleiro e gosta de “fazer amigos”.

A herança de nossos colonizadores acentua-se, também, na religiosidade, na agricultura, na alimentação e artesanatos vários; nas crendices, danças e folguedos já descritos.



Dança do Pau-de-Fita apresentada na II Festilha, nos dias 13, 14 e 15 de abril de 1989, em São Francisco do Sul, à rua Babitonga para um público notável.

A dança do Pau-de-Fita, a princípio, consistia numa vara, em geral tendo na ponta da parte superior um passarinho empalhado, de cujo passarinho saíam fitas de várias cores e correspondentes ao número de meninas que as seguravam. Ao som de uma viola ou de alguns instrumentos de sopro, essas meninas começavam a dançar e cantar e ao fazê-lo, iam tecendo as fitas de forma que, quando terminava o canto, as fitas estavam completamente trançadas em torno da vara que assim se apresentava multicolor e de efeito muito atraente. Aos poucos, os meninos foram se integrando ao grupo, formando pares. Para cada par era determinada uma das cores do conjunto das fitas. Usavam trajes em estilo açoriano e muitos grupos, cantavam o fado, enquanto trançavam as referidas fitas, ao som de instrumentos de corda e percussão.



Pau-de-Fita do G. E. João Germano Machado, da localidade de Iperoba, em São Francisco do Sul.





Dança do Pau-de-Fita por alunos do G. E. João Germano Machado, da localidade de Iperoba, em São Francisco do Sul.

FESTILHA É DESTAQUE EM DESFILE CÍVICO ESCOLAR

Para homenagear a *II Festilha*, alunos do Grupo Escolar João Germano Machado, da localidade de Iperoba, em São Francisco do Sul, desfilaram no dia 05 de setembro, com um Pelotão Especial ressaltando o folclore da dança do Pau-de-Fita, numa demonstração de apoio à atual administração do prefeito dr. Rogério Zattar Júnior e, em especial, ao Departamento de Turismo através do jovem e dinâmico diretor Fábio Zattar e sua equipe que pretendem transformar a *III Festilha* numa grande festa tradicional no calendário turístico francisqueense.



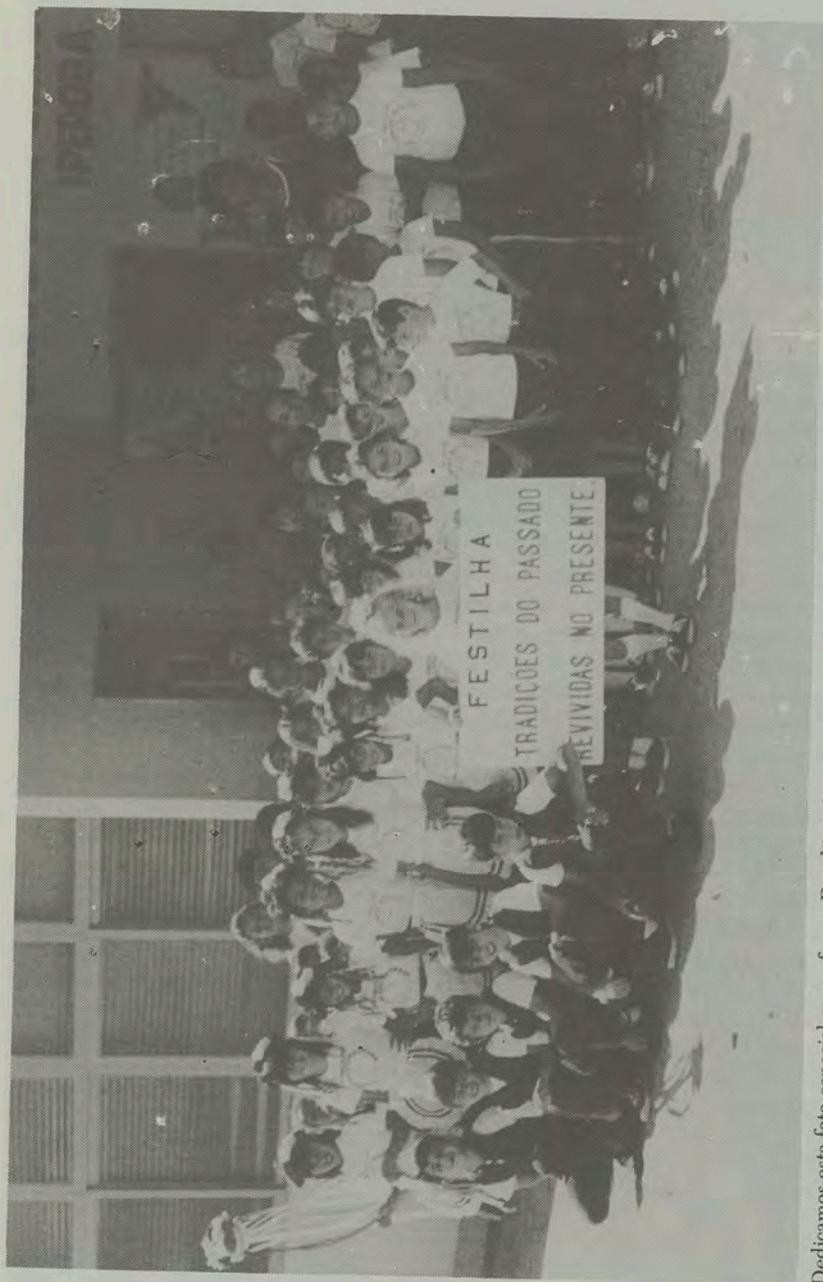
Pau-de-Fita por alunos do G. E. João Germano Machado, da localidade de Iperoba, em São Francisco do Sul.



Dança do Pau-de-Fita durante a II Festilha, realizada nos dias 13, 14 e 15 de abril de 1989. Foto cedida pela Prefeitura Municipal de São Francisco do Sul.



Alunos do Grupo Escolar João Germano Machado, da localidade de Iperoba, no município de São Francisco do Sul, apresentando a dança do Pau-de-Fita, na programação da "Semana da Criança".



Dedicamos esta foto especial ao professor Doralécio Soares, presidente da Comissão Catarinense de Folclore, após a apresentação da dança do Pau-de-Fita, em frente à escola. Cordiais abraços dos alunos, professores, APP e direção do C. E. João Germano Machado. Iperoba/São Francisco do Sul, outubro de 1990.

UM LIVRO FALA DA HISTÓRIA DE SANTO ANTÔNIO DE LISBOA

Durante a festa do Divino Espírito Santo, do distrito de Santo Antônio de Lisboa, realizada na última semana de setembro, foi feito o lançamento do livro “Santo Antônio de Lisboa, Vida e Memória”, de autoria do escritor e pesquisador Iaponan Soares.

A solenidade da noite de autógrafos foi realizada no salão paroquial, anexo à igreja de Nossa Senhora das Necessidades de Santo Antônio de Lisboa, contou com a presença do prefeito Bulcão Vianna, secretários municipais, escritores e artistas ilhéus, políticos e lideranças comunitárias.

O evento foi muito concorrido, tornando-se uma das atrações da festa deste ano.

Sendo uma das localidades mais antigas da Ilha de Santa Catarina, com este livro Santo Antônio de Lisboa recupera alguns marcos de sua história, cujo povoamento teve início em 1698.

Procurando pluralizar os fatos e dar “vez a quem tem voz”, o livro tem textos assinados por Flávio José Cardozo, Hamilton Alves, Alcides Buss, João Otávio Neves Filho, Joca Wolff, Altino Dealtino Cabral e Doralécio Soares, este tratando das manifestações de cultura popular na região.

O livro também fala nas figuras importantes do lugar, nas instituições organizadas, na Igreja e transcreve textos de escritores que falam sobre o distrito, assinados por Virgílio Várzea, Franklin Cascaes, Cleber Teixeira e Miro Moraes. Por último, em portfólio, um documentário iconográfico apresenta a comunidade vista em várias épocas.

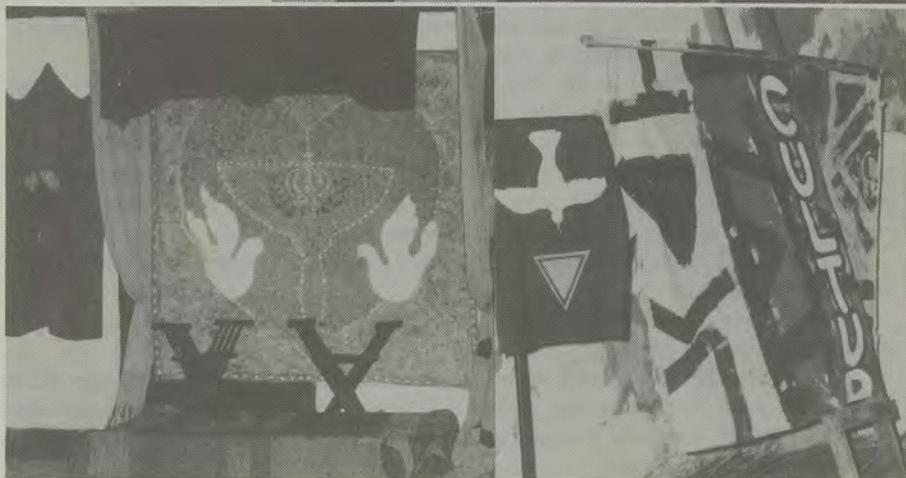
Vale lembrar que “Santo Antônio de Lisboa, Vida e Memória” é o segundo volume da Coleção Memória de Florianópolis, criada por decreto do prefeito Esperidião Amin e operacionalizada pela Fundação Franklin Cascaes, através da Secretaria Municipal de Turismo, Cultura e Esportes, Coleção que tem como objetivo resgatar a história da cidade, seus bairros e distritos. O primeiro volume desta Coleção foi lançado em março deste ano e tem o título de “Estreito, Vida e Memória”, também de autoria de Iaponan Soares.



2 — Aspecto interno da Exposição na "Casa de Arte" de propriedade do artista plástico "Janga", onde se faz acompanhar do escritor Iaponan Soares, autor do livro "Santo Antônio de Lisboa, Vida e Memória."



3 — Culto ao Divino Espírito Santo, resgate de uma Cultura Tradicional. Ilustrações em "painéis" do artista plástico Janga. (fotos: Doralécio Soares)



DINHEIRO NOVO

*Honorato Antônio Tomelin
Professor universitário*

Quando o Marquês de Tamandaré emplacou a cédula azul de 1 Cruzeiro, mal sabia que tal passagem seria tão efêmera.

Na seqüência vieram as notas de 2 a 1.000 Cruzeiros, estampando seqüencialmente Duque de Caxias, Barão do Rio Branco, Getúlio Vargas, Deodoro da Fonseca, Princesa Isabel, Dom Pedro II, Dom Pedro I, Dom João VI e o não menos famoso da amarelinha, Pedro Álvares Cabral.

Não adiantou! Tiradentes ostentou a nota de Cz\$ 5.000,00 e Santos Dumont a de Cz\$ 10.000,00.

Veio o Cruzeiro Novo, em cédulas de 1, 5, 50, 100, 200, 500 e 1.000, que repetiram as estampas, até por falta de personalidades do Brasil do século passado.

Assim do Cr\$ de 1942, passamos pelo NCr\$ de 1967 e chegamos ao de novo Cr\$ de 1970.

Aí abriu-se o leque. A nota de 5 mil Cruzeiros, já sem os “novos”, trazia a efígie do Marechal Castelo Branco, seguida da de 10 mil com Rui Barbosa.

Oswaldo Cruz e Juscelino Kubitschek emplacaram as de 50.000 e 100.000 Cruzeiros, respectivamente.

Foi o fim do Cruzeiro. Estávamos em 1986 e o “r” foi trocado por “z”, nascendo o Cruzado.

Lá se foram mais três zeros (outros três já haviam sumido antes).

Tudo de novo. Carimbo nas notas e emissão de valores de maior aquisição, sem nenhum poder, evidentemente.

Surge Vila Lobos na de 500 Cruzados, seguido de Machado de Assis, Cândido Portinari, até chegar aos 10.000 Cruzados de Carlos Chagas.

Mais três zeros se despediram da economia brasileira, quando em 1989, surgiu o atual padrão monetário nacional: o Cruzado Novo. Com ele a cédula (micro, por sinal) de 50 Cruzados Novos, e a estampa do nosso poeta maior — de versos e tudo — Carlos Drummond de Andrade.

Meio século e nove zeros depois, aqui estamos. O que era apenas 1 em 42, é hoje 1 bilhão.

O colecionador de moedas nacionais tem que ser mesmo um numismata atleta, senão perde a coleção. . .

Enquanto isso, toneladas de ouro — lastro puro — escapam às fronteiras brasileiras, para, curiosamente, elevar o Uruguai ao pódio de maior exportador do vil metal da América Latina, sem que tenha em seu subsolo uma única mina sequer.

De lambuja, serve-se ainda este escandaloso assalto para esquentar o dinheiro sujo dos traficantes de tóxicos e entorpecentes.

Roubo, inflação, degeneração, reflexos desta confusa inflação brasileira.

Moeda mesmo, nem pensar. Vender moeda em quilo rende sempre mais que o valor das próprias moedas. . .

Papel, no entanto, parece ser bom negócio. Algum "sócio" deve alimentar com lucro as rotativas da Casa da Moeda. . .

É grande o desprestígio do sistema monetário nacional.

Melhor seria, por enquanto, emitir papel-moeda sem ninguém a ostentá-lo, até para preservar a memória das personalidades que construíram este rico País, que de tão rico, sujeita-se a tanto roubo.

Não é à toa que quando se fala em investimento recorre-se sempre ao dinheiro novo. Dos outros, evidentemente, pois o nosso nada vale.

Enquanto isso, George Washington continua firme na verdinha de 1 dólar!

Tão verde que nem faz lembrar a recente onda de retorno às origens, daquele aficionado grupo pelo turismo rural.

O chamado "TR" está igualzinho aos nossos planos econômicos. No linguajar caipira significa mesmo "temo roubado"!

Questionado que fui sobre por que não participei da última aventura rural, respondi prontamente: se eu soubesse que era a última, tinha ido. . .

Transcrito — O ESTADO

BANDEIRAS — Símbolos das Confrarias outrora existentes

A FESTA DA DIVINO: Tradição e Compromisso

A festa de Pentecostes traz muitas lembranças para a Igreja que está na Arquidiocese de Florianópolis e lhe recorda não poucos compromissos.

Os antepassados de grande parte de nossa população, vindos dos Açores, aqui chegaram com muita vontade de “vencer na vida”. Tinham um jeito próprio de enfrentar problemas e construir casas; uma maneira “diferente” de falar e uma delicadeza inigualável ao receber visitas. Tinham, sobretudo, uma fé profundamente arraigada em seu coração, rica de expressões religiosas e marcada por uma devoção especial ao “Divino” Espírito Santo.

O início dessa devoção se confunde com os primórdios de Portugal. Contam as tradições que quando vivia a rainha Isabel (1271 — 1336), filha de Dom Pedro III, rei de Aragão, e esposa de Dom Diniz, rei de Portugal, a guerra envolvia o povo e a família real. Portugal guerreava com o reino independente de Aragão (hoje província da Espanha) e Dom Diniz estava em luta aberta com seu filho, o infante Dom Afonso.

Em busca de paz, a Rainha, que o povo já chamava de “santa”, consagrou seu país ao Espírito Santo e conseguiu que também os pobres se unissem a suas preces.

As orações foram atendidas e a paz voltou a reinar, no reino e na família real. Agradecida, Isabel doou sua coroa a uma Igreja, desejando que todos os anos fossem dedicadas renovadas ações de graça ao Espírito Santo. Começavam as festas “em honra do Divino” que chegariam, séculos depois, ao nosso litoral catarinense, sendo celebradas até hoje.

Diz o apóstolo São Paulo que os frutos do Espírito Santo são: “caridade, alegria, paz, longanimidade, afabilidade, bondade, fidelidade, mansidão, continência. . .” (Gl 5,22-23) — dons que, precisamos reconhecer, nosso Brasil está precisando muito atualmente. Podemos e devemos pedi-los; somos, contudo, convidados a ir além: cabe-nos colaborar concretamente para que sejam implantados e se tornem valores normais em nosso dia-a-dia. A recente Assembléia dos Bispos de Itaiaci lembrou, de forma oportuna, que é essencial a participação de todos “na urgente tarefa de educação e reeducação dos comportamentos individuais, familiares e sociais, hoje tão perigosamente deteriorados entre nós” (“Exigências éticas da Ordem Democrática” n.º 119). Aqueles que se deixam conduzir pelo Espírito Santo (cf. Rm 8,14), serão levados a trabalhar para que o povo brasileiro passe “do sofrimento da cruz para uma nova vida, na solidariedade, na justiça e na paz” (id., n.º 120). À medida em que crescer esse contingente, as festas do “Divino” terão um motivo a mais para serem celebradas, com procissões e “impérios”, com cânticos e orações.



Fotos: Doralécio Soares

PORONGOS

Juca Serrano

Porongos que uso com garbo
desde os tempos de guri,
porongos em que eu bebi
em sorvos grandes, pausados,
o bom e saudável amargo
mesclando coisas da estância,
amores, vozes da querência
e as tradições do passado.

Quando no galpão a gauchada
muy buenaça, hospitaleira,
põe fervura na chaleira
e a cuia vai de mão a mão,
é no porongo que a indiada
se faz uma unida raça,
sorvendo na mesma taça
a seiva da comunhão.

De humilde planta rasteira
de perdidas procedências
e arrinconada nas estâncias
onde em setembro se planta
e que é bela trepadeira
tira o gaúcho suas cuias
que têm tantas serventias
e que a todo vivente encanta.

Quando na lida de doma
fui pisado por um bagual
e fui coxeando, muy mal,
meio sem folgo e vareando,
foi numa cuia pequena
que minha china adorada
me serviu a chapoeirada
que me foi desempenando.

Quantas vezes na vida a fora
andando em tropeada,
quedando no mato ou estrada
com fome, já meio galgo,
em algum pouso ou tapera
e com as vísceras em suplício,
fui misturando o munício
em vasilhame de porongo.

E em tempo frio ou chuvoso
do meu viver de tropeiro,
montado em pingo ligeiro
e varando os carrascais,
encarangado e sem repouso,
sorvia então longo trago
da canha de outro porongo
e me esquentava no mais.

Mais de uma feita minha sina
foi trotar no mormaço,
a soalheira fogueando o espaço.
Pois em cuia do porongueiro
fui servido por mão de china
coa água mais refrescante,
na Casa Grande elegante
ou em ranchito de posteiro.

E no meu rancho, da varanda,
vejo mais belo o rincão
quando escuto uma canção
louvando a vida em trinado.
É a voz de humilde calhandra,
um canto belo, forte e agudo,
do seu ninho — um porongo bojudo
que pendurei no arvoredado.

.....

Uma cuia retovada,
com ornatos de prata ou ouro
ou mesmo nua, é um tesouro
muy querido ao coração.
Pois, simples ou floreada,
cada qual tem sua estória,
relembrando na memória
amor, saudade, afeição.

Eu guardo na cristaleira
uma cuia especial.
De prata pura é o seu bocal.
De ouro, em primoroso lavor,
mostra as flores da roseira.
Ganhei de chinoca lindaça,
morocha cheia de graça
que me declarou seu amor.

.....

Por isso, se na minha lida
vejo um porongo maduro,
lo apanho num vu, num quero
e le atoro a cabeça,
curando a cuia em seguida
e faço de regalo a um guri,
pois com porongos eu vi
forjar-se a campeira raça.

(Jaraguá do Sul, 22/07/89)

NOTÍCIAS CULTURAIS DE SANTA CATARINA 1989 — 1990

22 de agosto — Dia do Folclore em Santa Catarina

A Lei nº 4.287, de 7 de abril de 1969, de autoria do então deputado estadual Pedro Ivo Figueiredo Campos, instituiu o “Dia do Folclore” no Estado de Santa Catarina.

São decorridos 21 anos da vigência da Lei que instituiu a obrigatoriedade das escolas da rede escolar catarinense comemorarem com uma série de eventos promocionais relacionados ao folclore.

As promoções de que trata a Lei nº 4.287 estão a cargo das UCREs. Lastimamos que apenas algumas dessas Unidades de Ensino, venham cumprindo o determinado pela Lei.

Convém aqui destacarmos a programação que envolveram em 89 as seguintes UCREs: *Rio do Sul* — Grupo Tradição Germânica ROTE ROSEM, (6ª UCRE). *Treze Tílias* — Grupo de Danças Folclóricas Tirolesas (9ª UCRE). *Joinville* — Grupo Cultural Raio de Sol (5ª UCRE). *Pomerode* — Grupo Folclórico Alpino Germânico (4ª UCRE). *Urussanga* — Grupo Folclórico VINO — AMORE — i — TRADIZIONE (3ª UCRE). *Chapecó* — Fundação — Artístico Cultural Ítalo-Germânica (11ª UCRE). *Araquari* — Sociedade Folclórica CATUMBI (5ª UCRE).

Em Florianópolis, as promoções se realizaram na Escola Governador Celso Ramos, na tarde do dia 22, reunindo expressivo número de alunos de mais de oito escolas, aproximadamente 800 estudantes (1ª UCRE).

Devemos esclarecer que a única UCRE, que realmente cumpriu o determinado pela Lei, em matéria de promoções, foi a 1ª UCRE, visto que as demais não incluíram a participação de escolares e outras obrigações conforme estabelece a Lei.

Florianópolis — 1989

O Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina e a Academia Catarinense de Letras patrocinaram o lançamento do livro *Indelévels Versos*, de “Delminda Silveira”, introdução do prof. Lauro Junkes.

A obra foi da Editora da UFSC em sua série geral. O lançamento ocorreu no dia 25.08.89 no Museu Histórico — Palácio Cruz e Sousa em Florianópolis.

Florianópolis — 1989

Na Galeria de Arte da UFSC, Zanetto e Zacarias.

Numa promoção da Galeria de Arte da UFSC, no Centro de Convivência — Campus Universitário, deu-se a abertura da Exposição de Artes Plásticas de Zanetto e Zacarias de 28 de novembro a 16 de dezembro de 1989.

As obras tiveram o comentário cultural de Jair Francisco Hamms, sobre o trabalho do pintor paraense Zacarias, adotado por Santa Catarina, cujos trabalhos desenvolvidos em suas exposições têm sido os mais marcantes.

Já o prof. Cláudio Dehon Girola teceu considerações sobre as obras de André Zanetto, configurando-as de elevados conceitos no campo das artes plásticas.

Florianópolis — 1989

Noite do Folclore Ilhéu — A Universidade Federal de Santa Catarina e o “Bloco dos Vinte e Cinco Bichos do Jogo” expediram convite às famílias florianopolitanas para prestigiarem a “Noite do Folclore Ilhéu”.

O evento deu-se na noite de 04 de setembro de 1989, no pátio frontal do Museu de Antropologia. Tratou-se de uma realização da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão/Museu de Antropologia e o Bloco dos Vinte e Cinco Bichos.

Da programação constou: (exposição) “Dança dos Vinte e Cinco Bichos do Jogo”. Coleção de esculturas em argila crua confeccionadas pelo pesquisador prof. Franklin Cascaes, em 1970; Dança do Pau-de-Fita, pelos alunos do Colégio de Aplicação; Zequinha e seus alunos da UFSC; Banda Zé Pereira; Banda o Carimbó; Danças do Pau-de-Fita, dos Arcos e Cantoria do Terno de Reis; Marcão e Izaque; Boi-de-Mamão de Sambaqui, e finalmente a Dança dos Vinte e Cinco Bichos, apresentada pelo próprio bloco.

Florianópolis — 1989

Biblioteca Pública:

Num convite da diretora da Biblioteca Pública, professora Neide de Oliveira Motta, a Comissão Catarinense de Folclore se fez representar na exposição “Literatura Catarinense nos Anos 80” no dia 30 de maio de 1989, no “hall” de entrada da mesma Biblioteca.

Florianópolis — 1989

A Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, Fundação Catarinense de Cultura e o Museu Histórico de Santa Catarina patrocinaram a exposição “O Fantástico na Ilha de Santa Catarina” Semy Braga — Exposição de Pinturas: Apresentação dos Vídeos: Santo de Casa. . . , Bebel Orofino Shaefer, Visualidades Plásticas.

A abertura com o período de 7 a 27 de março deu-se no Museu Histórico de Santa Catarina, “Palácio Cruz e Sousa”.

Florianópolis — 1989

Cem Anos de República: 1889 — 1989

O Governo do Estado, através da Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte e do Museu Histórico de Santa Catarina, foi o promotor da exposição

Cem Anos de República, na sede do Museu Histórico na praça 15 de Novembro no dia 24 de novembro, com a participação da Associação Coral de Florianópolis e da Banda da Polícia Militar de Santa Catarina.

A promoção contou com o “Apoio Cultural” do Jornal “O Estado”, Biblioteca e Arquivo Público do Estado.

Florianópolis — 1989

O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, pelo seu presidente prof. Vitor Antônio Peluso Júnior, expediu convite para a Conferência do 2º vice-presidente, Licurgo Costa, realizada no dia 28 de julho de 89, no auditório do Palácio Cruz e Sousa, em comemoração do transcurso do Sesquicentenário da República Catarinense, em 1839, quando da invasão de Lages e Laguna pelas forças armadas da República Rio-grandense.

Do Convite consta: “Sesquicentenário da República Catarinense”. “A Guerra dos Farrapos” teve início a 20 de setembro de 1835, com a tomada de Porto Alegre pelas Forças Revolucionárias comandadas por Bento Gonçalves da Silva. Durou 10 anos. Em 9 de março de 1839 atingiu Santa Catarina com a invasão de Lages e em 22 de julho de 1839, com a tomada da Laguna.

“A República Catarinense, proclamada a 29 de julho de 1839, teve no padre Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro o seu primeiro governante, assumindo na qualidade de Vice-Presidente eleito. Tem em Anita Garibaldi a sua figura simbólica. Esta heróica mulher catarinense, em sua breve existência, ganhou projeção mundial e imortalizou o seu nome para a honra e glória do Brasil”.

Florianópolis — 1989

Recordando “Vieira da Rosa” — A Academia Catarinense de Letras, reverenciando a memória de Paulo Weber Gonçalves Vieira da Rosa, titular da Cadeira nº 6, realizou a Sessão da Saudade, em memória do seu pranteado acadêmico, falecido a 23 de outubro de 1988.

A sessão que realizou-se no dia 4 de maio de 1989 no auditório da Academia, no Centro Integrado de Cultura, contou com o apoio do Governo do Estado de Santa Catarina.

Florianópolis — 1989

O Governo do Estado de Santa Catarina, através da Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte e a Universidade Federal de Santa Catarina promoveram o lançamento do livro “O Kerb” em Santa Catarina, de autoria de Zuleika Mussi Lenzi, Nilce Terezinha Massignan e Victor Márcio Konder.

A obra organizada por Victor Márcio Konder foi publicada pela Editora da UFSC, em co-edição com a Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, no primeiro volume da coleção “Caderno de Cultura Popular”, da Editora.

Florianópolis — 1989

ACAP — Associação Catarinense de Artistas Plásticos de Florianópolis — promoveu no mês de junho de 1989, uma exposição de Pinturas e Tapeçarias, com a participação dos artistas plásticos Semy Braga, Vera Sabino e o tapeceiro Vecchiatti.

A exposição aconteceu na “Galeria Martinho de Haro — Acap”, na Casa da Alfândega, e os autores tiveram as suas peças comentadas por Harry Laus, João Evangelista de Andrade Filho e um poema de Semy Braga.

Florianópolis — 1989

A Secretaria de Estado da Cultura e Esporte, através da Fundação Catarinense de Cultura, instituiu o Concurso Literário 1989 com o Prêmio Nacional Virgílio Várzea, para ficção e o Prêmio Nacional Luís Delfino, para poesias.

O Concurso Literário — 1989 destinou-se a brasileiros residentes no País e no Exterior.

Florianópolis — 1989

Aniversário da Biblioteca Municipal “Prof. Barreiros Filho”.

Os 33 anos de existência da Biblioteca foi comemorado com festivo programa cultural, com a participação da Banda de Música do 63º BI (Batalhão de Infantaria) de Santa Catarina, Coral do Clube 6 de Janeiro, Teatro da UFSC, Coral da Escola Deyse Werner Salles, além de muitas outras recreações e exposições culturais.

Florianópolis — 1989 — abril

AESC — Associação Profissional de Escritores de Santa Catarina.

Do lançamento da “Coleção Coruja”, constaram: *Sofá da Rua*, crônicas de Flávio José Cardozo. *Rebentos*, poemas de Nedi T. Locatelli. *Algemas*, crônicas de Enéas Athanázio.

Além do Prêmio “Divulgação Literatura Catarinense” e Inauguração da Aesc/Livros.

Florianópolis — 1989

A Universidade Federal de Santa Catarina, através dos seus órgãos, PRCE/DAC/MA e CAE, com a Universidade Federal de Santa Maria e a Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte/FCC, de Santa Catarina, promoveram a Exposição “Açores, um Arquipélago Desconhecido”.

A abertura aconteceu no átrio da Reitoria da UFSC, de 24 de abril a 07 de maio de 1989.

Florianópolis — 1989

A Secretaria de Estado da Cultura e Esporte e a Secretaria de Estado da Educação promoveram o lançamento do projeto “Coleção Escritores Catarinenses”.

Foi apresentado o fascículo nº 1 — série “Hoje”, tendo por local o Museu Histórico de Santa Catarina “Palácio Cruz e Sousa”, na noite de 30/11/89.

Florianópolis — 1989

A Secretaria de Estado da Cultura e Esporte, através da Fundação Catarinense de Cultura, e a Federação de Coros realizaram o II Encontro Coral Catarinense, no dia 3 de dezembro de 1989, no Centro Integrado de Cultura — CIC.

Florianópolis — 1989

Participando do Movimento Cultural da Capital Catarinense, o Restaurante Reçaca, com um coquetel, promoveu o lançamento do livro *Rousseau, a Educação na Infância*, da professora Ana Beatriz Cerizara.

O acontecimento deu-se às 20h30min do dia 11/12/89.

Florianópolis — SC — 1989

Academia Catarinense de Letras

A Academia Catarinense de Letras, que tem como presidente o escritor Paschoal Apóstolo Pítsica, teve as Cadeiras n.ºs 33 e 06, preenchidas na noite de 12 de outubro de 1989, pelos intelectuais escritores e poetas Silveira de Souza e Hugo Mund Júnior.

No ato foi saudado pelo acadêmico prof. Rodrigues Corrêa, destacado membro da Academia.

A produção literária dos novos acadêmicos foi destacada no convite expedido pela Academia, pelos escritores prof. Lauro Junkes (Silveira de Souza), e Walmir Ayala (Hugo Mund Júnior).

Obras Publicadas:

Silveira de Souza



Sonetos da Noite seleção de poemas de Cruz e Sousa, 1985.

O Vigia e a Cidade, contos, 1960

Uma Voz na Praça, contos, 1962.

Quatro Alamedas, contos, 1976.

Os Pequenos Desencontros, crônicas, 1977.

O Cavalinho em Chamas, contos, 1981.

Artepoema colagem de poemas sobre pinturas, 1983.

Sete Riscos na Pedra, poemas, 1985.

Canário de Assobio, crônicas, 1986.

Obras Publicadas:

Hugo Mund Júnior



Gráficos, Brasília, 1968.

Palavras que não são palavras, Brasília, 1969.

Gérmens, Brasília, 1977.

Ícones da Terra, Brasília, 1985.

Medusas, Florianópolis, 1985.

Espelho Ardente, Brasília, 1986.

Flauta de Espuma, Brasília, 1986.

Exercício em Branco, Brasília, 1986.

Véspera do Coração, São Paulo, 1986.

Grifos & Emblemas, Florianópolis, 1987.

Palavras e Cor, Florianópolis, 1988.

As Vozes do Juramento, Florianópolis, 1989.

Florianópolis — 1989

A Casa da Alfândega, com o apoio do Governo do Estado de Santa Catarina, através da Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte e da Fundação Catarinense de Cultura, realizou a Exposição de Papel Feito a Mão, de Terra e Zuleica Medeiros, no dia 29 de junho a 29 de julho de 1989 no seu salão de exposições à Rua Conselheiro Mafra, com o apoio cultural do Box 32, do Mercado Público de Florianópolis.

Florianópolis — 1989

O Governo do Estado, através da Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, Fundação Catarinense de Cultura e a Casa da Alfândega, patrocinaram a Exposição Herança Brasileira, de cerâmicas artesanais Marajoara e Tapajônica. A Exposição teve como local a “Casa da Alfândega” no período de 26 de abril a 5 de maio de 1989.

Florianópolis — 1989

Código de Ética Médica Comentado foi o livro de autoria do renomado médico dr. Leo Meyer Coutinho, que as Livrarias Catarinense e a Editora Saraiva promoveram o lançamento no salão de exposição e vendas da Livraria Catarinense à Rua Deodoro, 23, no dia 13 de julho de 1989.

O ato contou com a presença de vários escritores de Santa Catarina, com um coquetel de lançamento, fazendo uso da palavra o autor, dizendo das razões que o levou a escrever a presente obra, pela qual espera levar úteis informações a quem se dispuser a ler o seu trabalho.

Livrarias Catarinense e a Editora Bertrand Brasil.

Noutra promoção, a mesma loja das Livrarias Catarinense promoveu o lançamento das obras completas vols. I/VI de *Os Heróis Vencidos* de autoria do escritor Dias Gomes, presente ao lançamento, procedendo autógrafos de sua obra. O acontecimento deu-se no dia 7 de julho de 1989.

Florianópolis — 1989

Festa do Divino Espírito Santo. Como vem acontecendo anualmente, a paróquia da Santíssima Trindade, no distrito do mesmo nome, realizou nos dias 8, 9 e 10 de junho de 1990 a sua tradicional Festa do “Divino Espírito Santo”, classificada também de “Festa da Laranja”, cujo nome é atribuído à existência em épocas remotas de grandes laranjais nativos nos sítios da região.

O objetivo da festa é em honra e louvor ao Divino Espírito Santo. “Manifestar os dons da caridade e solidariedade no trabalho da comunidade paroquial, num encontro fraterno e alegre, bem como o espírito religioso de devoção e louvor no Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade”.

Com um programa de natureza festiva e cultural, essa Festa apresenta o Desfile do Cortejo do “Império”, “Missa Solene Festiva” presidida por Sua Ex.^a Revma. Dom Afonso Niehues, arcebispo metropolitano, cantos, pela Associação Coral da Trindade, Grupo Couro e Corda e Associação Coral de Florianópolis. E outras atrações programadas.

Florianópolis — SC

Anais do Museu de Antropologia da UFSC. Registramos o seu recebimento referente a 1985-1986.

Palhoça — SC — 1990

Prefeitura Municipal de Palhoça: Calendário Cultural

É importante para uma administração municipal dar destaque ao movimento cultural que envolve o município.

A Prefeitura Municipal de Palhoça, que tem como titular na Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, o sr. Claudir Silveira, tem desenvolvido um programa que reúne as promoções e eventos culturais acontecidos no município, incentivando-as com destaque e divulgando-as através de um boletim que precariamente edita. É um trabalho de louvor, que a Comissão Catarinense de Folclore apóia, registrando neste boletim o recebimento do Calendário Cultural, referente a novembro e dezembro de 1990.

III ENCONTRO DE DANÇAS

Florianópolis — 1989

Numa promoção do SESC — Serviço Social do Comércio, cuja direção do Departamento Regional de Santa Catarina está entregue ao dr. Milton Cesar Pires, tendo Roberto Paiva na chefia do Centro de Atividades em Florianópolis, foi realizado na Capital catarinense o III Encontro de Danças no Ginásio de Esportes Charles Edgar Moritz, nas noites de 11, 12 e 13 de outubro de 1989, com a repetição do evento em 1990.

A direção e controle do Evento tiveram a coordenação geral de Eloir Edilson Simm, com assistência técnica de Abenir Silva Lopes, auxiliado por Claudemir Luiz Heidt. A locução, arte e divulgação estiveram a cargo de Dilnei Pinto Araújo, tendo como orientadores de danças: Ildo de Oliveira Rodrigues, Maria Aparecida Souza e Luiz Gomes. Sonorização e iluminação: Som Cotempo.

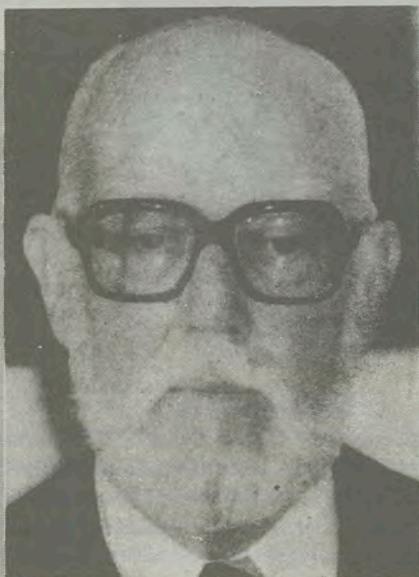
O Encontro se constituiu numa louvável iniciativa que anualmente se realiza, pois além de reunir grupos de danças existentes na Capital catarinense e outros municípios do Estado, cujo programa projeta o SESC de Santa Catarina, entre as unidades da federação brasileira.

Deixamos de abrir espaço para analisarmos as apresentações em si, visto que todos os grupos se ativeram na mais perfeita performance. Foi realmente um espetáculo com lindos e perfeitos movimentos coreográficos de cor, luz e brilho, dos mais notáveis nas três noites que lotaram o Ginásio do SESC em Florianópolis. Entretanto, como este boletim objetiva, principalmente, os assuntos relacionados à cultura popular e ao folclore, louvamos os colégios, academias, clubes e os Departamentos Culturais das Unidades do SESC, que incluíram em suas apresentações números, principalmente em que as promoções do nosso folclore foram destacadas. Ilustramos o acontecimento com várias fotos dos grupos participantes.

Do programa: cadência de movimentos, magia, cores, luzes, corpos, ritmo, vibrações, sentimentos, expressões.

“A boa terra jamais nega honra e admiração a quem trabalha”.

Willy Zumblick



Willy Zumblick, artista plástico, catarinense, mais de 50 exposições individuais e coletivas por Santa Catarina e pelo País, sempre dando ênfase à história e às coisas do seu Estado. A RBS entrega a Willy Zumblick o Troféu Amigo da Comunidade/1989, dia 25 de setembro, em Blumenau.



Amigo da Comunidade

Florianópolis

UFSC — A Universidade Federal de Santa Catarina promove até quinta-feira a Semana Cultural, com muito teatro, folclore, exibição de filmes em vídeo, artesanato e palestras. A programação de hoje começa às 9 horas com palestras de Doralécio Soares, Iolanda Flores da Silva e Valério Carione no Museu de Antropologia. A partir das 13 horas, no “hall” do Centro de Comunicação e Expressão, haverá demonstração de trabalhos em renda e olaria, seguida da apresentação da dança de pau-de-fita com o grupo Terceira Idade da UFSC. Às 14h30min haverá palestras com Nilce Salvador, Lélia Ferreira da Silva, Elisabeth Farias e Dalmo Vieira. Às 20 horas o coral da UFSC se apresenta no auditório do Centro Sócio-Econômico.

Transcrito do suplemento “Variedades” do Diário Catarinense de 07.11.89.

Semana Cultural movimentada na UFSC



Folclore no Museu

Pró-Reitoria de Cultura, Departamento de Apoio à Extensão e Museu Universitário promoveram de 6 a 9, a Semana Cultural, mostrando teatro, folclore, exibição de vídeo, artesanato e palestras, além de uma apresentação do Coral da Universidade Federal da Paraíba. Entre os palestrantes, Doralécio Soares.

A Semana da Cultura na UFSC abriu espaço para discussão sobre o projeto de pesquisa "Mapeamento Cultural de Santa Catarina, que vem sendo desenvolvido pelo Governo Estadual, UFSC e UDESC. De acordo com a professora Nilce Massignan, falar em mapeamento pressupõe conhecer o significado da palavra cultura, que engloba todos os aspectos da vida de um povo. Nilce acrescentou que a elaboração do Atlas Cultural do Estado, com a catalogação das diversas culturas existentes, será publicado e distribuído no próximo ano.

Reproduzido do Jornal *Universitário*

UFSC — Departamento de Imprensa e Marketing — 13.11.89 — n.º 121

Danças Folclóricas da Ilha de Santa Catarina

Numa pesquisa de campo e bibliográfica das professoras Ivete Ourinques Quint, Maria Gulart e Marize Amorim Lopes, do Departamento de Recreação e Prática Desportiva, da UFSC, foi lançado o Caderno de Cultura Popular n.º II pela Editora da UFSC, “Danças Folclóricas da Ilha de Santa Catarina”.

A obra, que teve como órgão executor a Universidade Federal de Santa Catarina, em co-edição da Secretaria de Estado da Cultura e Esporte, contou ainda com os órgãos financiadores: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais — FINEP e a FUNARTE.

Do sumário consta: apresentação de Doralécio Soares e introdução de Marisa Duarte.

Essa publicação foi a segunda da série de Cadernos da Cultura Popular da Editora da UFSC. Está em pauta um caderno completo sobre a “Dança do Cacumbi III”, e o caderno n.º IV, será o Folguedo do Boi-de-Mamão em Santa Catarina”.

Danças Folclóricas da Ilha de Santa Catarina foi lançado oficialmente no dia 12 de agosto, no pequeno auditório da antiga igreja da Trindade, no Campus da UFSC.

Com a presença da diretora de Extensão Cultural, pró-reitora professora Maria de Lourdes de Souza, jornalista e escritor Salim Miguel, diretor executivo da Imprensa Universitária, e professores e convidados. Na complementação do lançamento foi apresentado um vídeo do trabalho das pesquisas desenvolvidas pelas autoras, onde se fez ouvir vários depoimentos dos entrevistados, perante os alunos do Departamento de Recreação e Prática Desportiva da UFSC. Foram depoimentos objetivando levar às autoras subsídios para a conclusão das pesquisas necessárias ao bom andamento da obra, que culminou com importantes registros dos aspectos das danças pesquisadas do folclore ilhéu.

Do lançamento constou ainda a apresentação das danças do “Pau-de-Fita e Arco-de-Flores pelo grupo de Idosos da 3.ª idade da UFSC, coordenado pela professora Maria Gulart que recebeu os merecidos aplausos da assistência presente ao acontecimento.

As fotos, que ilustram as nossas páginas, são de uma nova apresentação do mesmo grupo no Ginásio Charles Edgar Moritz, do SESC, em Florianópolis, por ocasião de uma promoção do PROTUR, no dia 22 de agosto, Dia Nacional do Folclore.

O Caderno da Cultura Popular n.º II reúne além das danças do Pau-de-Fita e Arco-de-Flores, com uma importante parte descritiva, letra e pauta musical, “Convenções” e “Noções Coreográficas” de todos os movimentos da dança. É ilustrado com fotos de apresentação dos quadros nas suas várias movimentações.

Cacumbi ou Ticumbi

Já a Dança do Cacumbi obedece descritivamente a maioria dos seus aspectos, destacando-se a gravação para efeito de viabilização da documentação visual, numa apresentação exclusiva na UFSC, quando a dança foi gravada em vídeo-

cassete, realizando-se também a coleta de dados sobre o conjunto com os integrantes do grupo.

Da publicação consta, além da parte descritiva, fotos, versificação, e noções da coreografia do grupo.

Dança da Quadrilha

A Dança da Quadrilha também recebeu a esquematização necessária à sua publicação, constando: Influência Étnica-Européia Açoriana — Significação Época da Dança — Grupo de Dança — Local de Origem — Indumentária — Coreografia — Participantes — Música e fonte de informações. Além das consultas bibliográficas, foram realizadas entrevistas na coleta de informações com as pessoas integrantes ao grupo.

Da parte descritiva consta noções coreográficas da Dança, representadas nos quadros dos movimentos.

É uma obra bem planejada, descritivamente bem feita através dos quadros dos movimentos coreográficos que reúne no seu todo.

Doralécio Soares

Florianópolis — SC — 1990

Dia do Folclore na Casa da Alfândega

Marcando a passagem do Dia Nacional do Folclore, 22 de agosto, a Casa da Alfândega realizou uma série de atividades culturais. Uma delas foi o lançamento do "kit" de artesanato folclórico da Ilha de Santa Catarina. O "kit" é pequenas miniaturas formado por conjuntos de objetos, representando coisas relacionadas à cultura popular da Ilha de Santa Catarina, para servir de recordação de Florianópolis.

São miniaturas formadas por conjuntos de casas tipo açoriana, figuras do folgado do boi-de-mamão em cerâmica, minialmofadas de rendas, etc. São peças surgidas da criatividade de Tânia Esther Espesim Barbosa e Jorge Garcia.

Auxílios a Grupos Folclóricos

A Casa da Alfândega, após julgar as propostas dos grupos folclóricos que se inscreveram para obtenção do auxílio da verba de Cr\$ 500.000,00, destinada pelo Governo, através da Secretaria de Cultura e Esporte, aos grupos atuantes do folclore catarinense, fez a entrega das importâncias de acordo com o critério adotado pela Comissão Julgadora.

No dia 22 de agosto, a Casa da Alfândega também passou a vender as obras sobre folclore editadas pela Comissão Catarinense de Folclore.

Florianópolis — SC — 1990

Exposição comemora o primeiro aniversário da Casa da Alfândega

Comemorando o primeiro aniversário da Casa da Alfândega, sita à rua Conselheiro Mafra, centro de Florianópolis, foi organizado uma grande exposição, reunindo uma diversificação de obras relacionadas à Cultura Popular e ao Folclore Catarinense.

Entre o que foi apresentado, destacamos: tapeçarias de Victor Costa, cerâ-

micas de Lezandre Guttierrez, mobiliário artesanal de Hailton Savi. Na exposição, foram destacados três ambientes: uma sala de estar, um quarto e uma sala de refeição, compostos por móveis de madeira, tapetes de chão e parede, colchas, toalhas, louças, e uma lareira feita de cerâmica.

A Casa da Alfândega reúne, em exposição permanente, uma coleção de miniaturas de cerâmica nativa, com loucinhas de barro, de autoria de dona Josefa de Souza, da Ponte de Imaruí (Palhoça), um presépio colorido de dona Etelvina, da Ponta de Baixo (São José), bem como um presépio de barro natural de dona Marta Maria de Medeiros, também da Ponte de Imaruí.

Lages — SC — 1990

A Prefeitura Municipal de Lages inaugurou o seu “Centro de Artes” no dia 7 de agosto de 1990, com a Exposição do artista plástico de Florianópolis, Joel Silveira.

A Exposição se manteve aberta até o dia 17 do mesmo mês, sendo grandemente visitada. O artista plástico Joel Silveira, de Florianópolis, sempre em ascendência na sua arte, tem mostrado as suas telas até no exterior, quando por duas vezes expôs, com sucesso, em Paris.

Dando continuidade ao movimento cultural no município serrano, o Centro de Artes de Lages abriu o seu espaço para mais duas exposições de “pinturas” de Clênio Souza (Madames), e “esculturas” de Alceu Varela, no mês de setembro. No mês de outubro apresentou-se em Exposição de “pinturas” a artista plástica Linda Suzana Poll.

Florianópolis — SC — 1990

A Biblioteca Pública da Capital catarinense apresentou entre os dia 8 e 31 de agosto a Exposição “Retratos do Brasil”

A mostra reuniu 179 desenhos de 65 dos mais importantes caricaturistas do Brasil. Entre os mais antigos, destacamos: Angelo Agostini, K. Lixto, J. Carlos, Rual e Storni. Entre os contemporâneos estavam: Millôr Fernandes, Ziraldo, Hilde, Jaguar e Chico Caruso.

As caricaturas pertencem ao acervo da Biblioteca Pública Nacional, maior depositária e mais completa coleção de periódicos e livros do País.

Biguaçu — SC — 1990

Casa dos Açores reabre suas portas com Exposição

Com a presença da Secretária de Estado da Cultura e Esporte, prof. Zuleika Mussi Lenzi, e autoridades do Estado e do Município de Biguaçu, procedeu-se a reabertura da “Casa dos Açores”, com uma exposição permanente de todo seu acervo. A Casa dos Açores encontra-se instalada num casarão, na localidade de “São Miguel”, onde aportaram dezenas de famílias açorianas do século XVIII. O acervo é constituído de objetos ligados às manifestações da cultura popular açoriana, destacando-se as cerâmicas, rendas de bilros e o crivo. É destaque também a religiosidade com referência ao “Divino Espírito Santo”.

A Casa dos Açores é um espaço mantido pela Fundação Catarinense de Cultura.

Casa dos Açores

Bamerindus — Convém destacarmos que a abertura da Casa dos Açores deveu-se ao apoio recebido do Bamerindus, na pessoa do seu diretor estadual, sr. Estanislau C. Bartczak, que destacou a importância de Cr\$ 16.330,00 para a reforma do prédio. Atitude digna de ser imitada por outras casas bancárias sediadas em Florianópolis.

Florianópolis — SC — 1990

Empresa do Paraná doa 26.150 livros à Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Louvável a atitude da Empresa Placas do Paraná S.A., fábrica de modulados de madeira aglomerada e produtos químicos, atuando também na área agroflorestal.

A doação, das mais substanciais no gênero, foi concedida pelo diretor financeiro da empresa, Dr. Paulo Gustavo Migon, à Secretária de Cultura e Esporte, Zuleika Mussi Lenzi.

São obras de várias procedências de países europeus, África, América do Sul e Central, além de países asiáticos.

Florianópolis — SC — 1990

Edição de Livros — Os escritores Pinheiro Neto, Oldemar Olsen Jr. e o advogado Carlos Alberto Silveira Lenzi selecionaram em julgamento as obras na modalidade de contos: “Vida e Depoimento de um Garimpeiro”, de Valério Moisés Cavon (Curitiba), “O Voto Negro” de Jaime dos Santos (Florianópolis), e “Acreditem”, de João Airton de Oliveira, (Chapecó). Na modalidade poesia, foram contemplados “Enigma”, de Sílvio Silveira (Florianópolis), “Alucinação”, de Vilmar Nunes Teixeira, (Criciúma), e “Circuito Fechado”, de Dorvídio Mello (Florianópolis).

Os depoimentos premiados foram: “Nelson” de Nelson Carlos da Silva (Florianópolis), “Vida” de Luiz Alberto Mártio (Chapecó), e “Crítica à Sociedade e aos Criminosos”, de Valdemar Peri Barbosa (Chapecó).

Florianópolis — SC — 1990

I Encontro Estadual de Bandas — Do I Encontro Estadual de Bandas, realizado em Florianópolis, nos 13 e 14 de outubro no CIC — Centro Integrado de Cultura —, participaram 11 bandas com a seguinte temática: “Proporcionar a troca de informações entre músicos e regentes, incentivar a prática musical para preservar uma de suas manifestações mais tradicionais e provocar comparações quanto à qualidade do trabalho desenvolvido”.

No dia 14, as 11 bandas participantes se apresentaram em frente à Catedral Metropolitana, no Centro de Florianópolis.

As bandas desse primeiro encontro foram: a banda do 63º BI do Exército, sediada em Florianópolis; Banda da Polícia Militar e a Banda Amor à Arte, de Florianópolis; Bandas Musical Carlos Gomes e União dos Artistas, de Laguna; Banda Professor J. Floriani, de Blumenau; Banda Unidos de Imaruú, da cidade de Imaruú; Banda Musical de São João Batista; Banda Musical de Santo Amaro da Imperatriz, e as Bandas do SESI, de Criciúma e Jaraguá do Sul. O Encontro não teve caráter competitivo. Aos integrantes foi conferido uma placa alusiva ao Encontro, pela Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte de Santa Catarina.

Florianópolis — SC — 1990

Livro sobre a “Farra do Boi” — Um Instrumento de Leitura e Reflexão

Com a presença dos autores, coordenador Eugênio Lacerda, secretária de Estado da Cultura e do Esporte, prof. Zuleika Mussi Lenzi, professores universitários, estudantes e pessoas interessadas, foi lançado na noite de 30 de abril na Casa da Alfândega, o livro “Farra do Boi”. (Sobre o assunto publicamos nesta edição vários depoimentos).

Florianópolis — SC — 1990

A Casa da Alfândega expõe: “Fragmentos da Cultura Negra”

A Casa da Alfândega promoveu, do dia 5 até 28 de junho de 1990, a exposição “Fragmentos da Cultura Negra”, que mostrou trajes africanos contemporâneos com estampas típicas, trazidos por Sena Demba, e trajes do candomblé, cedidos pelo Centro Espírita “Caboclo da Serra Negra”.

Também fizeram parte da mostra 17 painéis fotográficos montados por técnicos no assunto, da Fundação Catarinense de Cultura, e ainda a exposição de 10 painéis de “batik”, confeccionados por Luka Polli, sobre os orixás e candomblé.

Florianópolis — SC — 1990

Sistema de Museus Intensifica Assessorias no Estado

“Museologia nem sempre se aproxima do folclorismo, mas o que costuma acontecer muitas vezes passa a fazer parte do “folclore” dos iniciados na área.

Os museólogos Fernando Romero, Max José Müller, Dolores Tomaselli e Edson Mendonça estão atuando em dezenas de projetos, objetivando prestarem assessorias para implantação de museus no Estado, a dinamização de casas de culturas e treinamentos de técnicos e professores dentro dessa área.

Laguna — SC — 1990

Exposição de Fotos e Lançamento de Livro em Laguna

Dentro da programação comemorativa ao Sesquicentenário da República Catarinense, que aconteceu em Laguna, no mês de julho, a Fundação Catarinense de Cultura participou com uma exposição de fotografias e com o lançamento do livreto “A Terra da Gente”. Trata-se do primeiro volume da série “Cadernos de Laguna”, que contará toda a história de Laguna, as suas tradições, aspectos folclóricos e fatos relevantes que envolveram as heranças do seu passado. É um trabalho elaborado pelo artista e ilustrador lagunense Cook e da pesquisadora Sílvia Maia.

Florianópolis — SC — 1990

Maquetes Populares — São trabalhos do artista agricultor, Bruno Lopes, natural de Antônio Carlos, que nos últimos tempos vem se dedicando a feituas de “maquetes”, feitas à base de madeira, de coisas relacionadas à cultura popular. Movidos à eletricidade, o Sr. Bruno Lopes montou um engenho de cana, tocado a boi, outro movido à água, uma pequena serraria e um engenho de farinha de mandioca. Todos em exposição na Casa da Alfândega em Florianópolis.

Florianópolis — SC — 1990

Distribuição do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore

A Secretaria de Cultura e Esporte promoveu a distribuição do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, em janeiro de 1990, às prefeituras municipais, entidades culturais e bibliotecas de instituições do ensino superior do Estado. O Boletim, cuja edição com 183 páginas, foi patrocinado pela Secretaria, trata de diversos assuntos do folclore catarinense e brasileiro.

Exemplares também foram enviados a entidades culturais do Brasil e alguns órgãos de outros países. Edição do ano de 1988, correspondente aos nºs 39-40. A Comissão Catarinense de Folclore foi instalada como subcomissão em 1948 e constituída como sociedade civil de caráter científico e cultural, como Comissão Catarinense de Folclore, a 2 de janeiro de 1970.

Florianópolis — SC — 1990

Bruxaria é Tema de Exposição no Museu Histórico

“As histórias de bruxaria, comuns no interior da Ilha de Santa Catarina, viraram tema de exposição, no Museu Histórico de Santa Catarina: Palácio Cruz e Sousa em Florianópolis no mês de abril de 1990.

Chamada de “Noite de Lua Cheia, tem Cheiro de Bruxa no Ar”, a mostra foi organizada em parceria pelo MHSC e o Núcleo de Estudos de Relações de Gênero do Centro de Ciências Humanas da UFSC, acontecendo paralelamente com a 17ª Reunião Brasileira de Antropologia na UFSC, no mês de abril.

Destaca-se na exposição a “viagem bruxólica” com as suas semelhanças entre as narrativas sobre bruxaria na Ilha e os relatos da Inquisição sobre a bruxaria européia medieval e moderna, prosseguindo com a exposição de diversas representações a respeito desse tema no litoral catarinense”.

Florianópolis — SC — 1990

Folguedo do Boi-de-Mamão

Objetivando estimular os grupos folclóricos no Estado, a Casa da Alfândega programou apresentações do grupo de Boi-de-Mamão do bairro do Pantanal, em algumas praias da Ilha de Santa Catarina. Apresentações essas que acontecem próximas aos hotéis, principalmente na “Praia dos Ingleses”. Muito embora sejam apresentações para turista “ver”, colaboram assim com o “turismo cultural”.

Florianópolis — SC — 1990

“Juego de la Vaquilla”

Esta foto foi colhida pelo prof. Nereu do Vale Pereira, no Museu El Escorial, na Espanha, em 1988.

Trata-se de um tapete representando um folguedo infantil, especialmente na Corte de Espanha, intitulado de “Juego de la Vaquilla”, (brinquedo da vaca) uma representação pueril das Corridas de Touro nas Arenas. Integra o folclore hispânico.



Bayeu: Tapiz: El juego de la vaquilla

Bayeu: Tapis: Le jeu de la vachette

Bayeu: Tapestry: Children playing bullfigting

Bayeu: Wandteppich: Das Stierkampfspiel

Bayeu: Arazzo: Il gioco "della vaccherella"

Bayeu: Tapête: O Jogo da Vaquinha

"Juego de la vaquilla"

O tapete, de técnica “Gobelinn”, é do século XVIII (ano de 1740 aproximadamente), e está publicada no Livro El Escorial de M. Lopez Serrano, editada pela Editora Nacional de Madri, em 1976.

Obs.: Qualquer semelhança com o folgado do nosso “Boi-de-Mamão”, é mera coincidência! . .

Florianópolis — SC — 1990

Doralécio Soares: “Cidadão Honorário de Florianópolis

Honrosa distinção é conferida ao editor e diretor deste Boletim, folclorista Doralécio Soares.

O ato solene ocorreu às 20 horas do dia 7 de junho, na sede da Câmara Municipal: Palácio “Dias Velho”, praça XV de Novembro, em Florianópolis.

A Resolução de nº: 300/88, foi de autoria do vereador, dr. Lauro Luiz de Andrade.

Ao ato compareceram, familiares, amigos e admiradores do ilustre “Cidadão Florianopolitano”.

Lages — SC — 1990

Lages — 224 anos de Fundação. Comemorando os 224 anos de Fundação do Município, a Prefeitura de Lages, programou uma série de eventos alusivos ao acontecimento. Assim o “Centro de Artes” do município, dando continuidade as comemorações, apresentou uma Coletiva de Artistas Plásticos, sob o título: “A Arte de Presentear com Arte”. Noite de autógrafos de escritores lageanos: “Catharina Coser, Sandra Andrade, Sebastião Ramos, e Osvaldo Ataíde”. Exposição de trabalhos dos alunos dos cursos de “Pintura e Desenho, Cerâmica, Escolinha de Arte, Pintura em Tecido e Vidro”. Recital de alunos dos cursos: “Órgão, Violoncelo e Violão”.

A abertura deu-se a 27 de novembro.

Florianópolis — SC — setembro — 1990

A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos e a Associação Coral de Florianópolis se reuniram para o lançamento do Carimbo Comemorativo emitido pela ECT, com a abertura da Exposição de Arte, festejando os 39 anos de Coral da Cidade de Florianópolis.

A solenidade, que ocorreu no dia 10 de setembro de 1990, na sede da Associação Coral, à rua Maestro Aldo Krieger, no Córrego Grande, teve o brilhantismo de várias apresentações do Coral, sendo elevado o número de afeiçoados a bela arte, que lá acorreram para abrilhantar a solenidade.

Estiveram presentes ao ato, Sua Excelência, doutor Antônio Bulcão Vianna, Prefeito da Capital, professora dra. Zuleika Mussi Lenzi, secretária de Estado da Cultura e do Esporte, além de outras autoridades.

Florianópolis — SC — 1990

Associação Coral de Florianópolis e a RCE-TV Cultura Canal 6 se associaram para comemoração, respectivamente, dos seus 30 e 20 anos de fundação.

O espetáculo comemorativo teve lugar no Teatro Álvaro de Carvalho, no dia 31 de maio, às 21h30min, quando foram apresentadas as mais lindas cantatas

do repertório da tradicional Associação. A Comissão Catarinense de Folclore, que se fez presente por alguns dos seus membros, registra neste boletim, prazerosamente o acontecimento.

Florianópolis — SC — junho — 1990

O escritor Virgílio Várzea é acontecimento

O Governo do Estado de Santa Catarina, através das Secretarias de Estado da Cultura e Esporte e da Educação, em conjunto com a Escola de Aprendizes de Marinheiros de Santa Catarina, a Agência da Capitania dos Portos do Estado, em Florianópolis e a Sociedade de Amigos da Marinha da Grande Florianópolis, promoveram a solenidade de lançamento do Fascículo VIRGÍLIO VÁRZEA, título primeiro da Série Resgate da Coleção Escritores Catarinense.

A solenidade teve lugar na Agência da Capitania dos Portos (Forte Santa Bárbara) à rua Antônio Luz em Florianópolis, às 20 horas do dia 5 de junho. Foi abrilhantada com a presença de altas autoridades civis e militares, escritores integrantes da Associação dos Escritores de Santa Catarina, professores, além de acrescido número de participantes e convidados especiais.

Florianópolis — SC — 1990

VIII Feira de Artesanato de Idosos — Ginásio do SESC

O Serviço Social do Comércio — SESC pelo seu Departamento Regional, na pessoa do seu diretor Milton Cesar Pires, fez realizar nos dias 14, 15 e 16 de setembro de 1990, no Ginásio Charles Edgar Moritz em Florianópolis, a VIII Feira de Artesanato de Idosos.

O Evento contou com a participação de várias entidades culturais e filantrópicas, de Santa Catarina e dos Departamentos Regionais do SESC de Brasília, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo.

Tubarão — SC — 1990

A Prefeitura Municipal de Tubarão, através de seu Departamento de Cultura — UNISUL — Universidade do Sul de Santa Catarina, pelo seu Centro de Convivência Cultural e Biblioteca Universitária, SESC: Centro de Atividades de Tubarão, realizou uma série de promoções no decorrer do mês de outubro de 1990.

As promoções tiveram o patrocínio: Vesul — Luminal — Sobrave — Loja Keitymuri e Mussi Advogados.

Foram exposições regionais de artes, praça de lazer, Real Balet Diocesano de Lages, II Feira de Ciência da UNISUL — FECINSUL — encontro literário, exposição itinerante da artista plástica de Florianópolis, Dirce K'uerbes, apresentações teatrais, encontro de conjuntos musicais, festivais de pandorgas e o II Encontro de Danças.

A promoção contou com o apoio cultural: Academia Sul Catarinense de Letras, Lions Clube de Tubarão, 5º Batalhão de Polícia Militar de Tubarão, Gráfica E.M. Ltda., Rádio Tubá, Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da UNISUL e Colégio Dehon.

Foi realmente um programa que projetou o município de Tubarão culturalmente entre os demais municípios catarinenses.

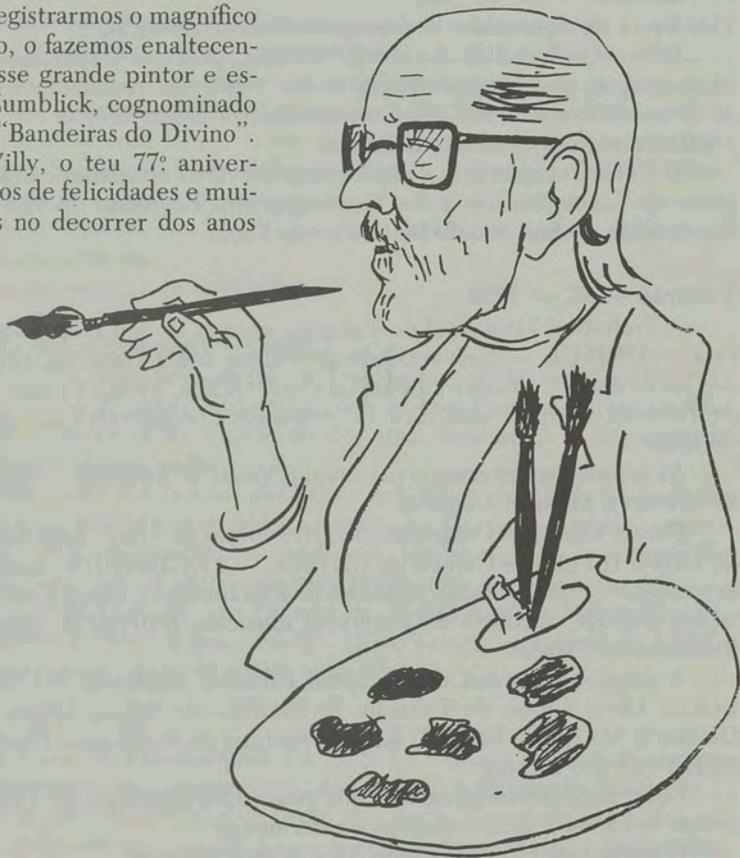
O nosso boletim divulgando o faz prazerosamente.

Willy Alfredo Zumblick — Figura máxima das Artes Plásticas de Santa Catarina comemorou a 26.09.90 o seu 77º aniversário na cidade de Tubarão.

Cercado do carinho de seus familiares e expressivo número de amigos, esse notável artista, que tem dado a Santa Catarina, destaque no cenário cultural brasileiro através de sua arte; foi distinguido pelos tubaronenses e inúmeros catarinenses de outros pontos do Estado, que lá estiveram para levar ao dileto amigo, esposa, filhos, noras e netos, os abraços que fez jus, por tão grata efeméride.

Nós da Comissão Catarinense de Folclore, ao registrarmos o magnífico acontecimento, o fazemos enaltecendo o valor desse grande pintor e escultor Willy Zumblick, cognominado de pintor das “Bandeiras do Divino”.

Salve, Willy, o teu 77º aniversário, com votos de felicidades e muitas exposições no decorrer dos anos vindouros.



Festa Pomerana: o Brasil no melhor estilo alemão



Durante os bailes, animados por bandas típicas, a apresentação de grupos folclóricos germânicos.

Pomerode — O Brasil no melhor estilo alemão é o que promete o município “mais alemão do País”, de 12 a 28 de janeiro, durante a realização da sétima Festa Pomerana. A maior festa de folclore e produtos típicos da cidade de Pomerode, no Vale do Itajaí, neste primeiro mês do novo ano. A sétima edição da Festa Pomerana acontece paralela à Exposição Industrial, Comercial e Artesanal de Pomerode no Parque de Esportes e Lazer do município vizinho de Blumenau.

As comemorações iniciarão oficialmente no próximo dia 12 de janeiro, às 19 horas, quando o prefeito Henrique Drews Filho vai abrir a Exposição no Parque de Esportes (avenida 21 de Janeiro, sem número). A tarde, no mesmo dia, haverá o lançamento da Pedra Fundamental do Oasis Pommern Hotel. Já às 20 horas, da mesma sexta-feira, dia 12, as festividades têm início com danças folclóricas, baile com a banda alemã “Original Oschmusik” de Löffingen e banda típica de Pomerode, com comida alemã e chope.

No dia 13, além das exposições permanentes e agenda de apresentações de bandas e grupos folclóricos, têm início as competições do Fischerstechen (Fisgar o Pescador), Schneidermüller (Serrador de Lenha) e Holzacker (Lenhador). Aos domingos, como no dia 14 (o primeiro da Festa Pomerana), haverá

o desfile Folclórico pelas ruas do centro da cidade.

Do dia 15 ao dia 17 a programação não se altera, acontecendo normalmente os festejos com exposição do comércio, indústria e artesanato de Pomerode, sempre em conjunto com os bailes animados por bandas regionais, danças folclóricas e competições típicas. Apenas na quinta-feira, dia 18, é que acontece o tradicional Concurso de bolos e cucas.

Outra atração diferente é o torneio de skat, espécie de jogo de baralho, de tradição germânica, que acontece no segundo domingo da festa. Na seqüência mais um desfile folclórico pelas ruas do centro da cidade.

Transcrito do Jornal de Santa Catarina, edição 28/12/89.

Florianópolis, SC — 1990

Apaixonado pelo folclore

* Jabes Garcia

Florianópolis — SC

Nunca é demais exaltarmos o trabalho que vem desenvolvendo, de há muito, na divulgação do folclore catarinense, o jornalista e folclorista Doralécio Soares, presidente da Comissão Catarinense de Folclore, entidade que foi fundada em 7 de outubro de 1948.

Apaixonado por tudo aquilo que diz respeito ao folclore da nossa terra, Doralécio Soares já publicou vários cadernos com aspectos diversificados da cultura popular em Santa Catarina, como “Rendas e Rendeiras da Ilha de Santa Catarina”, “Jogo de Bocha”, “Jogo da Mora” e outros.

Editado por ele, recentemente, com a colaboração de conhecidos jornalistas catarinenses, o “Boletim da Comissão Catarinense de Folclore” traz, em suas 183 páginas, magníficos trabalhos sobre as manifestações da cultura popular, nas danças, nos folguedos luso-brasileiros, na pesca, no artesanato das rendas de bilros, nos teares manuais, nas crendices, etc., constituindo-se numa herança açoriana que devemos cultivar.

Para quem gosta, como nós, de conhecer os costumes dos nossos antepassados, o Boletim do Folclore, com várias ilustrações, agrada da primeira à última página.

Tivemos conhecimento de que o nosso folclorista de primeira linha, Doralécio Soares, está dando os últimos retoques no seu novo livro sob o título “O Imigrante Italiano, seus costumes, sua música, seu folclore”. Que venha logo, logo, para as livrarias, são os nossos votos.

** Jabes Garcia, jornalista da “velha-guarda”, natural de Tubarão, aposentado como fiscal do INPS, sempre que a oportunidade se lhe apresenta, focaliza assuntos relacionados a Florianópolis, na seção de “Cartas do Leitor”, do Jornal O Estado.*

Desta vez, o ilustre jornalista abordou algumas obras e aspectos que desenvolvemos na área do folclore catarinense.

Ao publicarmos a crônica do prezado colega, o fazemos prazerosamente, agradecendo as suas bondosas palavras em “Apaixonado pelo folclore”.

Doralécio Soares

Florianópolis — SC

Fritz Müller — “Fatos e Argumentos a Favor de Darwin”

Cientista prof. dr. Hitoschi Nomura. A Comissão Catarinense de Folclore foi honrada, em março do corrente ano, com a visita do cientista dr. Hitoschi Nomura, cuja vinda a Florianópolis, foi motivada pelo lançamento da obra de Fritz Müller, “Fatos e Argumentos a Favor de Darwin”, traduzido do inglês pelo ilustre professor.

A co-edição da obra, deveu-se à participação da Fundação Catarinense de Cultura — FCC, da Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, da Cia. de Pesquisa de Recursos Minerais — CPRM, e do DNPM, Departamento Nacional de Produção Mineral do Ministério das Minas e Energia.

— Assim se manifestou o grupo que apresentou a obra, integrado por Ieda Inda, Hermes A. V. Inda e Carlos Oití Berbert.

A publicação em português do livro de Fritz Müller, “Fatos e Argumentos a Favor de Darwin”, em co-edição da Fundação Catarinense de Cultura com o Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM) e a Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM), cumpre objetivos institucionais dessas organizações quando reabilita, divulga e preserva um notável momento da história do pensamento e da pesquisa científica do País na área das ciências naturais.

Obra reconhecida no Exterior, desde 1863, como um dos marcos na história da Teoria da Evolução, esta edição brasileira, ao lado de sua importância para a cultura científica nacional nos campos da biologia, da paleontologia e da geologia, registra também fragmentos da luta de um cientista contra os preconceitos de sua época, tendo a seu lado a solidão do litoral do Sul do Brasil e a obstinada fé nos fundamentos da moderna metodologia científica, que ajudou a construir.

A revelação entre nós desta história é o resultado do trabalho igualmente obstinado de outro cientista notável, o Dr. Hitoschi Nomura que, após elaborar esta impecável tradução do “Für Darwin”, enriquecendo-a com um pequeno ensaio introdutório, lutou por mais de 26 anos para a sua divulgação.

O lançamento acontece no “hall” da Biblioteca Pública em Florianópolis, com a presença dos autores, autoridades e acrescido número de pessoas do meio cultural da Capital catarinense.

Blumenau — SC

Registramos e agradecemos o recebimento de *Blumenau em Cadernos* Tomo — XXXI nº 1990, órgão de propriedade e editado pela Fundação “Casa dr. Blumenau”, tendo como diretor responsável o jornalista e escritor José Gonçalves.

Blumenau em Cadernos reúne uma preciosidade de artigos, registrando o passado, o presente e o futuro do importante município do vale do Itajaí.

Florianópolis — SC — 1990

A Academia Catarinense de Letras, reverenciando a memória de seus membros, promoveu a sessão Saudades, em homenagem ao acadêmico “Francisco de Oliveira e Silva”, numa sessão realizada no dia 19 de julho de 1990, no auditório do Palácio Cruz e Sousa em Florianópolis.

Florianópolis — 1990

“Projeto Boi-de-Mamão. A prefeitura de Florianópolis, com o apoio da Protur — Fundação Pró-Turismo de Florianópolis, desenvolveu nas escolas básicas municipais o Projeto “Boi-de-Mamão”, com o objetivo de despertar o interesse pela preservação e promoção desse patrimônio cultural, com o objetivo de incentivar a criação de grupos folclóricos.”

Conforme consta da comunicação enviada pelo Of. nº 96/90 à Comissão Catarinense de Folclore, “O Projeto compreendeu a realização de um curso sobre o tema “Boi-de-Mamão”, dirigido às professoras de Educação Artística da rede municipal e a realização de oficinas de música, confecção e dramatização às crianças interessadas, cujo processo de aprendizado final coroou com a formação de oito grupos folclóricos”.

O concurso deu-se em duas etapas, sendo a primeira no dia 30 de junho e a segunda no dia 7 de julho, em forma de festival em frente à área da Catedral Metropolitana, na praça 15 de Novembro.

Conforme o noticiário da imprensa, o Festival dos Grupos do Boi-de-Mamão se constituiu de verdadeiro sucesso.

A participação efetiva da Comissão Catarinense de Folclore deu-se no dia 22 de agosto, Dia Nacional do Folclore, quando da entrega dos prêmios aos grupos vencedores do concurso no ginásio do SESC.

Nessa oportunidade, houve apresentações dos grupos de Boi-de-Mamão classificados, aos quais foram entregues os “troféus”. Havendo também a apresentação do grupo de dança do Pau-de-Fita da Universidade Federal de Santa Catarina, cujas fotos ilustra esta página.



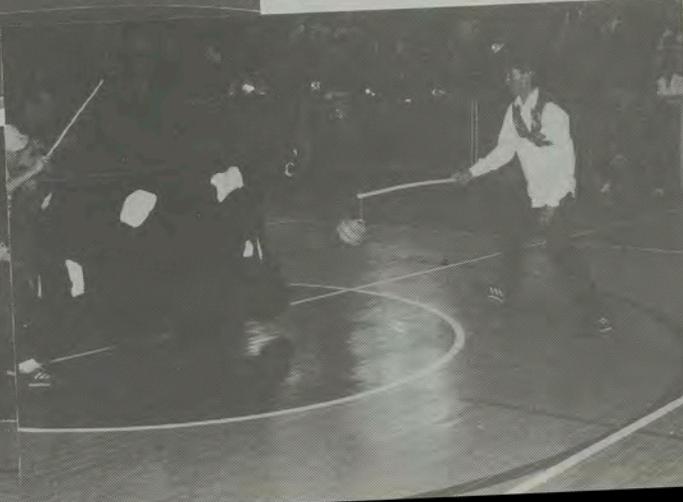
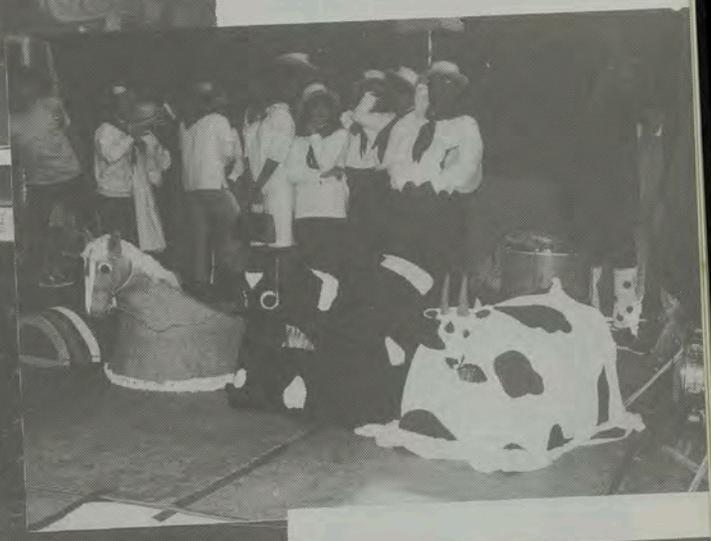
Troféus conferidos aos grupos participantes.

**PROJETO
Boi-de-Mamão**

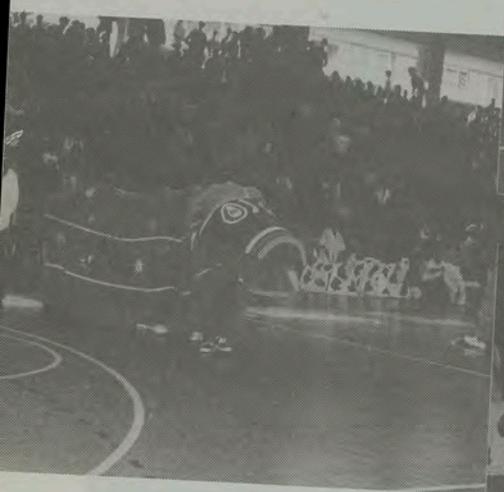


**GRUPOS FOLCLÓRICOS
de "Boi-de-Mamão" das
ESCOLAS MUNICIPAIS.**

Fotos: Doralécio Soares



PROJETO Boi-de-Mamão



Grupos Folclóricos de
Boi-de-Mamão das Escolas
Municipais de Florianópolis

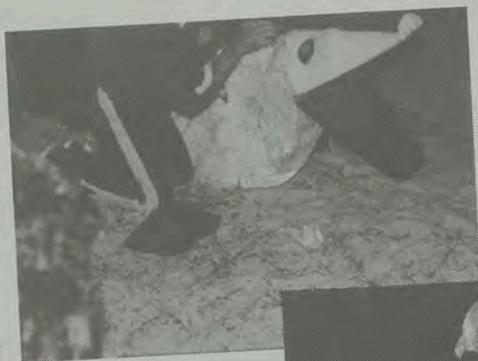
Fotos: Doralécia S.

BOI-DE-MAMÃO DE ITACORUBI NA LAGOA DA CONCEIÇÃO

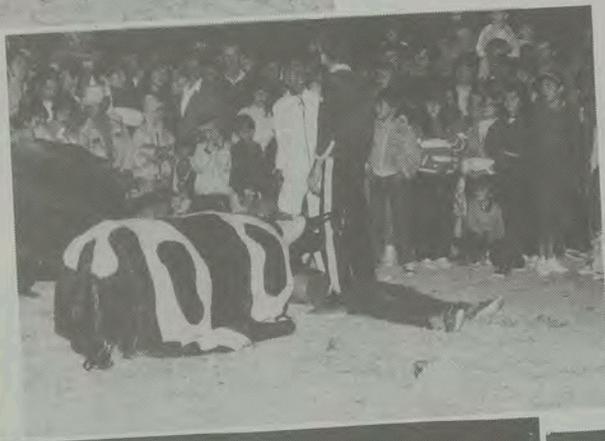


MARICOTAS, BOIS E CABRINHAS





BOI-DE-MAMÃO
DE ITACORUBI NA
LAGOA DA
CONCEIÇÃO



Aí está o Grupo de Idosas do município de Palhoça, que organizaram a Exposição do “Pão-por-Deus”.

Além dessa colaboração, de costumes ainda existentes entre nós, o Grupo apresentou várias cantorias, cantando versos da Festa e Bandeira do Divino Espírito Santo, Terno de Reis, cantigas de ratoeira e outras.

Após as apresentações, o Grupo foi homenageado no Restaurante Pirão, com o substancioso café colonial, pelo sr. Valério José, onde o grupo voltou a cantar várias canções regionais da cultura popular catarinense.

Presentes à homenagem, registramos em nosso Boletim prazerosamente o acontecimento.



Fotos: Doralécio Soares

Associação Coral de Florianópolis

A Associação Coral de Florianópolis está para a Capital catarinense assim como as Orquestras Sinfônicas de Blumenau e Joinville estão para aqueles municípios do alto vale.

Muito embora Florianópolis, em idos passados, também tivesse a sua Orquestra Sinfônica, hoje infelizmente isto não acontece. Não nos cabe dizer das razões que fizeram com que, pouco a pouco, isso acontecesse.

Suprindo essa falta, entretanto, a nossa música erudita vem sendo representada não só pela Orquestra de Câmara, regida pelo abnegado maestro Hélio Rosa, bem como por ocasionais concertos proporcionados pelo Quinteto de Cordas da Universidade Federal.

Felizmente a Associação Coral, integrada por um grupo de idealistas, tem sido atuante neste setor, muitas vezes representando Santa Catarina em récitas em outros estados, quer somente com o seu grupo, ou integrando a outros corais do Brasil.

30 anos de Fundação

Comemorando o trigésimo aniversário de sua fundação, a Associação Coral apresentou a seguinte programação: 31.05.90 — Audição da Saudade, no Teatro Álvaro de Carvalho, de Florianópolis, com transmissão ao vivo pela RCE — TV Cultura para todo o Estado.

Regentes

Comemorando os seus 30 anos, apresentou-se no Centro Integrado de Cultura e no Teatro Carlos Gomes de Blumenau.

Destacou-se ainda a Associação Coral de Florianópolis na apresentação da Cantata “Carmina Burana”, de Carl Orff, juntamente com a UNB, sob a regência do maestro Emílio de Cesar, da Universidade Nacional de Brasília, com dois pianos e percussão. Dezembro de 1990. Serenatas de Natal. — Um dos programas de grande repercussão na Capital catarinense, são as “Serenatas de Natal”, da Associação Coral. Da programação constou: residência oficial do governador. Asilo Irmão Joaquim; encerrando com apresentação em frente à Catedral, sob o patrocínio do “Protur e Pró-Música”, onde 18 corais, com aproximadamente 650 vozes, foram ouvidos.

CERÂMICA POPULAR DECORATIVA

Mercado Público — Boxes — 5 e 6

Os ceramistas de Florianópolis, mais precisamente os localizados na “Ponta de Baixo”, município de São José, são os principais produtores das cerâmicas “decorativas” de motivos folclóricos.

São conjuntos de figuras do tradicional Boi-de-Mamão: Orquestra de Sapos e Presépios, com as suas figuras tradicionais, representando o nascimento de Jesus.

No Box 5 e 6 do Mercado Público de Florianópolis, onde colhemos estas fotos, encontram-se à venda os conjuntos aqui apresentados, todos ricamente pintados com certo esmero pelos artesãos produtores.



Fotos: Doralécio Soares

Orquestra
de Sapos



PRESEPIO

Bois-de-Mamão

Fotos:
Doralécio
Soares



NOTÍCIAS CULTURAIS DOS ESTADOS 1989-1990

Rio de Janeiro — 1989

O Ministério da Cultura, através do Instituto Nacional do Folclore e da Funarte, realizou o lançamento de: Berimbau e Capoeira/BA. Disco LP n° 46 da série Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro, o qual apresenta toques tradicionais do berimbau e ladainhas executadas por mestre Vavá (Valfrido Vieira de Jesus). Regional Berimbau de Ouro. As pesquisas e as gravações foram realizadas no Recôncavo Baiano, por Tiago de Oliveira Pinto, autor do encarte que aborda a história do berimbau.

Bibliografia Afro-Brasileira

Número 2, da série Referência, compilada pela Biblioteca Amadeu Amaral e pela Coordenação de Projetos Afro-Brasileiros, arrola 956 títulos, incluindo livros, revistas, folhetos e recortes de jornais selecionados no acervo da Biblioteca. Os recortes de jornais abrangem as décadas de 1930 a 1980 e constituem cerca de 50% das referências levantadas.

Bibliografia Folclórica n° 13

Reúne os títulos sobre folclore, cultura popular e antropologia cultural incorporados à Biblioteca Amadeu Amaral no ano de 1988, ordenados alfabeticamente, com índice remissivo de assunto.

Itapecerica — 1989 — MG

Reinado do Rosário de Itapecerica — Minas Gerais

Maria Amália Corrêa Giffoni

Obra editada com a colaboração da Nacional Grafite — projeto incentivado pela Lei 7.505, de julho de 1986. (Lei Sarney) 1989 — Associação Palas Athena do Brasil — São Paulo.

Arte e Coordenação Técnica: Massao Ohno Estúdio — SP.

Sempre é bom receber uma obra de autoria da escritora prof.ª Maria Amália Corrêa Giffoni.

Pesquisadora das mais autênticas, oferece-nos a obra “Reinado do Rosário de Itapecerica”.

São José dos Campos — São Paulo

Fumos e Fumeiros no Brasil, é uma pesquisa do “Caderno de Folclore” n°

4, da Associação Brasileira de Folclore, com sede em São Paulo, cuja titular é a prof.^a Julieta de Andrade. Pesquisa de autoria do escritor Marcel Jules Thiéblot, autor de importantes pesquisas na área de São Paulo, reúne nesse trabalho tudo relacionado com a cultura do fumo, realizada sobre os plantadores de tabaco e artesãos produtores do fumo, nos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Recôncavo Baiano, Amazonas, Rondônia e Pará.

É um trabalho que, pela sua importância, revela a preocupação do autor em aprofundar a sua pesquisa em todas as áreas de coletas de dados, com ilustrações, desde o sistema de plantio, até a sua completa industrialização artesanal, bem como mapeando as regiões fumageiras do Recôncavo e Estado do Pará.

É um trabalho que pela sua importância merece ser divulgado.

Rio de Janeiro — RJ — 1989

O Ministério da Cultura, através do Instituto Nacional do Folclore, da Funarte e da Prefeitura Municipal de Apiaí (SP), promoveu a inauguração da Exposição “Cerâmica de Apiaí: *momentos de uma pesquisa em arte popular*”, de Marina V. Novaes Ceravolo.

A Exposição deu-se no mês de setembro de 1989, na Sala do Artista Popular e Museu de Folclore Edison Carneiro, na rua do Catete, 179, Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro — 1989

Concurso Sílvio Romero — 1989. O Ministério da Cultura e Funarte/ Instituto Nacional do Folclore, na sua realização de “Monografias sobre o Folclore”, expediram o Regulamento do Concurso de 1989, nos seus vários artigos e itens de regulamentação do referido Concurso.

Guarujá — SP — 1989

A Prefeitura Municipal de Guarujá — SP, a Comissão Municipal de Folclore e a Associação de Folclore e Artesanato de Guarujá, numa semana festiva, promoveram o XVII Festival de Folclore e Artesanato de Guarujá. Associando-se ao evento, a Comissão Catarinense de Folclore, ao registrar o acontecimento, cumprimenta, através do seu Boletim, a Baronesa Esther Sant’Anna de A. Karwinsky, DD. Presidente da Associação de Folclore e Artesanato de Guarujá.

Brasília — 1989

A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, através do sr. Marcos Otávio Bezerra Prates, chefe do dep. de Finanças, expediu comunicado à Comissão Catarinense de Folclore, em junho de 1989, que no período de 28/07/89 a 06/08/89 realizou-se na cidade do Rio de Janeiro, no Paço Municipal, a Brasília/89 com o lançamento especial de *1 bloco comemorativo/89* — “Dia do Selo-Brasília/89 — Exposição Filatélica Interamericana — Espanha e Portugal”, mais *1 envelope selado, 1 edital sem selo, 1 edital selado e 1 cartão postal*, cujos detalhes de comercialização, etc., eram esclarecidos no local da Exposição. Ao registrar o acontecimento em seu Boletim, a Comissão Catarinense de Folclore o faz cumprimentando a ECT pelo êxito alcançado na promoção.

Rio de Janeiro — 1989

Festas Populares Italianas: Palestras “Guido Bertolotti”.

Numa promoção do Instituto Italiano de Cultura e Instituto Nacional do Folclore/Funarte, no mês de abril de 1989, foram realizadas palestras no Instituto Italiano de Cultura, no Rio de Janeiro, abrangendo os seguintes Temas: Ritos Populares, a Grande Festa: Pesquisa sobre o Carnaval, Festa de Comunidade e Migrações: A Reinterpretação dos Ritos, novos Ritos Urbanos: O Futebol e a Festa Política.

Foram debatedores: Rubem Cesar Fernandes/ISER; Maria Laura Cavalcanti/INF e Giralda Seyferth/UFRJ.

Rio de Janeiro — RJ — 1989

Espaço Orixá Sociedade — Arquitetura e Liturgia do Candomblé: Raul Lody.

As Edições Ianamá promoveram o lançamento do livro “Espaço — Orixá — Sociedade”, de Raul Lody, a 26 de abril de 1989, na Livraria Camões no Rio de Janeiro.

Recife — PE — 1990

O presidente da Fundação Joaquim Nabuco, Fernando de Mello Freyre, expediu convites para as festividades do Dia do Folclore, que teve lugar na Sala Gilberto Osório de Andrade, à rua Dois Irmãos, em Apipucos no Recife.

Guarujá — SP — 1989

A Prefeitura de Guarujá — SP, a Comissão Municipal de Folclore e Artesanato e a Associação de Folclore e Artesanato de Guarujá, numa semana festiva, promoveram o XVII Festival de Folclore e Artesanato de Guarujá.

Do programa constaram promoções importantes, destacando-se o lançamento da Revista “Folclore” n.º 14/89, homenagem ao prof. dr. Ariosto Guimarães, e outros; palestra da prof.ª Maria Amália Giffoni sobre a sua obra “Reinado do Rosário”; Concurso de “Brinquedos Folclóricos”; Apresentação do Coral Municipal; Reisado de Bumba-meu-Boi de mestre Zacarias.

Belém — Pará — 1989

Comissão Paraense de Folclore

Com prazer este Boletim registra a posse, na presidência da Comissão de Folclore do Pará, da dra. e escritora folclorista Maria Brígido.

A atuação da escritora Maria Brígido na área científica da cultura popular tem sido uma das mais intensas, coroada de pleno êxito nos trabalhos que tem divulgado através dos anos.

A Comissão Catarinense de Folclore ao se congratular com a prezada companheira de lutas, o faz levando aos demais membros que integram a Comissão Paraense de Folclore a sua palavra de fé na atuação da ilustre e abnegada presidenta.

Maceió — Alagoas — 1989
Livros de Folclore de Alagoas

A Biblioteca da Comissão Catarinense de Folclore foi enriquecida com vários livros da cultura popular e folclore do Estado de Alagoas. Remessa do presidente da Comissão Alagoana de Folclore, prof. e escritor José Maria Tenório Rocha, entre as quais destacamos de sua autoria: “Minha Cartilha de Folclore”, “Folclore e Danças de Alagoas”, além dos Boletins da Comissão Alagoana de Folclore, de 1984, 1987 e 1988. Recebemos também a publicação “O Folclore em Balanço ou, de Como Espezinhados e Emudecidos Continuam Cantando”, editado em 1987, quando era diretor de Pesquisa, Documentação e Estatística da Secretaria de Cultura e Esporte do Estado o prof. José Maria Tenório Rocha, a quem agradecemos as publicações enviadas.

Maceió — Alagoas — 1987
Universidade Federal de Alagoas

Do departamento de Ciências Sociais da UFA, recebemos o caderno n.º 2 (1986) — in memoriam. . . dos professores, alunos e funcionários à prof. Marilu.

Caderno, importantíssimo, pelo seu conteúdo cultural, onde são analisados vários aspectos da cultura e do folclore alagoano.

Olinda — Pernambuco — 1990

Cantando o Amor o Ano Inteiro: *Maria José Lins e Silva (Marieta)*

Aí está uma obra das “Edições Paulinas”, que deve ser lida pela grandeza do tema abordado pela poetisa “Marieta”, pernambucana de Olinda.

É uma obra magnífica, onde em forma de mensagens a autora destaca a grandeza do amor, ternura e afeto, numa maneira carinhosa, que procura levar a todos nós a sua mensagem do “Cantar o amor o ano inteiro”, “enquanto houver voz que o faça e ouvidos atentos, necessitados de amor e esperança. . .”

Destaca carinhosamente a grandeza do amor nos seus mais derivados aspectos, dedicando a paz, a religiosidade, a educação, aos estudantes, as mães, aos jovens, ao índio, ao mártir Tiradentes, ao Descobrimento do Brasil, ao Universo, numa oração através da mãe que acalenta o filhinho no seu eterno sonho de esperança.

Focaliza os aspectos culturais e cívicos dos meses, despertando o amor da Mãe-Pátria. Canta as belezas da natureza, invocando a proteção da flora e fauna.

É realmente uma obra que se destaca no contexto cultural brasileiro. São mensagens que envolvem o ser humano nas suas mais expressivas manifestações.

Olímpia — São Paulo

26.º Festival do Folclore de Olímpia, realizado de 12 a 19 de agosto de 1990.

Numa coordenação do prof. José Sant’Anna, a Prefeitura Municipal de Olímpia, do Estado de São Paulo, promoveu o seu 26.º Festival Nacional de Folclore, que vem acontecendo festivamente todos os anos.

É um vitorioso evento que reúne grupos folclóricos dos pontos mais distantes

do País, além de personalidades ilustres relacionadas ao meio da cultura popular brasileira.

O objetivo de importante Festival, diz o seu calendário de apresentação, é: "Propiciar conhecimentos sobre o folclore brasileiro, preparando os participantes para a compreensão das manifestações folclóricas. Complementando estudos já efetuados sobre o folclore".

Este Boletim ao noticiar tão importante acontecimento, que contou com a participação do Grupo Folclórico "Boi-de-Mamão" do Pantanal, da cidade de Florianópolis, faz se associando a alegria que envolve a comissão organizadora, cumprimentando as pessoas de S. Ex.^a, Prefeito Municipal, José Fernando Rizzatti, o dinâmico coordenador prof. José Sant'Anna e o ilustre presidente do Conselho de Cultura do município, dr. Francisco de Assis Madalena.

Noticiário — 1990

Argentina — Buenos Aires

GAL 018/90

Secretária de Cultura

Fondo Nacional de las Artes

BUENOS AIRES,

Señora Maria de Cascia Nascimento Frade:

Me es especialmente grato dirigirme a Ud. para levar a su conocimiento, que dado el dictamen del jurado del/Gran Premio Iberoamericano "Dr. Augusto R. Cortazar" — Año 1989, ha merecido el 2º Premio a la mejor obra editada en portugués, individual o colectiva por su obra "Cantos do Folclore Fluminense".

Este trabajo denota una impecable y profunda investigación del tema. Considero que es un texto de consulta insoslayable para quienes deseen ahondar el tema.

En fecha próxima haremos la convocatoria para la entrega de premios enmarcada en la trascendencia que el acto merece.

Con la convicción de que este ha sido un importante aporte para la cultura latinoamericana, la saludo y felicito por tan meritoria distinción.

Muy cordialmente,

*Rita Maria Silvia Rios
Gerente de Artes y Letras
Fondo Nac. de Las Artes*

NOTA: Distinção merecida pelo reconhecimento da valiosa obra coordenada pela prof. Cascia Frade, cujo registro demos à pág. 88 da edição 39-40/1988 do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore.

Recife — PE — 1989

O Centro de Estudos Folclóricos, do Instituto de Pesquisas Sociais e Departamento de Antropologia da Fundação Joaquim Nabuco, do Recife, Pernambuco, reuniu em um caderno especial, uma série de trabalhos, comemorando o *Dia do Folclore* — do ano de 1989.

Entre os artigos destacamos: de Edigar de Alecar “Tempo de Caju no Nordeste”; “O Pifano de Taboca”, de Larry Crook; Cultura Popular de Folclore no Brasil”, de Sebastião Vila Nova; “Luiz Gonzaga e a Música Popular do Nordeste”, de João Hélio Mendonça; “Brinquedos e Jogos Nordestinos”, contribuição ao estudo da lúdica regional; Um depoimento, Mário Souto Maior; “São Cornélio e os Chifres”, Hildegardes Vianna; “Cantigas Folclóricas Infantis”, Waldemar Valente; “O Padre Cícero no Folclore”, Zezito Guedes; “Folclore dos Anfíbios”, Hitoschi Nomura; “Esperando o Ano Novo”, Virgília Peixoto.

Rio de Janeiro — RJ — 1989

Bibliografia. Dando cumprimento ao trabalho por muitos anos desenvolvido, a Biblioteca Amadeu Amaral do Instituto Nacional do Folclore editou o caderno nº 14/1989 de “Bibliografia Folclórica”.

Na sua apresentação diz: “O documento, seja ele escrito, gravado ou fotográfico, fixa e perpetua o conhecimento adquirido através das gerações. Sua reprodução torna possível transmitir esse conhecimento de forma cada vez mais abrangente e rápida, na medida em que novas técnicas são criadas”. É realmente um trabalho digno de nota.

Folclore. Do Instituto Nacional do Folclore, a Comissão Catarinense de Folclore tem recebido regularmente a publicação Folclore, importante informativo sob a direção de Ana Heye, que reúne importantes trabalhos na área do folclore brasileiro, com pesquisas de doutos no assunto. A Comissão Catarinense agradece, desejando que as edições se processem com continuidade.

Brasília — DF — 1990

Caderno Cultural. Uma publicação da Imprensa Nacional. Número sob a responsabilidade da Academia Brasileira de Letras.

É realmente uma publicação de alto valor cultural, cuja edição referente ao nº 14, foi inteiramente dedicada à Academia Brasileira de Letras, destacando os trabalhos: “Banco de Dados da Academia”, Arnaldo Niskier; “José Cândido, Alma e Coração”, Austregésilo de Athayde; “Aurélio: uma galáxia de palavras”, Ledo Ivo; “Machado de Assis e a mestiçagem”, Afrânio Coutinho.

Focalizando ainda a posse da primeira acadêmica, “Raquel de Queiroz” “que quebrou uma tradição de 80 anos, desde a fundação da Academia Brasileira de Letras”, que não permitia o seu Estatuto, a entrada de mulheres.

Olinda — PE, junho de 1990

Três fotos, três ilustres escritores de Pernambuco

Em junho de 1990, fui a Recife em companhia de minha esposa, a fim de matar um pouco a saudade da “santa terrinha”. Lá, entre outras atividades culturais em companhia do organista e artista plástico Lula Gonzaga, figura de destaque nos meios artísticos e culturais do Recife, programamos algumas visitas na cidade de Olinda.

Por sugestão de Lula, o nosso primeiro encontro aconteceu com o muito querido escritor, jornalista, teatrólogo, reverendo Enéas. Nessa oportunidade tivemos a felicidade de assistir à Santa Missa, celebrada pelo ilustre Sacerdote,

na “Igreja Católica Ortodoxa Seriana do Brasil, na Paróquia Mãe de Deus” a 26 de junho de 1990 em Olinda.

Ao registrar o acontecimento com uma foto em companhia do escritor, formulo a proteção divina ao ideal que congrega na defesa de sua fé cristã, distribuindo-a aos adeptos de sua igreja.



Poetisa Marieta



Reverendo Enéas, ao fundo



Escritor Mário Souto Maior

Poetisa “Marieta” — Maria José Borges Lins e Silva

Para você, querida poetisa, registro a nossa presença nesse recanto lindo de sua residência, em companhia de minha esposa Iná e do amigo Lula, quando fomos obsequiados com substancial almoço à moda nordestina.

É um registro que faço com prazer, destacando a atuação da ilustre escritora e professora nos meios culturais de Olinda e Recife, onde vem se destacando com suas obras. Ainda nesta edição publicamos uma apreciação do seu mais recente livro “Cantando o amor o ano inteiro”.

Mário Souto Maior

Finalmente a nossa última visita deu-se na residência dessa figura dinâmica de sociólogo, etnógrafo e folclorista, Mário Souto Maior, cuja expressiva contribuição ao folclore pernambucano e brasileiro, através de suas inúmeras pesquisas de campo na área da cultura popular, tem sido de inestimável valor.

Mário Souto Maior, que desenvolve as suas atividades na Fundação Joaquim Nabuco, no Recife, no Centro de Estudos Folclóricos, do qual é diretor e editor dos cadernos culturais, já nos deu inúmeros títulos, destacando-se o “Dicionário da Cachaça”, além de outras obras de real valor. Em outro ponto desta edição destacamos a sua classificação em 1º lugar no Concurso do “FONDO NACIONAL DE LAS ARTES”, do Ministerio de Educación e Justicia da Argentina, com o livro “Alimentação e Folclore.

Doralécio Soares

Caruaru — Pernambuco

“Pedra de Toque”: Aleixo Leite Filho

O livreto “Pedra de Toque”, é um livreto de conteúdo extraordinário de poesias do prof. Aleixo Leite Filho, em que o autor, na sua idade “projecta” de sessenta anos, homenageia expoentes de alta cultura. Exalta louvores de amor e carinho a sua esposa, em que grafa: “Ode para Socorro”, — à minha esposa. Enquanto crepitar a chama acesa / do amor votivo e pleno de firmeza / no palpitir fremente do teu ser / enquanto em mim pulsar as emoções / pelo fervor de tuas gratidões / que devolveu-me a graça de viver / enquanto em nós formar-se a simbiose / que nos conduz à rara apoteose / neste viver de reciprocidades. . . / iremos juntos pela vida afora / pastorando / em sonhos, como agora, nosso rebanho de felicidades.

Homenageando grandes poetas, cita, Augusto dos Anjos, Arimenes Dias, Ascenso Ferreira, Pascoal Motta, Juca Pontes, Angeles Amber (Madri) Juan Pla Benito, (Espanha), Tobias Barreto (1838/1899), Rosália de Castro (1889/1985), Alder Júlio (sociólogo), prof. Raimundo Nonato, Carlos Rabelo, O Jovem Wang Wiilin (o chinês que enfrentou os tanques na “Praça da Paz Celestial”, Stella Leonardes, colunista Jotta Lagos, na poesia, “O Evangelho segundo meu Pai”. Homenageia os seus filhos e netos”. Invocando Pablo Neruda, homenageia o poeta chileno Francisco Medina C.

Encerra o seu pequeno “Grande Livro”, com um “acróstico” a Paulo Neruda, e conclui: Desperta, *Poeta Maior da Raça Humana!* / Acende a pira da maratona sideral na *terra do fogo!* / Vem aplacar o ódio, as cores e a fúria dos glutões! / Apóstolo de “Coração Amarelo” e alma de sombra e luz! / Divide-te em quantos forem os humilhados deste planeta / Porque a Morte não te Venceu!

Belo Horizonte — MG — 1990

A Comissão Mineira de Folclore, numa promoção do SESC/ARMG. Sesiminas, Belotur, Federação dos Congados de Nossa Senhora do Rosário do Estado de Minas Gerais e Federação Espírita e Umbandista, com apoio da Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, comemorou com substancial programa festivo a “Semana do Folclore” no Estado mineiro, assinalando “Cores e Contos por Todos os Cantos”. Tradições, provérbios, contos, crenças, canções. “A Alma de Minas é a Voz Popular”.

São Paulo — SP — 1990

Da Associação Brasileira de Folclore, sob a presidência da prof.: Zilda Moreira Rangel, acusamos o recebimento regular do seu boletim, cuja direção está a cargo de José Sérgio R.C. Gonçalves.

A Associação Brasileira de Folclore é uma Associação que tem prestado relevantes serviços à cultura Folk no Brasil. Fundada pelo renomado mestre Rossine Tavares de Lima, autor de vários títulos sobre o folclore brasileiro, destacando a sua mais importante obra o “Abecê do Folclore”, cujas várias edições vêm circulando por este Brasil afora.

O apoio que o mestre Rossine sempre recebeu de sua culta esposa, professora Maria do Rosário Tavares de Lima, se constituiu na consagração do nome do ilustre folclorista nos meios culturais do Brasil.

Natal — RN — 1990

O Galo. Jornal Cultural da Fundação José Augusto, Cia. Editora do Rio Grande do Norte.

É um caderno cultural editado sob os auspícios do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, que reúne as mais expressivas figuras da literatura potiguá, reunindo pesquisas, poesias, contos, etc., de alto valor literário, atestando a importância do valor cultural que predomina entre os seus colaboradores.

O Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, ao registrá-lo, o faz certo de que a biblioteca da nossa comissão terá continuidade no seu recebimento.

Maceió — AL — 1990

É tempo de Folclore. — A Secretaria de Cultura e Esporte do Estado de Alagoas, imprimiu uma Edição Especial, focalizando o carnaval da Capital Alagoana de 1990, em que foram destaque as Manifestações Populares do Folclore Alagoano, entre os quais destacamos: Bumba-meu-boi; Samba de Matuto, “Recordação do Passado” de autoria de Ranisson Souza; “Recordações do Carnaval” de Pedro Tarzan; “O Cinema como Inspiração” de Pedro Rocha; “Bumba-meu-boi, um Espetáculo Popular das Alagoas” de Ranilson França, e “Vendo, Participando e Entrando na Folia”. “Incrível, os Folguedos Carnavalescos ainda vivem, de José Maria Tenório.

Maceió — AL — 1990

O Gutemberg — Informativo da Associação Alagoana de Imprensa.

A Associação Alagoana de Imprensa, edita um jornal em forma de “tablóide”, como órgão informativo e cultural, que circula entre os seus membros. O jornal

reúne expressivo número de colaboradores, os quais focalizam no nº 2, referente ao último semestre de 1990, importantes assuntos de fundo literários / da cultura popular, sobre o qual destacamos de José Maria Tenório, Rainha (e rei da Lambada), a Besta Fera ou Peste Solta em Maceió, a presença do mito (ou lenda?) em 1990.

Guarujá — SP — 1990

Museu e Museologia: Baronesa Esther Sant'Anna de Almeida Karwinsky.

Da baronesa Karwinsky, acusamos agradecendo a sua obra, museu e museologia, importante trabalho que focaliza a temática da museologia, onde são dissertados todos os aspectos que envolve a importante matéria.

CICLO NATALINO — SENAC

Recife — PE — 1989

Com uma série de palestras alusivas ao "Ciclo Natalino", o SENAC promoveu festivamente o Natal no Recife, no seu auditório no mês de novembro, à avenida Visconde de Suassuna, 500 — Boa Vista.

Da programação destacamos as promoções alusivas à participação ao folclore pernambucano, com o Pastoril e sua importância cultural, pela profª Vicentina Barbosa, da Fundação Guararapes, com a apresentação do Pastoril e Dança de São Gonçalo da mesma Fundação. Entre os palestrantes, a *Arte e o Natal* foi o tema desenvolvido pela Profª Marieta Borges, e palestra com música de Natal pelo organista Lula Gonzaga e Rosemilde Falcão de Melo, além de outros que focalizaram temas sobre o Natal.

Do Convite, destacamos a poesia Anseio, da poetisa Marieta Borges Lins e Silva:



ANSEIO

Quero crer na paz que já não vejo
e esperar que todos a desejem. . .
E partir, por entre muros solitários,
Oferecendo a mão que hoje retenho.

Quero crer que o homem ainda sonha
com um mundo de doçuras e verdades. . .
E que assim pode ser salva a humanidade,
no gesto de perdão que não se esboça. . .

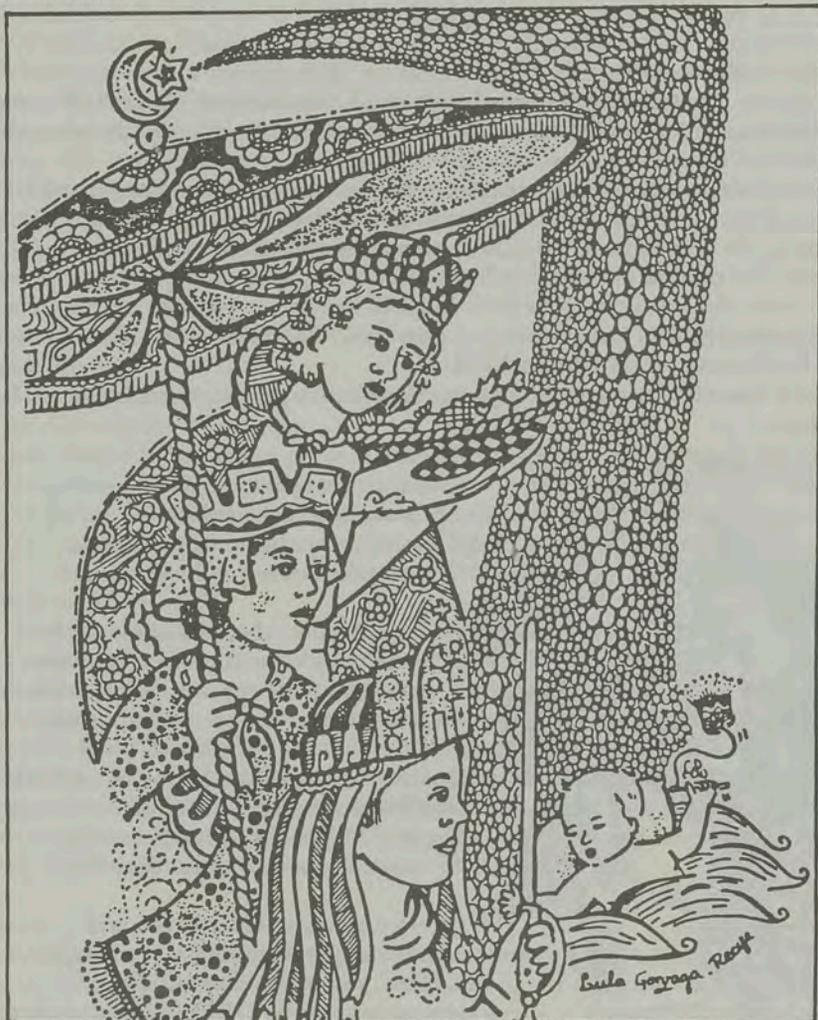
Quero crer eternamente que um MENINO,
humilde e simples, transformou o tempo.
E que o Natal este segredo encerra:
do renascer em que não se acredita.

Quero crer no amigo que procuro
e naquele que distante me contempla.
É Natal: urgentemente vamos
semear o amor de DEUS por toda a terra!

Cartões de Lula na exposição paulista

O excelente artista pernambucano, Lula Gonzaga, teve três cartões selecionados, entre os 100 escolhidos, para participarem da I Exposição de Cartões de Natal promovido pelo Museu de Arte Sacra de São Paulo. Três mil peças estavam concorrendo.

Como faz anualmente, ele criou um número bem maior de cartões, sempre enfatizando os temas regionais. As mensagens também são bonitas e, o mais importante: em meio a rechonchudas figuras de Papai Noel num trenó puxado por renas que deslizam na neve, e figuras bíblicas, misturam-se estilizados maracatus, Bumba-meu-boi, pássaros e frutos nordestinos. Algumas livrarias e galerias de arte estão comercializando vários modelos dos cartões de Lula, aqui no Recife.



Maceió — AL — 1989

Artesanato de Alagoas: José Maria Tenório é o autor do caderno ilustrado do artesanato alagoano, amplamente informativo e ilustrado, focalizando os aspectos da produção artesanal de Alagoas.

É um folheto de divulgação que vai ao encontro dos que desejam conhecer e colecionar peças da arte popular de Alagoas e do artesanato de tradição folclórica. É realmente uma publicação de primeira qualidade gráfica, dignificando também o seu autor.

Belo Horizonte — MG — 1990

Folclore: Suplemento literário. Encarte do jornal “Minas Gerais”, de 18 de agosto de 1990, inteiramente a cargo da Comissão Mineira de Folclore.

“Em comemoração do Dia Internacional do Folclore, 22 de agosto, a Comissão Mineira de Folclore promoveu a sua Vigéssima Sexta Semana do Folclore em Belo Horizonte, com apoio da Secretaria de Cultura, Imprensa Oficial, Belotur, SESC/AR. MG, Sesiminas, Federação dos Congados de Nossa Senhora do Rosário de Minas Gerais e da Federação Espírita Umbandista de Minas Gerais”.

A publicação reúne trabalhos de vários autores, em que focalizam vários aspectos do folclore e da cultura popular de Minas Gerais. São trabalhos de grande profundidade cultural, que leva principalmente ao jovem estudante conhecimentos necessários à amplitude do seu saber.

Entre os artigos destacamos “A Praga do Padre” de autoria do prof. Saul Martins, uma das grandes autoridades conhecedora do folclore e cultura popular de Minas Gerais, e porque não dizer do Brasil.

Ao presidente da Comissão Mineira de Folclore, a Comissão Catarinense agradece a remessa dos exemplares de Folclore.

Recife — PE — 1990

Semana Cultural dos Estudantes Municipais do Recife. Música — dança — teatro — carnaval.

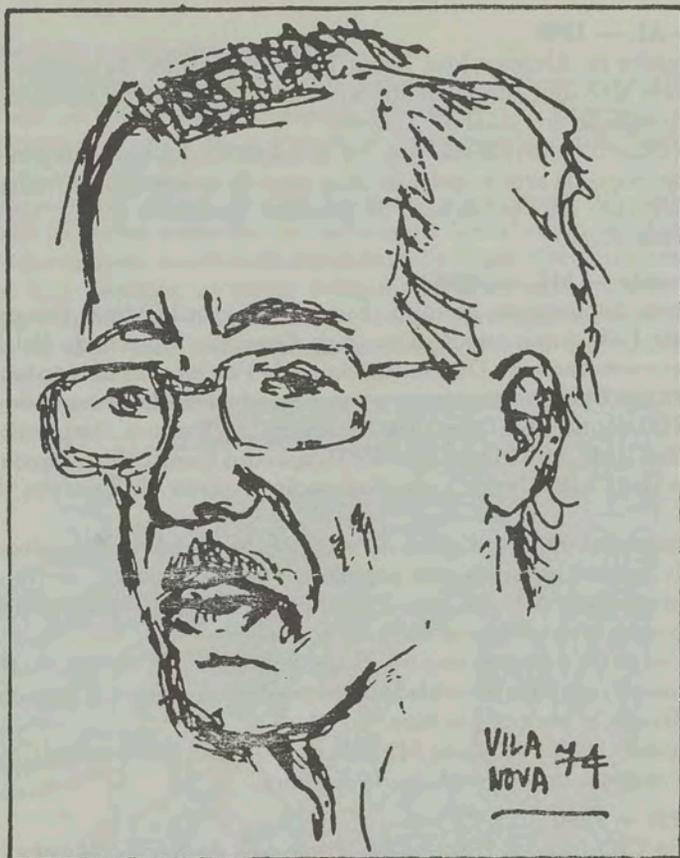
Numa promoção da Prefeitura Municipal do Recife, Secretaria de Educação e Cultura e da Fundação de Cultura Cidade do Recife — Fundação Guararapes, de 24 a 27 de setembro de 1990, no Teatro do Parque, foi realizada uma grandiosa festa de cultura popular, com apresentações de música — dança — teatro e carnaval. Foi um espetáculo empolgante que reuniu estudantes dos quatro cantos da cidade recifense.

Belo Horizonte — MG — 1990

FOLCLORE EM MINAS GERAIS — O Prof. Dr. Saul Martins, antropólogo e folclorista, autor de várias obras que abrangem o folclore e a cultura popular de Minas Gerais, irá nos oferecer em 1991, mais uma de suas grandes pesquisas, “Folclore em Minas”.

Entre as suas obras publicadas, destacamos na última edição de nosso Boletim, “Folclore Teoria e Método” e “Congada: Família de Sete Irmãos”.

Acreditamos que, como as obras anteriores, “Folclore em Minas Gerais”, será uma obra cujos ensinamentos culturais de divulgação de folclore mineiro serão de transcendental importância. Vamos aguardar o seu lançamento, que está previsto para junho de 1991.



JORNAL DO COMMERCIO, 17/5/1990

Souto Maior ganha prêmio

**Alimentação
e Folclore**

Mário Souto Maior

Com o livro “Alimentação e Folclore”, o sociólogo e folclorista pernambucano Mário Souto Maior foi classificado em primeiro lugar pela Comissão Julgadora do Gran Prêmio Íbero-americano Dr. Augusto Raul Cortazer de 1989, cujo resultado foi divulgado esta semana. O concurso, instituído pelo Fondo Nacional de Las Artes, do Ministerio de Educación y Justicia, da Argentina, contou com a participação de 48 trabalhos sobre folclore de autores das Américas de língua espanhola e portuguesa.

O trabalho de Mário Souto Maior foi julgado como a melhor obra editada em português. Os julgadores em seu parecer o consideraram um excelente dicionário de termos culinários da cozinha regional brasileira, que constitui uma original obra de investigação. Mário Souto Maior também foi considerado pelos organizadores do prêmio como o continuador, no Brasil, da obra do famoso folclorista Câmara Cascudo.

O autor receberá um diploma, uma estatueta em madeira de lei argentina e a edição do livro em espanhol, pela sua classificação. Feliz com o resultado, Mário Souto Maior declarou que o prêmio não é só dele, mas de todos os folcloristas pernambucanos e brasileiros, especialmente seus companheiros da Fundação Joaquim Nabuco, onde trabalha há duas décadas.

Autor de 26 trabalhos publicados, além de outros aguardando impressão, Mário Souto Maior é diretor do Centro de Estudos Folclóricos da Fundação Joaquim Nabuco que lhe outorgou o título de Pesquisador Emérito. É, também detentor de dois prêmios da Academia Pernambucana de Letras e tem trabalhos publicados na Imprensa e revistas especializadas do País.

Rio de Janeiro — RJ **Comissão Nacional de Folclore**

Prof. Doralécio Soares

Presidente da Comissão Catarinense de Folclore

A Comissão Nacional de Folclore tem a satisfação de encaminhar a Vossa Senhoria o Documento INF 1(5) da IX Conferência Regional das Comissões Nacionais da UNESCO para América Latina e o Caribe, apresentado por Braulio do Nascimento, vice-presidente da Comissão Nacional de Folclore e membro da Delegação Brasileira na mencionada Conferência, realizada no Rio de Janeiro, em 10-14 de julho findo.

O Documento contém informações sobre as atividades e projetos da Comissão em sua nova fase.

Atenciosamente,

Paulo de Carvalho Neto
Secretário-Geral

São Paulo — 1990

Livros — (2ª edição)

Achegas ao Vocabulário Lupanar. Autor: José Carlos Rossato

Quem penetrou na gostosa área da “cultura popular”, jamais parará de produzir o que esta área nos oferece de sabedoria.

Este é o caso dos folcloristas brasileiros, que entre eles se incluem o professor universitário, geógrafo e pedagogo, José Carlos Rossato, com a sua pesquisa “Achegas ao Vocabulário Lupanar”, e o prefaciador da obra, o não menos emérito

autor do discutido “Dicionário da Cachaça” Mário Souto Maior, que prefaciando Achegas, diz do trabalho desenvolvido pelo autor, destacando as importantes obras de sua autoria, dentro da temática da “sabedoria popular”.

Para o leitor fazer uma idéia do conteúdo da pesquisa, direi apenas dos títulos das “linguagens” pesquisadas: Adultério — Alcoviteira — Ânus — Bordel — Copular — Dar a Luz — Deflorar — Esperma — Explorador de Mulheres — Grávida — Impotente — Masturbação — Mênstruo — Nádegas — Parteira — Pederasta — Pênis — Prostituta — Testículos — Vagina, etc.

São dezenas, centenas de nomes recolhidos, atribuídos aos títulos aqui transcritos, considerando ainda a área dos 13 municípios da região Norte de São Paulo, de leste a oeste, dos rios “afluentes” da margem esquerda do rio Grande, um dos formadores do caudaloso Paraná.

É realmente uma substanciosa pesquisa, valiosa pelo conteúdo da gíria popular recolhida, que com prazer registramos o seu recebimento.

Olímpia — 1990

26º Festival do Folclore — Olímpia — São Paulo: Capital do Folclore.

O Anuário do Folclore, revista relacionada ao 26º Festival do Folclore, que anualmente se realiza no mês de agosto, em Olímpia, São Paulo, cognominada de “A Capital do Folclore”, diz bem da grandeza desse Festival.

É uma edição do Departamento de Folclore do Museu de História e Folclore “Maria Olímpia”, Comissão de Folclore e Conselho Municipal de Cultura, da Prefeitura Municipal.

Edição patrocinada pelo Bradesco — Osasco. Tem como diretor dr. José Sant’Anna e redator prof. Iseh B. de Camargo.

Entre as matérias publicadas, destacamos: “São Pedro da Terra e do Céu”, artigo com 71 páginas, de autoria do prof. dr. José Sant’Anna, numa pesquisa em que o autor reúne tudo, ou quase tudo que diz respeito à atividade de São Pedro na terra.

A área pesquisada inside sobre o Município de Olímpia, que é destacada na sua área geográfica e “aspectos históricos”.

“As festas de São Pedro em Olímpia, são conservadas através dos anos, onde também são reverenciados, Santo Antônio e São João.

Diz José Sant’Anna: “no Município de Olímpia, houve em 1987, cerca de 35 festas de São Pedro, sendo 20 na zona urbana e 15 na zona rural, todas celebradas com fogos, fogueira, terços e outras manifestações.”

Registra-se São Pedro, como “Padroeiro dos Pescadores, dos Porteiros e dos Serralheiros”. É um Santo que recebe muitas homenagens do povo de Olímpia, eis porque a importância da pesquisa, que se processou tão completa sobre o “Porteiro do Céu”, na região de São Paulo, onde ele é o mais reverenciado.

Um dos aspectos importantes da pesquisa é a seqüência das músicas recolhidas com as suas pautas musicais: “Terço de São Pedro — Benzimento da Bandeira — Hino dedicado a São Pedro — Bateu Asa, Canto do Galo — Cantemos de Coração — São Pedro nos guie Sempre — São Pedro, o primeiro Papa e mastro de São Pedro”.

Destacam-se os depoimentos de pessoas idosas, com alusão às: crendices,

simpatias, benzeduras, orações, superstições, “estórias”, medicina popular com seus remédios caseiros, benditos, peditórios. Oratórios onde é destaque “São Pedro na Umbanda — Xangô — Alufam”. Amplamente documentado destacam-se as benzedeadas com fotos das personagens entrevistadas.

Registramos ainda: de Rogério de Oliveira, “Prove ter bom Raciocínio Adivinhações”. “Procura-se. . .” de Iseh Bueno de Camargo, pesquisa relacionada a Orações, das quais apresenta 42 para os mais variados fins.

Olímpia — 1990

Dança do Bambu — por Maria Aparecida de Araújo Manzolli, ilustrada com o desenvolvimento da Dança e Pauta Musical.

“Versos dos Envelopes de Correspondências” dos Festivais de Folclore de Olímpia, nos seus 26 anos de existência, por Célio José Ferreira.

Noticiário da ISEH, é um dos mais completos. Fartamente ilustrado reúne importantes aspectos da realização do majestoso festival, focalizando as “danças e folguedos” nas suas seqüências. Do noticiário o hino “Glorioso FEFOL”, com letra e música de autoria de José Viário.

Homenagem à Comissão Catarinense de Folclore

O Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, teve inserido nas páginas 117 e 118, da importante revista, além de uma nota dizendo da importância do trabalho que desenvolvemos, na área do folclore em Santa Catarina, a reprodução da capa da nossa edição 39/40, referente a 1988.

Olímpia — São Paulo — 1990

Honrosa Distinção: a Doralécio Soares

Comunicado:

Da Câmara Municipal de Olímpia, o presidente da Comissão Catarinense de Folclore recebeu a comunicação pelo Of. 766/90 — GP., que a Câmara Municipal aprovou por unanimidade a proposição do vereador José Sant’Anna, durante a sessão do dia 03/12/90, se fizesse inserir na ata dos trabalhos um voto de aplauso e reconhecimento pela atuação desprendida, imprescindível e valiosa do ilustre escritor Doralécio Soares, no estudo e preservação do folclore, bem ainda como divulgador incansável do “Festival de Folclore de Olímpia”.

Honrado com as elogiosas referências ao trabalho que tem desenvolvido na área do folclore, o distinguido, pela proposição do ilustre vereador dr. José Sant’Anna, agradece humildemente o voto de aplauso e reconhecimento, inserido na ata dos trabalhos da colenda Câmara Municipal de Olímpia.

Belém — Pará

Dr. Artur Napoleão de Figueiredo

No mês de março de 1989, recebemos a infausta notícia do falecimento do dr. Artur Napoleão Figueiredo.

Cientista credenciado perante importantes sociedades brasileiras e do Exterior, países entre os quais, pertencia a quarenta e duas.

Desenvolveu suas pesquisas científicas no Museu Emílio Goeldi, no Pará, onde foi classificado como pesquisador emérito.

Destacado prof. de Antropologia da Universidade do Pará, após ter galgado

todos os postos de sua vida funcional, foi aposentado, recebendo o título de professor emérito.

Autor de quatro obras e cento e quatro trabalhos de natureza científica, publicadas no Brasil e Exterior, falece aos 66 anos deixando uma lacuna difícil de ser preenchida.

A Comissão Catarinense de Folclore ao publicar nas páginas do seu Boletim, tão triste notícia, que envolve o seu destacado colaborador, o faz, levando aos seus familiares o seu sentido pesar.

São Paulo — 1989

Esboço do Folclore de São Paulo — Brasil

Festas — Danças — Grupos Religiosos, e Folguedos Populares, por João Alfredo Rabaçal.

O prof. dr. João Alfredo Rabaçal, sociólogo, prof. titular e ex-diretor do Instituto de Artes do Planalto da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” — UNESP, é o autor do título que encima o Estudo em homenagem ao prof. dr. Yolando Pino Saavedra, docente da Universidade do Chile.

Alfredo João Rabaçal, analisa no seu trabalho, uma série de conceituações sobre “Arte — popular e folclore”, procurando dar a definição concreta, não somente pessoal, mas de inerentes figuras, que através dos anos se aprofundaram em estudos inerentes à matéria. Desde William John Thomas, o introdutor do conceito da palavra Folk-Lore, em 1840, até as várias manifestações, que define conceitualmente o que é Folclore.

“É um estudo substancial, do modo de ‘sentir, pensar, agir e reagir’, que se formam como resposta aos estímulos que recebemos do meio em que vivemos”.

Conclui o seu trabalho, com a seqüência completa das festas, danças, grupos religiosos, e folguedos populares de São Paulo.

É uma valiosa contribuição ao estudo do folclore paulista valorizada com a citação expressiva de Almeida Garret, “nada é nacional se não é popular”.

Olímpia — São Paulo — 1989

O Que é Que é

Se o erudito procurar a razão de ser de tanta sabedoria que existe em forma enigmática, encontrará esta razão de ser na “sabedoria popular”. Ela se apresenta nas mais variadas formas de transmissão oral, verbal ou escrita, em formas de prosa, versos de pé quebrado, rimados, metrificados ou simplesmente sonorizados, onde a melódia transmite a mensagem do seu criador.

A sabedoria popular é tão ampla na sua plenitude, reunindo conhecimentos, que muitas vezes deixa o “douto” em letras, ou filósofo, (1) diminuído no seu saber.

Analisando as várias formas como ela vem ao encontro dos que se dão a pesquisá-la, vamos encontrar a razão de ser de sua existência na beleza das várias formas como ela chega até nós.

Nos “provérbios”, nas “orações”, nas “crendices”, nas “superstições”, na “medicina popular”, nas “trovas”, nos “para-choques de caminhões”, na “literatura de cordel”, e principalmente nas “Adivinhas”.

“Quadras — Adivinhas”. Autor: José Sant’Anna.

“Quadras — Adivinhas”, é o Caderno n.º 1 (folclore verbal) de autoria do prof. dr. José Sant’Anna, de Olímpia.

Dedica a sua pesquisa a renomados mestres da “Cultura Brasileira”.

Encimando a 1.ª página do Caderno, o autor publica a sábia estrofe: O pouco que Deus me deu / Trago numa mão fechada / O pouco com Deus é muito / O muito sem Deus é nada. (Do folclore).

“Quadras — Adivinhas”, nas suas 45 páginas, reúne um manancial de quadras de adivinhações, que é um verdadeiro repositório de sabedoria da poesia popular brasileira.

São transmissões do folclore “Verbal”, recolhidas a sua maioria, em Olímpia, com a colaboração de estudante e gente do lugar. É uma dessas obras gostosa de se ler, cujas “adivinhas”, oferece sabedoria e lazer para algumas horas.

As letras a, e, m, r, i, o, u, b, l e outras, reúnem belas estrofes adivinhatórias. Alho, anzol, arco-íris, arara, bananeira, com este lindo verso: O que nasce no mato / Também no mato se cria / E irá morrer de parto / Dando a primeira cria. (Bananeira) (Sim, a bananeira morre quando dá o primeiro cacho.

Adivinhas

“Sou sempre a primeira palavra / Mas tenho um som diferente / Sou ave e tempo verbal / Ou melhor inteligente”. (SABIÁ — SABIA — SÁBIA).

“É necessário a vida / E alimenta também / Quanto mais a gente perde / Tanto mais a gente tem”. (Sono). — “Quem constrói não a quer / E quem a vê não deseja / Quem a ganha não a vê / Por mais bonita que seja”. (sepultura).

É uma seqüência de 309 quadras, além de “poemetos compostos de quadri-nhas que nos induzem a respostas”. — Quadras que se respondem com Quadras. — São respostas de repentistas ou trovadores. Reproduzimos aqui apenas dois versos, para se ter uma noção da grandeza dessas versificações. “Você que quer saber tanto / Sabe ler e escrever / Quatrocentos bois correndo / Quantos cascos vem a ser? Resposta: Sendo num campo limpinho / Onde possa ver o rastro / Quatrocentos bois correndo / São mil e seiscentos cascos”. — Esta outra é grandiosa! — “É engraçada a pergunta / Parecer até zombaria / Quem tem grande poder / Nasce e morre todo o dia”. Resposta: O peixe por ser guloso / Morre preso no anzol / Quem vai e vem todo o dia / É o rei dos astros, o sol”.

É efetivamente uma grande pesquisa.

NOTICIÁRIO INTERNACIONAL

1989 — 1990

Oralidad — Anuario para el Resgate de la Tradición Oral de América Latina y el Caribe — 1990.

Registramos o recebimento do Anuário “Oralidad”, que tem como Diretor Arq. Rafael Ricart — Nouel; Conselheiro Regional do Patrimônio Cultural, Orcale.

Oralidad reúne expressivas figuras da intelectualidade da América Latina, representado pelos países: Peru, Chile, Venezuela, México, Brasil, Guatemala e Cuba.

O Brasil é representado pelo prof. Bráulio do Nascimento, vice-presidente da Comissão Nacional de Folclore, tendo ainda como correspondente Paulo Carvalho Neto.

Publicación al Cuidado de la Editorial José Martí, la Habana Edición: Armando Ferref.

Entre os trabalhos publicados no presente número, destaca-se: *Puizia Popula x Poesia Popular: A Propósito do Modismo na Falsa “Poesia Matuta”*, de José Maria Tenório Rocha (Brasil). Nota: O autor do presente artigo é presidente da Comissão Alagoana de Folclore.

Société Suisse de Americanistes — Schweizerische Amerikanisten-Gesellschaft.

Acusamos e agradecemos os “Bulletin” — 50/1986 — 51/1957.

1989 — Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura.

Acusamos agradecendo a remessa da publicação “1988 en la Unesco” Nuevos Horizontes.

Cascais — Portugal — 1990

A biblioteca da Comissão Catarinense de Folclore se vê mais uma vez enriquecida com nova obra de extraordinário valor da prof. dr.^a Ana Maria Amaro, de Cascais — Portugal.

“O Traje da Mulher Macaense”, num esmerado trabalho gráfico, destaca a pesquisa da autora, cujo conteúdo representa o que existe de mais importante, relacionado à cultura popular macaense, dentro do tema abordado, analisando a “Indumentária da Mulher Chinesa através dos séculos”. É mais uma obra que vem a lume, clarear um aspecto cultural que envolve civilizações que foram se sucedendo dentro do tema abordado pela autora. É realmente uma obra de valor cultural incontestável, na qual cita o trabalho de artistas artesãos na “ourivezaria”, mostrando as tradicionais jóias usadas pelas mulheres macaenses, ainda no século XIX.

Destaca ainda a autora, os efeitos que muitas dessas jóias produziam como “amuletos”, protegendo suas usuárias contra certas doenças, ou mesmo “partos difíceis”. Como ex-votos, também “jóias” eram oferecidas a “Nossa Senhora dos Remédios”.

Argentina — 1989

Do escritor Félix Coluccio, a Comissão Catarinense de Folclore recebeu duas importantes obras: “Cultos y Canonizaciones Populares de Argentina”, — Biblioteca de Cultura Popular “Ediciones del Sol”. Obra que reúne importantes pesquisas relacionadas com a cultura popular argentina. Do mesmo autor: “Fauna del terror en Latinoamerica”, — editorial Crespillo.

PÁSCOA

A palavra Páscoa significa Passagem:

- 1º) **Passagem** de Deus libertando seu povo da escravidão do Egito e conduzindo-o, através de Moisés, para a liberdade, na terra prometida. (Ex. 12);
- 2º) Passagem ocorrida com Cristo, da morte para a vida, ou seja, a Ressurreição. (Mc. 16, 1-8);
- 3º) **Passagem** operada por Deus em nós, de uma vida puramente natural, para a vida sobrenatural, a vida da graça, através de Cristo, no Batismo. (Rm.6).

Símbolos da Páscoa:

- 1º) **O Círio Pascal:** é o símbolo de Jesus Cristo Ressuscitado. A luz dos povos é Cristo. Ele próprio o declara: “Eu sou a luz do mundo, aquele que me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida”. (Jo. 8,12).
Pelo seu simbolismo, o Círio Pascal lembra que o mistério pascal nos traz a realidade de uma visão nova do homem, da história e do sentido de tudo.
- 2º) **O Cordeiro Pascal:** A imolação e consumação do cordeiro fazia parte da refeição cultural dos hebreus na festa da Páscoa, estabelecida por Moisés para celebrar a libertação da escravidão do Egito. Cristo, com seus discípulos, após ter imolado e consumido o cordeiro, operou a transformação dessa ceia, tornando-a a Ceia Pascal da Aliança eterna e definitiva. Jesus Cristo é, portanto, o verdadeiro Cordeiro Pascal que alimenta em nós a liberdade e nos torna, por Sua virtude, libertadores.
- 3º) **Ovos de Páscoa:** o ovo é um ótimo símbolo da Ressurreição. De fato, aparentemente morto, inanimado e petrificado, contém dentro de si uma vida nova. Semelhante, o sepulcro de Cristo ocultava a Vida Nova que irrompeu na noite pascal, Jesus Cristo Ressuscitado, que redivivo e glorioso, é a vida do mundo.
- 4º) **O Peixe:** é um dos mais antigos símbolos de Jesus Cristo. Na dificuldade de viverem e proclamarem a sua fé, os cristãos primitivos se comunicavam através de símbolos. A palavra peixe, em grego, passou a ser lida convencionalmente como: “Jesus Cristo Filho de Deus Salvador” : Ictus = Jesus Christus Teós Uíós Soter. Este símbolo relaciona-se com a Páscoa pelo fato de que algumas aparições de Cristo, após a Ressurreição, esteja relacionada à presença de um peixe, com o qual Cristo se alimenta para convencer os discípulos, espantados e medrosos, que era Ele mesmo.

Podemos verificar estes passos nos Evangelhos de João 21,9 e Lucas 24, 4-2.

- 5º) **O Aleluia:** é uma das mais expressivas aclamações de louvor e alegria. A expressão é hebraica: Halleluy — Yah, e significa: Louvai ao Senhor. Vem

muito em relevo no Antigo Testamento, na liturgia, nos salmos; no Novo Testamento encontramos no apocalipse 19, 1-8: “Depois, ouvi no céu como que um imenso coro cantando: Aleluia!”

6) **As Vestes Brancas:** símbolo instintivamente adotado pelos cristãos desde os primeiros tempos, com o significado de alegria, de vitória e relação de pureza com Deus. Relaciona-se este fato com as narrativas:

Mt. 17,2: “Lá se transfigurou na presença deles: seu rosto brilhou como o sol e suas vestes tornaram-se resplandecentes de brancura.”

Mc. 16,5: “Madalena encontrou um jovem vestido de roupas brancas.”

Os primeiros cristãos passaram a simbolizar a criatura nova do Batismo pela veste branca. Ainda hoje, na cerimônia do Batismo, a criança, além de ser levada ao batistério, vestida de branco, recebe a imposição de uma veste branca. O Batismo é uma Ressurreição, e por isso o cristão é um ser pascal, o que é simbolizado pela veste branca.

7) **A Coelhoinha:** este é um dos símbolos mais populares. Por sua grande fecundidade, a coelhinho simboliza a Igreja que, pela força de Cristo Ressuscitado, é fecunda em reproduzir e espalhar por todo o mundo, novos discípulos de Cristo, filhos de Deus.

A Páscoa constitui o núcleo primitivo, o centro e o ponto culminante de todo o ano litúrgico e de toda a vida da Igreja. A Igreja nasceu e se organizou celebrando a Páscoa. Todas as celebrações litúrgicas da Igreja brotaram espontaneamente da *vigília pascal* — a noite entre o Sábado Santo e o Domingo da Ressurreição — quando os fiéis permaneciam *acordados*, em vigília, aguardando o momento solene da Ressurreição do Senhor.



Lanceiros do Maracatu Flural, que saem as ruas no Domingo de Páscoa

Colaboração de
“Fundação Guararapes”, Pernambuco

MAGOS — ENIGMÁTICAS PERSONAGENS

Mária Brígido
(da Comissão Paraense de Folclore)

A aceitação coletiva mundial levou para o bojo do folclore o Natal de Jesus Cristo, fixado em 25 de dezembro, no século IV, pela cristianização dos costumes, juntamente com os Magos, ou Reis Magos, cuja festa é comemorada a 6 de janeiro, popularizando-se em toda a Europa Católica, especialmente nos países de origem latina.

Na Península Ibérica, o Dia de Reis é festejado com recíproca de presentes.

As versões tradicionais desses festejos foram trazidas para a América Latina pelos colonizadores portugueses e espanhóis, surgindo disso diversos fatos folclóricos que o Brasil apresenta, como Reisados, Ranchos de Reis, Folias de Reis, Festas dos Santos Reis, que incidem, em variantes, por todo o território brasileiro.

As mãos do tempo, semeando lendas em torno do fato histórico do nascimento, deve ter sido a grande responsável pelas inúmeras versões sobre os Magos, suas origens, nomes, referências numéricas da comitiva, objetivos e oferendas.

Na sua obra "Obscura origem dos Reis Magos", Tomas Henshaw diz: "Os Magos eram sacerdotes de uma religião oriental, monoteístas, fundada mil anos antes da era cristã, por Zoroastro, no planalto iraniano, muito a leste de Bethleem". Constituíam uma coesa e poderosa casta de sábios, possuidores de dons divinos, ou superdotados. Dedicavam-se aos estudos da Astronomia e às práticas astrológicas, daí seus contatos com o mundo exterior serem feitos por meio dos astros.

Pelos seus atributos acima da normalidade, os Magos deviam conhecer as profecias sobre o nascimento, inclusive as de Balaão, em favor do povo eleito: "Sai uma estrela de Jacó e ergue-se um cetro de Israel", havendo notícia de que os habitantes de Provença acreditassem que os sábios descendiam de Balaão, o Grande Adivinho.

Pela sapiência, eram escolhidos como preceptores dos príncipes persas, tendo algumas vezes lhes usurpado o poder, tanto assim que as tropas maometanas, ao invadirem o Império Persa, no século VII, os flagraram dominando o País. Vencidos, foram perseguidos, alguns mortos, tendo outros escapado, em fuga para Bombaim e Surat, na Índia, para onde trasladaram suas práticas religiosas.

É provável que essa usurpação de poder, na Pérsia, tenha suscitado a idéia de que os Magos eram reis, pois, na verdade, o foram pela supremacia do saber sobre o poder.

Tertuliano, um teólogo que, em 193 A.D., exaltava a fé cristã e a Igreja Católica, às quais abjurou, por ter suas pretensões ao Bispado de Cartago frustradas, foi quem lançou a expressão “Reis Magos”, que a tradição folclórica difundiu universalmente.

Mateus, ao mencionar a Natividade, no Novo Testamento, refere-se aos “sábios vindos do Oriente” e, embora não use a expressão Magos, tudo leva a crer que se referia a eles, uma vez que o povo palestino denominava de Magos as pessoas altamente ilustradas.

A piedade cristã gerou os nomes e outras particularidades atribuídas aos sábios que visitaram Jesus. Chamaram-se Melchior (do hebraico Melk-Rei); Balthazar (do assírio Bel-Tassar — Deus proteja sua vida); e Gaspar (do sânscrito — Inspetor). Ainda com outras significações, como: Melchior (rei da plena luz); Balthazar (rei da aurora) e Gaspar (rei do diadema). Melchior seria o rei da Núbia e da Arábia, alegoricamente representado por um homem de 60 anos, de longas barbas. Como asiático, oferece ouro a Cristo; Balthazar, senhor da Etiópia, estereotipado como um homem trigueiro, também barbado, de 40 anos, conduzindo incenso; Gaspar, rei de Tarso, configurando um jovem de 20 anos, portava mirra, uma resina que simbolizava o sacrifício a que Jesus estava predestinado.

Os Magos representavam as três etapas da vida humana, e, em outra versão, simbolizavam toda a humanidade, figurada pelas três raças descendentes de Sem, Cam e Jafé, com o que concordaram os editores do Novo Livro do Conhecimento.

A tradição folclórica, louvada na catolicidade popular e nas feições que lhes deram os artistas da Renascença, guardadas as naturais proporções devidas a mutações, no tempo e no espaço, mantém as aparências alegóricas dos Magos.

Constatam-se também várias interpretações quanto ao simbolismo dos presentes que, segundo Mateus, os Magos deram a Jesus: ouro, incenso e mirra. Ouro, considerado como símbolo do poder real, como a um rei; incenso, significando o reconhecimento da divindade, como a um deus; e mirra, como exemplo de humanidade e usado em forma de bálsamo, na hora extrema da transformação da vida, como a um homem sujeito à imponderabilidade da morte.

O número de participantes da comitiva que teria deixado a Mesopotâmia, rumo a Jerusalém, é igualmente controverso, dizendo uns que eram vinte, o que foi aceito pela Igreja Oriental, enquanto certas pinturas nas catacumbas levavam a crer, e nisto se incluem os escritores do primeiro século, que eram doze. Com o decorrer do tempo, porém, a tradição fixou em três o número de Magos. Talvez em virtude de os apresentarem como representantes de cada uma das três raças: branca, negra e amarela, as principais etnias que compõem o mundo.

Estudiosos do assunto apresentam também versões controvertidas quanto à essência da estrela do Natal — conjunção de Saturno-Júpiter-Marte, verificada no ano 747, da fundação de Roma; Saturno-Júpiter, na casa de Peixes, como a que atraiu, no século XVII, o astrônomo-astrólogo-matemático Johannes Kepler

(1571-1630), fazendo-o considerar que, na mesma conjunção, no ano 7 a.C., ocorrera o nascimento do Messias. Orígenes ensinou que seria um cometa, havendo quem aluda misticamente a um meteoro especial que não se movia conforme as leis naturais. Todavia, seja qual for a origem da estrela que apontara, com sua luz feérica, onde estava Jesus, o mundo cristão a vê como obra divina, dogmática, versão universalizada pela tradição.

O objetivo dos sábios do Oriente, que rastearam as estrelas no roteiro das profecias, deveria ser o de conhecer a criança que encarnava o gênio predeterminado a revolucionar o mundo com suas concepções filosóficas e religiosas, que nascera numa casa subterrânea, da seita dos Essênios, do tempo de Macabeus, a qual pertencia, situada extramuros de Bethlehem, onde os Magos também se foram albergar, ou que, ao nascer, fora colocado numa manjedoura (símbolo de humildade), versão que o Evangelho consignou e a tradição cristã propagou, e vem, tempo afora, aparecendo nas lapinhas ou presépios, populares e da Igreja Católica.

A MÚSICA E O NATAL

A música do Natal brasileiro, atinge, simultaneamente três áreas: *Religiosa*, cultivada pela Igreja Católica — *Folclórica*, que pertence à alma simples do nosso homem do campo, e a popular *Urbana*, nascida nos grandes centros. Há, entretanto, um tema musical natalino que domina as três áreas, e que entre nós recebeu magníficos arranjos para corais, orquestras e banda de música. Trata-se da composição do professor Franz Gruber, cujo título em alemão é *Stille Nacht Helige Nacht*, foi traduzida para o português com apenas duas palavras — Noite Feliz.

Até a Primeira Guerra (1914-1918), a música natalina cultivada no Brasil, pertencia ao clero e ao regionalismo das várias áreas folclóricas de nossa terra. Entretanto, a Primeira Grande Guerra fez ruir quase todas as estruturas sociais, políticas e econômicas, e, conseqüentemente, esmagou várias tradições. A revolução fonográfica, e com o hábito de se ouvir rádio a partir de 1930, surge em plena fase de ouro da música popular brasileira, a chamada música popular urbana do Natal, cujo hino é, sem dúvida alguma, a marchinha intitulada “Boas Festas” do compositor Assis Valente.

A “Folia de Reis”, o mais tradicional grupo folclórico do Natal brasileiro, é formado por 15 ou 20 homens, e tem como líder o mestre-violeiro. A folia canta ao som de violas, violões, cavaquinhos, surdo, pandeiros, reco-reco, sanfona e guizos, animando o nosso Natal de 15 de dezembro até 05 de janeiro e no dia de Reis faz a sua grande festa. Manda a tradição que a “Folia de Reis” deve adorar Menino Jesus em todas as casas onde há presépios montados.

Qual seria realmente a primeira música do Natal brasileiro? Teriam os mestres do Barroco Mineiro temas natalinos a nos oferecer? Acreditamos que sim, porque o desabrochar da Arte Nacional teve lugar em Minas Gerais durante o apogeu e a decadência da mineração do ouro e pedras preciosas, isto é, entre 1750-1810. Entretanto, nos parece, até prova em contrário, que *Quem Vidistis Pastores* é a nossa primeira música religiosa natalina, escrita segundo algumas indicações históricas, pelo padre José Maurício Nunes Garcia, para o primeiro Natal de D. João VI no Brasil.

Durante a fase áurea da nossa música natalina urbana, não houve realmente por parte dos nossos compositores populares, uma identificação maior com a música sacra do Brasil. Entretanto, quando essa mesma música popular natalina começou a entrar em decadência em decorrência do desinteresse dos meios de divulgação, muitos compositores tentaram uma aproximação com a Igreja. Talentos musicais como Radamés Gnattali, Francisco Nepomuceno e muitos outros, marcaram essa fase com magníficas composições. O futuro falará deles com saudade e respeito.

A História da mais universal música natalina — Noite Feliz — é curiosa e, também, comovente. Numa pequena aldeia austríaca, o professor Franz Gruber reunia todos os anos os seus alunos, e com eles cantava música sacra durante a Missa do Galo. Em 1825, o órgão da Igreja apresentou um defeito grave que não pode ser corrigido até a noite de Natal. Para não deixar o povo sem música, o professor Gruber escreveu essa página imortal para apenas duas vozes. E algo extraordinário aconteceu. A música atingiu o povo de tal forma, que no ano seguinte quase toda a Europa já cantava “Stille Nacht, Helige Nacht” (do original alemão). Com uma linha melódica de fácil aceitação e assimilação, tão fácil que sendo cantada na tonalidade de dó maior, não encontramos bemois e sustenidos. Os versos são também facilmente memorizados. No Brasil, a música passou a ser cultivada com mais interesse pela Igreja Católica, a partir de 1930. O texto em português é de autor desconhecido, assim como a troca de título original do alemão “Stille Nacht, Helige Nacht”, para “Noite Feliz” não tem registro histórico. Há exatamente 157 anos que a composição de Franz Gruber é cantada por todos os cristãos do mundo.

De posse dos nomes dos cento e cinco arraiais, procuramos agrupá-los e classificá-los pela temática empregada; assim temos aqueles que são influenciados pela música popular brasileira; pela televisão; os de duplo sentido; os jocosos; os líricos; os populistas; os que recebem o nome pela rua onde se encontram; os que evocam os santos; os que têm contemporaneidade de informações e os que homenageiam entidades, heróis e fatos históricos.

Aqueles influenciados pela MPB (música popular brasileira) apõem o nome retirando-o do título da música: "*Pisa na Fulô*", "*Galeguinho dos Zóio Azul*", "*Luar do Sertão*", ou de trechos do conteúdo da música "*Tico Mia*", "*Rosa dos Ventos*" e "*Aconchego*". Aliás, "*Te Cumia*" denominou 5 arraiais e "*Galeguinho dos Zóio Azul*" 3 arraiais; foram, em conjunto, os mais preferidos entre os influenciados pela MPB.

Os influenciados pela televisão empregam o nome integral do título da novela, ou alguma coisa que chamou a atenção; assim: "*Sassaricando*" (6 arraiais); "*Fogo no Rabo*" (5 arraiais); "*Minha Deusa*" (4 arraiais). Outros menos votados foram: "*Fera Radical*" e "*Pagador de Promessas*".

Em relação às denominações de duplo sentido, a variedade é grande e boa parte ainda recebe influências da MPB ("*Só Capim Canela*"), outros são retirados de anedotas bem picantes: "*Levanta Tudo*", "*Da Boca Grande*", "*Arranca Caçola*" e ainda outros copiados obviamente de pulhas e trocadilhos: "*H. Rola*", "*Jaca Gay II*", "*Fulô Aberta*", "*Cometa*". Alguns são de extrema grossura e explicitação: "*Escorregou o Pau Entrou*", "*Pau nas Coxas*", "*Arroiriam o Matuto*".

Jocosos e brejeiros existem em grande quantidade: "*Arranca Sola*", que podem funcionar como trocadilho: "*Cueca Melada*"; "*Nós Sofre mas Nós Goza*".

Líricos e também brejeiros aparecem igualmente em grande quantidade: "*Girassol*", "*Paraíso*", "*Flor de Milho*", "*Três Corações*", "*Fulô do Céu Dourado*".

Populistas, foram anotados 3 grupos, sendo 2 de igual título: "*Arraial do Povo*" e, o outro, "*União, Socialismo e Liberdade*".

O questionamento que poderíamos colocar nos populistas é este: existiria realmente o povo, o povão, a classe oprimida se divertindo, ou era apenas uma classe média e burguesa que brincava? Afinal, a burguesia tem o seu charme e seus encantos, não é isso o que dizem?

O título pretensioso de *Socialismo e Liberdade* seria realmente entendido como mensagem pelos presentes, ou era apenas um forçar de barras?

Nas denominações de ruas, observa-se uma homenagem à rua em que se mora: "*Rua Frei Caneca*", "*Bela Vista*", "*São Luís*", ou num eterno saudosismo relembra-se os nomes antigos: "*Beco do Leite*", "*Rua da União*", "*Do Cravo*".

Demonstrando o espírito de religiosidade latente no povo nordestino, alguns arraiais homenagearam santos: "*São Sebastião*" e "*São Sinfrônio*". O Sinfrônio aí também aparece tendo influência da televisão, vez que na novela "*Sassaricando*", o personagem interpretado por Paulo Autran estava sempre a invocar o santo.

Demos o subtítulo de contemporaneidade das informações àqueles arraiais que estão sintonizados com as informações mais recentes que foram e são manchetes: "*Arraial dos Marajás*", "*Liberou Geral*" e "*Arraialto Contra AYDSção*",

sendo o último bastante criativo no aspecto da sintonia com a mídia.

Por último, como não poderia deixar de ser, ficam aqueles que homenageiam entidades, heróis e fatos históricos: “*Mãe Preta Africana*”, “AM — 710” e “Floriano Peixoto”.

Fato digno de apreciação é que os títulos colocados nesses arraiais não condizem com o espírito dos brincantes. Assim, tanto faz o arraial receber o título “*Toco Cru pegando fogo*” (Rua Bom Destino, Ponta Grossa); “*Arroiam o Matuto*” (Vila Brejal); “*Arranca Caçola*” (Conjunto José Tenório); ou o Lírico “*Flor da Primavera*” (Rua Angelo Martins, Ponta da Terra); “*Xodó dos Matutos*” (Conjunto Benedito Bentes); “*Arraial Mãe Preta Africana*” (Rua Acre, Feitosa); ou “*Arraial São Sebastião*” (Cruz das Almas).

O comportamento do grupo independe do título, brinca-se da mesma maneira, no máximo, o título pode causar alegria ou gozação em quem lê ou aprecia.

E qual a razão do título do arraial, senão esse de causar impacto de várias formas a quem o visita ou observa?

Qual, afinal, é a função desses arraiais? A que servem? Em termos ideais, o “*Arraial Matuto*” (não *Caipira* como atualmente muitos dizem. . .) seria a transplantação momentânea da cultura da época junina acontecida nas zonas rurais. O trazer o espírito matuto para a área citadina. No entanto, essa transplantação é absolutamente irreal, porque é caricatura grotesca que não corresponde à práxis interiorana. Lá não existe a quadrilha, pois essa dança ou função é própria de áreas urbanas, citadinas, feitas por gente de classe média. Nos sítios, povoados e fazendas, o período junino é tempo de *forró*, não de quadrilha; tempo de vestir a melhor roupa, não dos remendos; tempo de se mostrar no bom sentido, não do macaqueamento ou do falar atravessado, “falar matuto”; tempo das canjicas, não do curau; tempo do milho assado, não da batata assada; tempo do namoro, não do casamento a pulso (forçado).

A realidade é que matuto de trancinhas, óculos escuros, sinais indiscretos, o dançar de pernas tortas, é uma realidade só concreta em locais onde a tônica é a exacerbadada crítica ou gozação ao matuto, como fórmula de extrema valorização da vida citadina, em detrimento da vida rural que tanto dignifica os camponeses.

O arraial, como se observa na atualidade, é ao mesmo tempo forma de crítica ao matuto e o meio de se conseguir o *status* de tirar o primeiro lugar em concursos desse gênero, adquirindo prestígio na comunidade, recebendo dinheiro como prêmio e até o direito a aparecer nos veículos de comunicação.

Nestes termos, o vale-tudo acontece e quanto mais ridículo for o grupo, quanto mais elementos grotescos criar, quanto mais coreografias e passos estranhos fizer, poderá adquirir o galardão dos louvores. Dessa forma, o teatral e o espetacular tomam o lugar da vontade de brincar descontraidamente, brincar pelo duro divertimento, pois a busca da autopromoção tem outras formas de expressão.

Conviria lembrar que a feição dos arraiais de hoje em dia foi estimulada há pouco tempo (década de 70) e teve um incentivador, o criativo comunicador Edécio Lopes. Pernambucano de nascimento, Edécio trouxe do estado vizinho o costume dos festejos juninos estilizados e aqui os implantou. Naquele Estado, a hipervalorização dos festejos grotescos chegou às raias do inimaginável: a transformação dos arraiais em enormes estádios de dança, onde o São João

é apenas figura de retórica e o *forrock* tomou lugar das doces marchinhas juninas.

Bom seria lembrar que o fato folclórico, ou mesmo os da cultura popular, espontâneos, quando transformados em algo oficializado ou oficializante, tomam ares nunca dantes imaginados.

No Sambódromo do Rio de Janeiro existe o sambão tradicional autêntico ou a estilização do mesmo? No Bumbódromo de Parintins (Amazonas), o *Bumba-meu-boi* é o mesmo ou a estilização e a macaqueação transformaram tudo? No “Djalmódromo”, de Maceió, o carnaval ou o São João foi o mesmo carnaval ou São João, ou fricotes e deboches tomaram conta de tudo?

É bom lembrar uma denominação dada por cronistas maceioenses, ao se referir ao desejo da municipalidade de fazer em Maceió uma réplica do Sambódromo, por trás da Associação Comercial. “Bostódromo”, foi o termo empregado. Embora pouco cheiroso, o novo título exala muito bem o horror que causa a transplantação descabida e alienígena.

Antes de se pensar em ser contra o estrangeirismo e as importações, deve-se pensar naquilo que vem denegrir ou aniquilar nossas raízes culturais tão significativas.

BAGATE

Ana Maria Amaro

Perguntando-se, a qualquer senhora macaense, o que é o *bagate*, com *santo respeito*, no caso de serem idosas, dirão que é um “mal provocado por mando de alguém, por via duma mulher de virtude que serve de intermediária”.

Esta mulher é o *man héong pó* (拜神婆) — feiticeira, ou algumas *pai san pó* (問香婆) — benzedeadas. O *bagate* é muito temido porque só pode ser anulado por práticas da mesma pessoa que o desencadeou ou de outra com *mais poder*. As senhoras portuguesas de Macau, mesmo de famílias antigas de elevado nível social, acreditam e temem esta forma de *fazer mal*, que pode provocar doenças e outras infelicidades aos inimigos ou pessoas que se invejam ou que caíram em desagrado.

Para *bagatear* alguém, a feiticeira usa, geralmente, uma fotografia ou representação da pessoa a quem se pretende *fazer mal*, ou a quem se pretende anular o mal feito por outra mulher de virtude. Atua, pois, por *magia simpática*.

No *Dicionário de Língua Portuguesa de Machado*, consta a palavra *bagata*: “*bagata* s.f., do hindust. *bhagata* — feitiço, bruxaria” e “*bagata* s.m. — homem que tem trato com o demônio.” No consenso de Macau, *bagate*, nítida derivação de *bagata*, corresponde à primeira das acepções, porquanto inclui as ditas práticas de feitiçaria ou magia branca que, naquele território, assumem diferentes formas.

As senhoras de Macau falam, ainda, em casos de *bagate forte*, como verdadeiras práticas de *magia negra*, porque todo o mal que se causa, principalmente a doença misteriosa incurável, é provocado, a qualquer inimigo, por meio da invocação de um espírito maléfico ou *kwâi* (鬼)⁽¹⁾.

O *bagate*, sob a sua forma de magia branca, assume geralmente dois aspectos diferentes: uso de *figurinhas de bagate* em madeira e rezas e invocações acompanhadas de beberagens, geralmente sob a forma de *sin chá* (仙茶)⁽²⁾. in filtros de amor.

(1) A tradição popular de Macau é fértil em histórias de *kwâi*, no sentido de almas penadas, histórias que inspiram vivo terror, principalmente ao elemento feminino. Não admira, pois, que os *kwâi* atuem psicologicamente, sobre os indivíduos que neles crêem.

(2) *Chá* cuja receita é ditada por uma mulher de virtude e que se ingere aliado às cinzas de um fu (talismã que consiste num papel com um pictograma pincelado a cinábrio).

Referir-nos-emos aqui, apenas, às figurinhas de *bagate*

Em Macau, uma das formas mais correntes e mais temidas de *bagate* foi-nos assim descrita por uma informadora idosa: “Para fazer-se mal a alguém, arranja-se uma boneca em madeira mole — salgueiro-branco, por exemplo); escreve-se sobre ela o nome da pessoa a quem se quer fazer mal, o ano em que nasceu, mês, dia, hora, e depois vão-se-lhe espetando agulhas durante 49 dias, de 7 em 7 dias, 7 vezes, em diferentes pontos do corpo: nos olhos, no nariz, no fígado, na boca ou na garganta, na cabeça e por fim no coração, deixando-se permanecer as agulhas espetadas até o mal se concretizar.

Esta figura deverá colocar-se junto da cabeceira da cama da pessoa visada, sem que esta de tal se aperceba, o que leva, por vezes, ao dispêndio de somas muito elevadas, para suborno de serviçais. O *mal de bagate* revela-se por doença inexplicável que pode conduzir à morte, à loucura, ou, pelo menos, a um estado de diminuição física ou psíquica, de menor ou maior gravidade.

Qualquer pessoa pode realizar este *bagate*. Porém, se for a *man héong po* (問香婆) quem o realize, o seu poder será muito maior e os efeitos muito mais rápidos e muito mais drásticos.

Informadores chineses descrevem esta prática, que designam por *tou noi kong chai* (道女公仔) ⁽²⁾ exatamente da mesma maneira; simplesmente não falam nos sete pontos indicados pelos informadores macaenses, mas nos pontos vitais tradicionais da acupuntura chinesa.

A partir destas descrições, fácil é constatar que esta prática corresponde a uma forma especial de magia simpática das mais antigas que se conhecem e das que mais difundidas se encontram pelo mundo.

Segundo Reinach, este tipo de prática apóia-se no princípio de que a imagem de um ser ou de um objeto domina esse objeto ou ser e, por isso, o autor ou possuidor de uma imagem pode ter influência sobre o que ela representa. Esta influência, de ordem puramente mágica, tem o seu fundamento numa crença muito antiga, anterior talvez às religiões tal como hoje as concebemos e às antigas teogonias, crença de tal forma arraigada no espírito humano, que logrou manter-se paralelamente à própria religião católica, apesar de todas as intrdições eclesiásticas.

Exemplos de magia simpática deste tipo são as pinturas rupestres, as danças mímicas animalísticas australianas, as várias cerimônias propiciatórias de chuva ou de vento, as numerosas peças ornamentais e até a cerimônia do enterramento de seres vivos acompanhando um defunto nobre ou rico, possuidor de numerosos escravos e bens terrenos, tal como se fazia na antiga China. Mais tarde, foram

(1) Esta boneca é conhecida por *môk kwun chai* (木公仔) boneca em madeira, em tradução literal e por isso sem qualquer nome específico, o que parece apontar para uma introdução por via não-chinesa.

(2) “Boneca de bonza taoísta”, em tradução literal.

ali substituídas as vítimas humanas por figurinhas em terracota e em cerâmica, que hoje se encontram em quase todos os museus. (1)

Entre todos os povos do Mundo encontra-se o feitiço com igual finalidade: eliminação de alguém, desejo de se prejudicar outrem, ou com a finalidade amorosa, sendo os mecanismos psicológicos que se empregam, sempre os mesmos, qualquer que seja o grupo ou o seu nível cultural.

Os feitiços, entre os povos sem escrita, incluem o clássico método das figurinhas mais ou menos toscas, mais ou menos requintadas, sendo as estatuetas e as máscaras de encantamento muito freqüentes entre os povos de todos os continentes. No Museu Etnográfico da Sociedade de Geografia de Lisboa, podem ver-se algumas destas estatuetas de madeira, cravejadas de pregos, que foram recolhidas entre diversos grupos africanos.

Algumas destas figuras de feitiço apresentam partes móveis como coração, sexo ou mão. É aqui de notar que muitas estatuetas chinesas como as de Sau

Seng Kong (壽星公) e de Kun Iâm (觀音), mesmo em fina porcelana,

apresentam muitas vezes, quer o bastão quer a mão, respectivamente, desta-cáveis.

Em Portugal, estas estatuetas brancas e douradas, de Kun Iâm, são consideradas "milagrosas". Uma informadora, iletrada, dos arredores de Lisboa, originária duma aldeia perto de Sesimbra, disse-nos que a "Nossa Senhora dos Chineses" satisfaz pedidos que se lhe dirijam se, ao fazê-los, lhe retirarem a mão. Essa mão apenas será recolocada no local, quando o pedido for satisfeito. É curioso notar que nunca ouvimos tal afirmação em Macau, onde estas estatuetas são muito freqüentes e se podem adquirir a baixos preços.

Crê-se que quaisquer destas estatuetas ficam *carregadas* duma *força* eficaz, tanto benéfica como maléfica, e daí o seu poder. (2)

A antiguidade das *figuras de bagate* parece poder remontar-se como atrás se disse, à Pré-História.

No Antigo Egipto, na Caldeia, na Assíria, já este princípio era aplicado nas práticas de magia, com muitas variantes, incluindo a possibilidade de atuar à distância. Ficou na História a atuação de alguns conspiradores que tentaram matar o faraó Ramsés III por intermédio duma figurinha de argila com agulhas espetadas. (3)

Na Europa, é conhecido, desde há muito, o uso destas *figuras de feitiço*. Em Roma usavam-se *figuras de chumbo* nas quais se espetavam agulhas para *fazer mal* aos inimigos. Virgílio, numa das suas *Bucólicas*, descreveu figurinhas deste tipo, em cera, as *dágida*, como instrumento de uso corrente entre os pastores de Mântua, na sua época. Também Ovídio se referiu a uma estatueta de cera vermelha, usada com o seu nome aposto, como forma de encantamento contra a sua pessoa.

(1) Recentemente, foram exumadas na China figuras de grande valor artístico e histórico, datadas da Dinastia Quin (221-206 a.C.) e encontradas no túmulo do seu 1.º Imperador.

(2) Crillot de Givry — *Anthologie de l'occultisme*, Paris, La Sirène, 1921, p. 63.

(3) Joseph Maxwell — *La Magie*, Flammarion, 1922, p. 66.

Hubert e Mauss consideram, não sem razão que, “a Magia falou em egípcio e em hebreu no mundo grego, em grego no latino e em latim na restante Europa”. Não admira, pois, que na Europa medieval os *encantamentos* por meio de figurinhas de cera fosse prática corrente e com tal peso que os próprios monges católicos acreditavam, por vezes, no seu poder. ⁽¹⁾

O Papa João XXII, num Breve-Carta de 1317, denunciou uma operação mágica montada contra a Corte Pontifícia e contra ele próprio, por meio de imagens de cera, com os respectivos nomes gravados para atentarem contra as suas vidas. ⁽²⁾

Chegou aos nossos dias, também, o caso dum rei medieval da Escócia, cujos inimigos fizeram morrer “definindo-se lentamente, sem que os médicos lhe achassem qualquer mal”, por meio duma estatueta de cera com a sua efígie e nome gravados, que fizeram derreter a pouco e pouco, por ação do fogo.

Bonequinhos deste tipo com a efígie de Luís X, ⁽³⁾, atravessados por alfinetes e com sinais de terem sido queimados, foram também encontrados na residência particular do superintendente das Finanças E. de Marigny, que, por esse fato, foi condenado à morte. É possível que este acontecimento fosse devido à atuação de inimigos daquele personagem para o perderem, mas a verdade é que, através do seu processo, pode constatar-se a vulgarização desta crença no século XIV, em França.

Ficou, ainda, célebre, na História, o caso do Conde Robert d'Artois, cunhado do rei Filipe VI de Valois ⁽⁴⁾, que, por intermédio de seu irmão Henry, monge apóstata e mago profissional, mandou realizar uma imagem de cera que representava o filho do soberano, o futuro João-o-Bom, com o fim de alterar a linha de sucessão de Artois (1329-1333).

A popularidade desta prática era tal na Europa, ainda no século passado, que, Littré, em 1892, no seu Dicionário, serve-se do exemplo da *bonequinha de cera*, semelhante à pessoa sobre a qual se pretende fazer atuar uma influência sobrenatural, para definir a palavra *enfiteçar*.

Em Portugal, esta prática de há muito que era também conhecida e popular. Sabe-se, a partir dos processos da Inquisição, que, no século XVII, pelo menos, era de uso corrente e praticada pelos ditos feiticeiros. Na sentença de Francisco Barbosa, por exemplo, ⁽⁵⁾ fala-se dum bonequinho sem braços com alfinetes espetados em diferentes partes do corpo, às quais correspondiam órgãos, nos

(1) Ficou famoso o carmelita Ricardí que, em 1329, foi degredado por colocar estatuetas de cera no umbral das casas das mulheres por quem se apaixonava.

(2) Cit. por Serge Hutin in *Bulletin archéologique et historique du Tarn-et-Garonne*, vol. IV, 1876.

(3) Luís X, filho de Filipe o Belo e seu sucessor, nasceu em Paris em 1289, foi rei de Navarra em 1304 por morte de sua mãe, e foi rei de França de 1314 a 1316.

(4) Filipe VI de Valois, filho de Carlos de Valois e de Margarida de Sicília, nasceu em 1293 e reinou de 1324 a 1350.

(5) “Coleção das mais célebres sentenças das inquisições de Lisboa, Évora, Coimbra e Goa; algumas d'ellas originaes outras curiosamente annotadas (. . .)” por António Joaquim Moreira, Lisboa, 1863, 2vols. (cit. por Adolfo Coelho — *Ethnographia Portugueza*, III — “*Bol. da Soc. de Geografia de Lisboa*”, 2ª Série, n.º 9 e 10, Lisboa, Imprensa Nacional, 1881, págs. 664-665.

quais sofria dores, um doente em cujo colchão esta figura se encontrava escondida.

Na antiga China, usavam-se figuras de barro exatamente para o mesmo fim, também com a variante de serem escondidas na casa da própria vítima, que assim era mais fortemente afetada pela sua "carga". Estas figurinhas passaram a usar-se ali, por influência taoísta esculpidas em madeira de pessegueiro e de salgueiro, principalmente nas Províncias do Sul.

Que via de introdução levou para Macau as *figuras de bagate*? O nome é indostânico, mas a prática é universal.

Como será ou como teria sido feito este *bagate* no Brasil?

* Ana Maria Amaro, professora, natural de Lisboa, é licenciada em Ciências Biológicas e em Ciências Antropológicas e Etnográficas. Autora de várias obras, entre elas a magnífica obra "Jogos e Brinquedos e outras diversões populares de Macau", de cujo reconhecimento lhe foi conferido o título de "Membro Honorário" da Comissão Catarinense de Folclore em 1984 em Lisboa, pelo presidente da Comissão Catarinense de Folclore, de passagem por Portugal.

BANDAS E FILARMÔNICAS DOS AÇORES*

** VALDEMAR MOTA

Se há uma arte sublime, tida como divina, essa arte é a Música. Por certo que as suas origens estarão muito para além do convencioneamento dos tempos históricos, do aparecimento das civilizações, quiçá se as suas raízes mergulham profundamente no próprio Génesis. A Música é a arte dos sons por excelência. E por quê? Talvez num sentido rítmico ser o que o soa, harmoniosamente, ao ouvido, a impressão que esse mesmo som causa a quem o ouve. Neste caso, o som do vento na quebrada da rocha, o som das ramagens, o som sibilante no alto das serranias, o som das ondas do mar, ora violento batendo no calhau, assolando as angras e calhetas, ora suave e meigo acariciando a areia, ou apenas o chilrear da passarada. Todos estes sons variados, cada qual com a sua cadência própria, tal como existem hoje, existiriam também no começo da Humanidade, bem podendo constituir o tênue laço entre o primeiro homem-músico e a arte musical.

Numa esplêndida obra intitulada *Nós e a Música*, de Friedrich Herzfeld, musicólogo alemão, avalizada com uma tradução, prefácio e notas de um conhecido nome da música portuguesa, o prof. Luís de Freitas Branco, diz aquele autor acerca desta teoria dos sons: "Tudo isto eram sons, mas ainda não era música. A música pertence ao homem apenas, porque só a ele é dado o conhecimento do mundo. O homem traduz os sentimentos com a música. A música é, pois, mais do que som: é a tradução de sentimentos humanos".

É esta mesma música que se prende aos tempos longínquos da Humanidade, sobre a qual pesa, como de resto se compreende, todo um montão de interrogações. O que terá levado o homem a inventar a música? O que levou o homem a descobri-la? Que faculdades, que sentimentos, que inspiração teria o nosso antepassado primitivo ou veria ele apenas na magia da música um som dos deuses, nos quais acreditava?

Diz-se que os gregos veneravam Hermes como dador da música, a quem se atribui a invenção da lira. Contemporaneamente têm os músicos em Santa Cecília a sua celestial protetora. A música ou o seu poder suscitou crenças e superstições, que se diluiriam pelo tempo afora, muito embora na Idade Média se acreditasse ser ela um invento de Jubal, filho de Caim. Na Antiguidade

* Palestra proferida na sessão solene da Sociedade Altareense do Sagrado Coração de Jesus em 20.XI.1988.

a “arte dos sons” era considerada como dádiva dos deuses e veículo de linguagem, naturalmente, entendível dessas mesmas divindades. Por isso, no dizer de Friedrich Herzfeld, a música servia também para com ela se esconjurarem os maus espíritos, se afastarem doenças e mortes, se vencerem tempestades e raios, se obter chuva e fertilidade dos campos.

Na antiga cultura grega ocupava a música um lugar muito especial. Nem aos seus famosos filósofos, como Platão e Aristóteles, luzes da espiritualidade, a música lhes foi indiferente. Para mais, a “arte dos sons” sempre desempenhou um papel de grande relevância na educação e cultura dos povos e até entre as tribos mais primitivas, igualmente cultivadoras da arte musical. Contudo, a influência da música não estava só e apenas nos filósofos e nas classes privilegiadas e detentoras do pensamento, das artes e das ciências, estava-o, também, expresso na vida religiosa e social. Já então os povos antigos prestavam especial culto à música instrumental, que viria a desenvolver-se posteriormente de uma forma riquíssima, até o presente, nos seus mais variados agrupamentos musicais. Instrumentos de seleção, 500 anos a. C., seriam a flauta, a lira e a cítara, nomeadamente.

A igreja cultivou desde sempre a música, que conheceu épocas de grande brilho e florescência, fazendo-a presente em todos os seus atos litúrgicos. Dois eminentes vultos da música cristã, se outros de tão elevada craveira terão existido, a História refere em grande plano pelo menos Santo Ambrósio, bispo de Milão, que nos primeiros séculos do cristianismo fizera extraordinária recolha de cânticos religiosos, recriando-os, de tal modo, que ficariam para sempre conhecidos por rito ambrosiano. Outra figura de incomensurável projeção foi esse extraordinário São Gregório Magno, papa em 590, a quem se deve a segunda mais importante codificação musical cristã. Com ele nasceria o tão celebrado canto gregoriano, que encheria por séculos afora de unção espiritual as catedrais do universo católico, de tal maneira que nos dias que decorrem a sua beleza ainda se faz sentir em grupos de apreciadores.

Ultrapassada uma importante época da História — o Renascimento — em que a música adquire importante renovação, consideram os entendidos como período moderno o século XVII, em que se deram grandes transformações e importantes progressos através da ópera e do concerto. Apareceram formações musicais com instrumentos de arco e com maior número dos de metal. Este fato envolve-se de uma superimportância, principalmente porque permitiu uma melhor execução de obras de cunho sinfônico, na regência das quais apareceram importantes vultos, que se revelaram pela competência e paixão da sua arte. Entretanto, a música religiosa, que conhecera períodos eloqüentíssimos, vai cedendo o passo, não obstante o aparecimento de compositores geniais como Bach e Mozart, que, nesta área, criaram famosas composições, incrivelmente belas, algumas das quais ainda hoje transmitem um místico fascínio, como o delicioso *Requiem* deste último, que Angra ouviu absorta e recolhida num extraordinário concerto realizado há pouco na sua Sé Catedral, durante o V Festival de Música dos Açores.

Estamos chegados ao tempo em que apareceram as primeiras bandas musicais na Europa. Luís XIV e Frederico, o Grande, levados pela sua musicomania, terão desenvolvido, com a sua influência régia, estes novos agrupamentos musi-

cais. Sabe-se que essas primeiras bandas empregavam um conjunto de instrumentos, tais como o pífaro, o oboé, a trombeta e o tambor. A igual passo apareceram compositores que se integraram e se revelaram com inspiradas marchas, que seriam tocadas com agrado geral pelos anos em diante. As bandas militares passaram a apresentar-se em concertos públicos que se verificaram, no caso da França, desde 1777. Mas foi com a Revolução Francesa que as bandas subiram ao seu auge. Já então bastante aperfeiçoadas, variando embora de regimento para regimento, mas, genericamente, empregando flautas, flautins, requintas, clarinetes, oboés, saxofones, fagotes, cornetins, trombetas, trompas, trombones, contrabaixos, tambores, bombos, pratos e ferrinhos.

Deve dizer-se que a música também foi cultivada com certo brilho em Portugal, florescendo na corte dos nossos reis, numa ou noutra casa de primeira fidalguia, nas catedrais e mosteiros. Tal como acontecia na Europa, nos primeiros tempos da nacionalidade portuguesa imperaria a música sacra, provavelmente exercitada nos mosteiros de Alcobaça e de Santa Cruz de Coimbra, a par do trovadoresco, que não teria atingido índices de cultura musical tão elevados como em outras partes do mundo europeu. Mesmo assim foi importante a influência da música em Portugal desde os nossos monarcas da dinastia afonsina, que se interessaram, também, por compositores e executantes, e com particular fulgor no tempo de D. Afonso V, D. João IV, D. João V, D. José, que foram grandes apaixonados da arte musical, como também seriam os últimos príncipes da Casa de Bragança.

E, neste ponto, chegamos ao século XIX, em que aparecem em Portugal, e, depois, nos Açores, as bandas de música.

* * *

Será agora o momento propício de dizer o que se entende por banda de música. A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, define-a assim nestes termos: — “Grupo de executantes que tocam instrumentos de vento e percussão sob a direcção de um chefe”. Apenas isto. Mas note-se uma outra existência de banda, a banda de corneteiros que é por sua vez o conjunto dos corneteiros de um regimento.

Também convirá ver como define a Enciclopédia uma filarmônica. Diz assim: — “Sociedade musical; banda de música. Designação portuguesa dos agrupamentos de instrumentos mais ou menos do tipo da banda militar, isto é, compostas apenas de instrumentos de sopro e alguma percussão. As filarmônicas são de carácter puramente civil e em geral agregadas a instituições de recreio ou educação populares”.

A primeira sociedade de concertos fundada em Portugal foi a Sociedade *Filarmónica de Lisboa*, no ano de 1822. Alguns anos passados, em 1838, em plena época constitucional, durante o governo de D. Maria II, apareceram a *Academia Filarmónica* e a *Assembleia Filarmónica*, fundadas por uma distinta personagem, o conde de Farroubo. Os concertos públicos iniciados em 1860 por Guilherme Cossoul tiveram grande impacto no cassino lisboeta. Muito antiga no País é a Banda da Guarda Municipal, cuja criação data de 1838, a qual, com o advento da República, veio a designar-se *Banda da Guarda Nacional Republicana*, de grande prestígio.

Nos Açores, onde também a música foi cultivada desde os primeiros tempos do povoamento, a sacra através do órgão nas igrejas e casas conventuais, e a profana imbuída no lirismo popular das folias do Espírito Santo, a introdução da banda militar dá-se no período liberal, quando políticos e tropas vieram cimentar nas ilhas o pendão de D. Pedro IV — o Rei-Soldado.

O semanário terceirense, intitulado *A Chronica*, em seu n.º 4, com data de 24 de abril de 1831, fala da *Banda do Batalhão n.º 5*, aquartelado na cidade de Angra. Diz a notícia que, por ocasião do embarque de um destacamento de tropas constitucionais da guarnição desta ilha, em que não faltou a exortação inflamada do conde de Vila Flor, a “música do Batalhão de Caçadores n.º 5 se achava tocando o hino nacional e real na ponta de Santo António”, acrescentando-se, do Monte Brasil, na cidade de Angra.

Crê-se ser esta a mais antiga notícia sobre bandas militares nos Açores.

Joaquim Maria Cabral, no seu livro *Filarmónicas da Ilha de São Miguel* (publicação do Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo, 1985), refere que as duas primeiras bandas de música aparecidas em Ponta Delgada, a 22 de fevereiro de 1832, foram as do *Regimento de Caçadores n.º 5*, certamente a mesma que atuou em Angra no ano anterior, e a do *Regimento de Infantaria n.º 18*. Famosa ficaria mais tarde a *Banda Regimental*, que ao desaparecer da ilha Terceira deixaria uma indelével saudade.

Das primeiras bandas militares, também escolas de formação de novos músicos, resultaram ou foram filhas as bandas civis ou filarmónicas, que se disseminariam nas ilhas açorianas, pouco antes do meado do século passado, constando ser a mais antiga que apareceu na ilha de São Miguel a *Sociedade Filarmónica Micaelense*, fundada no ano de 1845, em Ponta Delgada, sendo considerada a primeira da ilha Terceira a *Filarmónica Terceirense*, constituída em Angra do Heroísmo a 21 de julho de 1856, apresentando-se em público a 12 de abril do ano seguinte, enquanto o Faial teve agrupamento do gênero na *Sociedade Filarmónica Artista Faialense*, da freguesia da Matriz da Horta, fundada a 2 de fevereiro de 1858, subsistindo apenas esta última.

O *Almanach Insulano* para os Açores e Madeira, belo repositório estatístico, histórico e literário, para os anos de 1874 e 1875, dá-nos conta de algumas filarmónicas das outras ilhas do grupo central dos Açores, existentes naquelas datas. É o caso da *Filarmónica Velense*, instalada em 1868 e que se apresentou em público a 30 de agosto desse ano; a *Filarmónica Ribeira Sequense*, criada na freguesia de São Tiago no conselho da Calheta em 1869; a *Filarmónica Topense*, cuja fundação ocorreu em novembro de 1869; a *Filarmónica Graciosense*, cuja fundação foi em 1868; e duas da ilha do Pico, a *Lajense*, na vila das Lages, e a da Madalena, que existiam ambas à data de 1874.

Na ilha Terceira, das filarmónicas que existiram, relacione-se algumas mais. Além da *Terceirense*, já atrás referida e que chegou a atingir grande perfeição nas suas execuções, decaído em 1869 e renovando-se em 1873. Cite-se ainda, como uma das primeiras, a *Filarmónica Agualvense*, fundada em 1868, extinguindo-se dezoito anos depois, em 1886. Para além destas, havia outras três, que perfaziam o número de cinco no ano de 1874 (uma data que funciona aqui como padrão), por isso mesmo se faz delas a respectiva menção. Trata-se da *Filarmónica Popular Angrense*, instalada em 28 de março de 1870 e apresentada

em 5 de outubro de 1871; a *Harmónica Lajense* e a *União Praiense*, também mencionadas no respectivo Almanaque Insulano, como existindo naquela data, e citadas por Pedro de Merelim na sua obra *Freguesias da Praia* (ed. da Direcção Regional de Orientação Pedagógica, da Secretaria Regional da Educação e Cultura, Angra do Heroísmo, 1982), trabalho que contém muitos outros elementos sobre assuntos musicais e para o qual remetemos os estudiosos por ventura interessados.

Mas, para que estes agrupamentos vivessem e se expandissem, eles próprios, na prática, se constituíam em verdadeiras e eficientes escolas de música, proporcionando, mesmo com todo o seu amadorismo, aprendizagem técnica e musical, formando capacidades que, em casos não raros, dominavam com perícia mais de um instrumento. No seio das filarmónicas, com repertórios por vezes muito bons, com marchas, valsas, boleros, mazurcas, polcas, zarzuelas, passedobles, operetas e variedade de músicas de concepção popular, se formavam os futuros regentes, quantos deles talentosos compositores de músicas originais e de adaptação de trechos. Qualquer coisa de belo e sublime no panorama artístico-musical das nossas ilhas.

* * *

Falemos agora do tempo presente.

De uma relação intitulada *Filarmónicas e Bandas de Música na Região Autónoma dos Açores*, elaborada pela Direcção Regional dos Assuntos Culturais (outubro, 1987), colhe-se que o número de filarmónicas existentes agora em todos os Açores é de 107, e da mesma consta ser a mais antiga a *Sociedade União Popular de Instrução e Recreio*, Ribeira Seca, Calheta, na ilha de São Jorge, fundada em 1854, atualmente com 134 anos, sendo a mais jovem das filarmónicas açorianas a *Sociedade Recreativa Rainha Santa Isabel*, inaugurada em 6 de agosto deste ano na freguesia de São Jorge das Doze Ribeiras, na ilha Terceira.

Desdobrando aquele número, temos por ilhas, a seguinte leitura:

Santa Maria.....	1 filarmónica
São Miguel.....	35 filarmónicas
Terceira.....	25 filarmónicas
Graciosa.....	4 filarmónicas
São Jorge.....	15 filarmónicas
Pico.....	14 filarmónicas
Faial.....	8 filarmónicas
Flores.....	4 filarmónicas
Corvo.....	1 filarmónica

Logo se vê que as ilhas dos Açores possuem filarmónicas, mesmo que seja um só agrupamento, como acontece em Santa Maria e no Corvo. Acrescenta-se mais duas escolas de música de instrumental de sopro, para formação de filarmónicas, uma no Livramento, freguesia de Rosto do Cão, e outra no Porto Formoso, ambas na ilha de São Miguel.

Os dados oficiais atrás citados não contemplam outras manifestações musicais, que no entanto existem, como seja o caso dos guardas da PSP de Angra do Heroísmo e de Ponta Delgada que se constituem em agrupamentos musicais em certos dias festivos da sua corporação, mas que não possuem, infelizmente, qualquer instrumental próprio nem estão oficialmente criados, nem as charangas, muitas vezes solicitadas a participarem em atos públicos, pertencentes aos bombeiros de Ponta Delgada e Ribeira Grande, assim como não inclui a *Fanfarra do Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo* e também a *Sociedade Filarmónica Maestro Francisco de Lacerda*, fundada na Calheta de São Jorge em 17 de julho de 1984, pertença à instituição dos bombeiros daquela vila.

Está assim a Região Autónoma dos Açores de posse de um conjunto de valores musicais de grande importância, quer pelo seu elevado número, quer pela sua qualidade, quer ainda pela antiguidade da maior parte das filarmónicas, que ocupam no quadro dos valores percentuais posição mais elevada relativamente a outras parcelas do território nacional, o que prova que os agrupamentos musicais dos Açores — sejam eles bandas, filarmónicas, fanfarras ou charangas — acompanharam no tempo as suas congêneres do espaço europeu e se mantêm ainda hoje como benéficas instituições de cultura musical.

Para essas bandas e filarmónicas está criada legislação que lhes permite também, como a outras instituições de carácter cultural e recreativo, requererem a declaração de instituição de utilidade pública, constituindo acesso a benefícios e isenções. A tal matéria se refere o Decreto-Lei n.º 460/77, de 7.11.1977, do *Diário da República* e o disposto no Decreto-Lei n.º 52/80, de 26.3.1980, do mesmo órgão oficial, em que transfere para a Região Autónoma dos Açores as competências nesta matéria.

Por outro lado, as nossas filarmónicas não estarão certamente desprotegidas, dado poderem contar com diversos apoios desenvolvidos ao nível do Departamento Regional dos Assuntos Culturais. Compreende-se, também, que estes, materialmente, não se aproximem suficientemente das necessidades cada vez mais prementes e exigentes, não só nesta área musical, mas em todo o contexto das atividades culturais e artísticas, na grande generalidade dos casos.

Todavia, são bem dignas de atenção estas manifestações coletivas verdadeiros focos de cultura, reunião de pessoas nos seus tempos livres, nem sempre isentas de sacrifícios pessoais e por vezes até com reflexos nas próprias famílias, para se poderem dedicar, de alma e coração, ao ideal da música. Por demais sabendo-se que na maioria dos casos são pessoas que trabalham durante o dia, dos mais variados ofícios, agricultores ou lavradores, por isso estes homens, estes músicos, são merecedores da maior simpatia e consideração coletivas.

Temos presente este caso de homenagem, muito justa, ao sr. José Homem do Couto, músico durante 50 anos consecutivos, dando a par do seu contributo, laborioso e musical, um verdadeiro exemplo de civismo e de espírito comunitário. Que um tal exemplo sirva de espelho, principalmente aos mais jovens, que virão a suportar futuramente sobre os seus ombros a responsabilidade da herança do magnífico património cultural que é esta *Sociedade Altarense do Sagrado Coração de Jesus*, fundada no ano já longe de 1879, já chegada à idade jubilar de 109 anos, e cujo suporte são os seus dedicados músicos, os seus dirigentes,

os seus regentes, os seus simpatizantes, os seus adeptos, numa palavra única a sua freguesia.

A terminar, desculpem ter-me excedido no tempo do meu falar, peço a todos os presentes o especial favor de me acompanharem numa vigorosa e reconhecida salva de palmas ao homenageado desta Sociedade, músico distinto e dedicado, o sr. José Homem do Couto.

**** O autor Valdemar Mota de Ornelas da Silva Gonçalves, estudioso da história e cultura açoriana, é membro do Instituto Açoriano de Cultura e do Instituto Histórico da Ilha Terceira — Açores.**

O DIABO DA TRADIÇÃO CULTURAL JUDAICO-CRISTÃ E SUAS COMPARSAS, AS BRUXAS

O Sabbat

Na religiosidade medieval conviveram práticas cristãs e pagãs. Quanto ao Sabbat, não se sabe ao certo a origem do vocábulo. O mais provável é que proceda de *Schabbat*, o Sábado Sagrado dos judeus, dia em que se reuniam, sendo suas assembléias consideradas malditas pela população cristã. Pode também advir de *Sabazius*, culto prestado ao deus grego Dioniso (Baco), cujo animal consagrado era o bode.

Por uma destas, ou outra razão, assim foram designados os ajuntamentos entre demônios e bruxos, geralmente sob copada nogueira — reminiscência das árvores sagradas da antigüidade — nas florestas, cuja escuridão era espantada pela luz dos archotes. Aí Satã, pomposamente acompanhado do *Aquelarre*, sua tenebrosa corte real, o chamado *Exército Antigo*, a horda dos condenados, era cultuado e homenageado em meio à formidável orgia.

Sacerdotes de civilizações arcaicas já se reuniam em clareiras, no interior das florestas, iluminadas por tochas, vestindo a pele do animal do deus a quem cultuavam, e completando a máscara com cabeças de veado ou touro. Foram por isso acusados de encarnar o Diabo, o *Deus Chifrudo*. Eles mesmos foram cognominados *chifrudos*. (P. Heining, op. cit.)

As bruxas da Idade Média preparavam poções com ervas escolhidas, algumas da família das solanáceas, como a beladona, o meimendro, a scopolia, a mandrágora, que ingeriam, ritualmente, antes de comparecer ao Sabbat. Também fumavam essas folhas.

Para levantar vôo, besuntavam-se de unguento, usando o dedo médio. Essa pasta era feita de sapos, sangue e coração de crianças, miolos humanos, e também servia para untar a forquilha, o cabo de vassoura, o pau, a cavaca ou a cana onde montavam, para voar.

Em outras ocasiões, voavam cavalgando um demônio, geralmente o seu favorito, transformado em bode ou em outro animal e que algumas vezes lhes fornecia a beberagem e o unguento rituais.

O bode, que de forma relevante surge no exercício da bruxaria, forçosamente encerra analogia com o *bode expiatório* da tradição hebraica, ambos a encarnar o pecado coletivo.

No Candomblé sacrifica-se o bode para os orixás Xangô, Ogun, Exu, Oxóssi. A cabra para Oxalá, Oxun, Iansã, Iemanjá, Nanã.

Shakespeare, no ato 4º, cena I, de *Macbeth* (1605), descreve bruxas entretidas com a sopa do diacho e preconceito:

1: BRUXA

Três vezes o gato malhado miou.

2: BRUXA

Três vezes mais uma o ouriço gemeu.

3: BRUXA

Hárpia “Já é tempo! Já é tempo!” gritou.

1: BRUXA

Toca a lançar na panela

As substâncias da mistela.

Sapo, que a dormir te inchaste

Da peçonha que engendraste,

Serás a coisa primeira

A ferver nesta caldeira.

TODAS

Borbulhe a papa ao fogacho:

Arda a brasa e espume o tacho!

2: BRUXA

Rabo de víbora, dardo

De venenoso moscardo,

Fel de bode, unto de bicha,

Pernas de osga e lagartixa,

Asa de coruja, pêlo

De rato, olho de cobreiro,

Refervam na olha do tacho

Para o feitiço do diacho.

TODAS

Borbulhe a papa ao fogacho:

Arda a brasa e espume o tacho!

3: BRUXA

Escama de drago, dente

De lobo, iscas de serpente

Paulosa, ramos de teixo

Cortados no eclipse, e um queixo

De sanioso tubarão,

Mão de rá, língua de cão,

Raiz de cicuta arrancada

Da noite pela calada,

Múmia de filha do demo,

Bofe de judeu blasfemo,

Beißos de mongol, focinho

De turco, dedo mindinho

De criancinha estrangulada

Ao nascer, logo jogada

Por uma rameira ao fosso.

Tudo isso dê ponto grosso
E força à sopa do diacho!

TODAS

Borbulhe a papa ao fogacho:
Arda a brasa e espume o tacho!

2: BRUXA

Esfriai com o sangue de um símio,
E eis pronto o feitiço exímio.”

(Tradução de Manuel Bandeira in *Folhetim* n.º 530 (Folha de São Paulo) — 3/4/87.

No folclore brasileiro, a bruxa aparece, em São Paulo, como “a última filha de uma série de sete mulheres.” (Maria do Rosário S.T. Lima, op. cit.). Assim, a Bruxa, mito universal, já nasce bruxa, diferentemente da feiticeira, que o é por escolha.

O que se conhece das assembléias de demônios e bruxos é através das confissões dos seus participantes (exauridos, é verdade, pelas crudelíssimas torturas), especialmente bruxas (caçadas em número muito superior ao de homens), ou através de relatórios dos membros da Visitação e da Inquisição, ou ainda pelos estudos e pesquisas desenvolvidos por demonólogos.

Assim foi registrado o depoimento de uma bruxa, no início do século XV:

“... Antes de partir, devia besuntar-se com um unguento especial; depois, a cavalo num bode, chegava à reunião, que tinha lugar, geralmente, debaixo de uma grande nogueira. (. . .) Ali, após ter prestado homenagem ao diabo principal, as bruxas dançavam, corriam e uniam-se sexualmente cada uma com seu demônio. . .”

Na Assembléia dos Réprobos, já citada, “. . . se os homens são mais numerosas do que as mulheres, satisfazem juntos os seus depravados apetites. E as mulheres fazem o mesmo entre si. . . Então, de um canto escuro sai um homem cuja parte superior do corpo até as ancas resplandece como o sol, e cuja parte inferior é peluda como a de um gato. (. . .) afirmam na sua loucura que o Senhor agiu mal precipitando Lúcifer nos abismos. . . acreditam em Lúcifer, afirmam que ele criou os corpos celestes. . .

Em 1599 apareceu o célebre *Disquisitionum magicarum libri sex*, de Martin del Rio.

Eis sua descrição do Sabbat — o culto do Demônio — bode — traduzida do latim:

“As bruxas, depois de se terem besuntado com os seus unguentos, têm o costume de ir ao Sabbat, com um pé em cima de paus, forquilhas, cavacas, ou cavalgando vassouras e canas, ou a cavalo nos seus touros, bodes, ou respectivos cães, chegando ao jogo (ludus) da boa sociedade (como é chamado na Itália) onde, iluminado pelo fogo horrível e aterrador, sentado em seu trono, o Demônio preside à reunião sob a forma de um bode ou de um cão. (. . .) Depois, oferecendo-lhe velas de pez ou umbigos de crianças, dão-lhe um beijo nas partes traseiras em sinal de homenagem. (. . .) Oferecem em seguida duas crianças ao Diabo. (. . .) Em 1458 uma mãe chegou a oferecer três filhos. (. . .) oferecem um sacrifício repugnante e cruel ao ídolo Moloch, propondo ao Demô-

nio matar em sua honra os seus próprios filhos ou os de outrem; ou então derramam sobre ele o sêmen, como aquele mago criminoso que, unindo-se sexualmente no templo com uma mulher, misturava esperma à santa quaresma. . . Por fim, quando comungam, guardam na boca a santa hóstia, retiram-se em seguida e oferecem-na ao Demônio, sendo seguidamente pisada por todos os assistentes. (. . .) sentam-se à mesa e servem-lhes pratos oferecidos pelo Demônio. (. . .) essas mesas recebem a bênção blasfematória que (. . .) faz de Belzebu o criador, o doador e o conservador de todas as coisas. (. . .) Cantam poemas obscenos em honra do Diabo e dançam ao som da flauta e do tamborim. (. . .) Finalmente, após terem recebido os pós (que alguns dizem ser as cinzas do bode encarnando o Demônio que se acaba de adorar e que se consome nas chamas. (. . .) pronunciam o juramento ao Demônio *Pseudothéos*. . .”

Curiosamente, esse Demônio, observada a etimologia da palavra, chama-se *Falsodeus*.

No século IV, o *Tractatus exquisitissimus de magicis artibus et magnorum maleficis* de Bernard Basin de Saragoça, com grande aceitação por parte de teólogos espanhóis, afirmava que o Sabbat era, em certos casos, real, mas em outros, simples ilusão diabólica.

Estória do folclore europeu conta que um homem, após espreitar reunião sob nogueira, onde o Diabo e umas tantas bruxas entregavam-se à orgia, sentiu sua corcunda desaparecer, por artes do Demo, em virtude de haver caído em sua simpatia.

Bruxos e Demônios banquetevam-se, antes das orgias, com vinhos e finas iguarias. Estas, entretanto, não eram temporadas com sal.

Em pesquisa de campo efetuada pela autora em 1983, a Bruxa, no folclore em São Paulo, aparecia como mulher velha ou jovem, que à noite se transformava em pata. Também voava, assobiando, sobre as casas, à noite, e sugava o umbigo das crianças não-batizadas, levando-as, por esse meio, à morte. Essa Bruxa, na forma humana, batia às portas, pedindo sal, “porque o sal é sagrado e ela está, assim, encurtando o seu fadário.” Bruxos e feiticeiros não pisam sobre sal.

O ritual religioso denominado *Acotundá* ou *Dança de Tunda*, com que é homenageado o deus da Nação Courá (Lagos, Nigéria), foi praticado no Arraial de Paracatu (MG) até 1747, e só foi desmobilizado pela violência, através de capitães-do-mato. Esse deus “é boneco de barro com feitiço de cabeça e nariz à imitação do Diabo. . .” (Luiz Mott in *Acotundá*: . . .)

Uma moradora da Vila Rica (MG), em meados do século XVIII, dizia: “Estas Minas estão bastante infestadas de demônio”, numa alusão aos negros e seus rituais. (idem).

O Sabbat, na sua especificidade de culto ao Demônio, não obstante torturas e fogueiras, sobreviveu.

Existe, ainda, reinterpretado, fruto de interação, através dos tempos, de expressões de culturas diversas, do que não estão excluídos os modernos centros industrializados.

Em Aracaju, capital do Estado de Sergipe, foi fundado o *Templo da Adoração ao Diabo*.

“Pesquisadores sérios, como Leo Martello e Isaac Bonewits, apontam a

existência em todo o país de cerca de duas mil “covens” (o coletivo de bruxas norte-americanas), sendo que mais de quinhentas estão localizadas no Estado de Massachusetts. Membro do Conselho de Ísis e militante ativa da Aliança Nacional de Panteístas, que desenvolve uma intensa campanha pela melhoria da imagem das feiticeiras norte-americanas, a psicanalista e terapeuta Joyce Dolberg, 39, é uma das mais novas bruxas de Salém.” Elas se reúnem nas noites de lua cheia e no início de cada estação. (Hélio Belik. *In: Folha de S. Paulo*, 16/4/87).

O Familiar

No Brasil-Colônia o Diabo da tradição cultural judaico-cristã instalou-se facilmente, trazido pelos portugueses descobridores e apresentado, através da catequese, aos nativos.

Belzebu, a princípio vislumbrado, soltou-se definitivamente das páginas do catecismo e da palavra dos catequistas e tomou conta da nova terra, para terror dos silvícolas, que agora passavam a conviver com um pavor a mais — como se não bastasse tudo o que as matas e o mar proviam de anhangas e ipupiarias.

Já o nome Brasil se impusera, contra o sagrado da Cruz, numa vitória onde se via o dedo do Diabo. O pau-brasil, vermelho como a brasa e o fogo do Inferno, levava a melhor, na disputa com o Santo Lenho.

Parecia que o mundo descoberto nascera sob o signo de Satanás.

A exuberância natural — “paradisíaca” — contrastava com a agressividade da terra inóspita, com suas florestas insondáveis povoadas de feras e de assombrações, e índios que “são cães em se comerem e matarem, e são porcos nos vícios e nas maneiras de se tratarem”, segundo Nóbrega, e “tigres humanos”, no dizer de frei Gaspar. E havia ainda os negros, revoltados e enigmáticos, com seus misteriosos rituais *diabólicos* trazidos da pátria distante.

A complementar o quadro de agruras, somavam-se a canícula, os mosquitos, as febres, as doenças e, acima de tudo, a nostalgia.

Arrefecido o deslumbramento da descoberta e calejados os homens na dura vida rotineira, toma vulto a saudade da Europa, agora mais parecendo um sonho.

Para amenizar tal desconforto, só mesmo poderes sobrenaturais. Começou, então, a bruxaria, no Brasil, a fazer adeptos.

O mais eficiente e polivalente remédio encontrado foi, sem dúvida, o *Familiar* — antepassado do *Famaleal* atualmente encontrado no Estado de MG —, velho conhecido das bruxas européias. Câmara Cascudo assim o refere, com o nome de *Famaliá*, ensinando ainda como fazê-lo, de acordo com o *Livro de São Cipriano*.

“*Famaliá* — Diabinho preto conservado dentro de uma garrafa (Saul Martins, folclore da região norte-mineira do vale do São Francisco). *Familiar*, citado nas *Denúncias da Bahia em 1591*. Era tradição européia a fabricação do demônio auxiliar, guardado em casa e pronto para o serviço do seu possuidor. O Livro de São Cipriano ensina a fazer um Familiar (II, 134-135, Rio de Janeiro). Matai um gato preto e, depois de morto, tirai-lhe os olhos e metei-os dentro de um ovo de galinha preta, mas notando-se que cada olho deve ficar separado

em cada ovo. Depois de feita esta operação, metei-os entre uma pilha de estrume de cavalo, e torna-se preciso que o estrume esteja bem quente, para ali ser gerado o diabinho. Diz S. Cipriano que se deve ir todos os dias junto da dita pilha de estrume, isto por espaço de um mês, tempo que leva a nascer o diabinho. Palavras que se devem dizer junto da pilha de estrume onde está o diabinho: Ó grande Lúcifer, eu te entrego estes dois olhos de um gato preto para que tu, meu grande Lúcifer, me sejas favorável nesta apelação que faço a teus pés. Meu grande ministro e amigo Satanás e Barrabás, eu vos entrego a mágica preta, para que vós lhe ponhais todo o vosso poder, virtude e astúcias que vos foram dadas por Jesus Cristo; pois eu vos entrego estes dois olhos de um gato preto, para deles nascer um diabo para ser minha companhia eternamente. Minha mágica preta, eu te entrego a Maria Padilha, a toda sua família e a todos os diabos do inferno, mancos, catacegos, aleijados e a tudo quanto for infernal, para que daqui nasçam dois diabos para me dar dinheiro, porque não quero dinheiro pelo poder de Lúcifer, meu amigo e companheiro, doravante." Fazei tudo isto que vos acabamos de indicar e no fim dum mês, mais dia menos dia, nascer-vos-ão dois diabinhos com a figura de um lagarto pequeno. Logo que esteja nascido o diabinho, metei-o dentro de um canudinho de marfim ou buxo e dai-lhe de comer ferro ou aço moído. Quando estiverdes senhor dos dois diabinhos, podeis fazer tudo quanto vos agradar. . ."

A bruxaria floresceu no Brasil-Colônia, um dos campos de colheita da Visitação do Santo Ofício, e é largamente praticada até hoje, sob rótulos diversos, para o bem e para o mal, segundo os interesses de cada um.

O Demônio, de uma forma ou de outra, está sempre presente: ou para patrocinar os malefícios, ou para atender pedidos, ou para ser homenageado, ou para ser convencido a retirar-se e retirar o mal.

Simpatias, benzeduras, rezas de uso corrente na atualidade, invocam o Demo e contam com seu beneplácito para surtirem eficácia.

O Diabo nas expressões de cultura

"... parece-me importante ressaltar que a feitiçaria remete à questão da circularidade dos níveis culturais, tornando-se muitas vezes difícil detectar predominâncias do erudito sobre o popular e vice-versa. As elites culturais reelaboraram manifestações da cultura popular à luz da demonologia; esta, por sua vez, não poderia ter-se constituído sem o recurso a tradições folclóricas milenares.

Em outras palavras: a demonologia como saber foi apanágio das elites cultas, mas dela nunca estiveram ausentes os elementos populares, num trabalho surdo e constante."

(Laura de Mello e Souza in *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*).

Quando se trata do Diabo e seu Inferno, e de suas comparsas, as bruxas, não se pode esquecer que inspiraram gênios das artes e das letras, que os inseriram no contexto da cultura erudita.

Inspiraram também a criatividade que os canta em prosa e verso, enquadrando-os no contexto da cultura popularesca (também chamada popular) e de massas, assim como no da cultura espontânea (folclore).

Eis uns poucos exemplos:

Dante Aligheri ofereceu ao mundo *A Divina Comédia* (século XIV), da qual aqui destaca o *Inferno*.

O inglês Christopher Marlowe inspirou-se duzentos anos antes de Goethe, no lendário mágico alemão que vendeu sua alma ao Demônio em troca de poderes terrenos, e escreveu *La vie et la mort du Dr. Faust* (1592).

Shakespeare, em *Macbeth* (1605), apresenta bruxas a lidar com a sopa do Diacho, cena retro transcrita.

Goethe (1749-1832), “que era iniciado em todos os mistérios da magia filosófica, praticara mesmo em sua mocidade a magia cerimonial. . .” (E. Levi, op. cit.) — é o autor do drama *Fausto*, que inspirou diversas óperas, entre elas a de Gounod, falecido em 1893.

Em 1587 Fausto e seu Demônio já haviam sido divulgados através do *Livro Popular*.

O poeta português Gil Vicente, que morreu por volta de 1537, ocupou-se também do Diabo, apresentando-o no *Auto da Barca do Inferno*, no *Auto da Feira* e no *Auto da Lusitânia*.

.....
Sapateiro: Quantas missas eu ouvi
nom me hão elas de prestar?²

Diabo: Ouvir missa, então roubaste —
é caminho para aqui.

.....
(*Auto da Barca do Inferno*)

No *Auto da Feira*, o Diabo monta banca para vender pecados. Eis pequeno trecho de seu pregão:

“ . . . mas cada um veja o que faz,
porque eu não forço ninguém . . . ”

No *Auto da Lusitânia*, 2ª parte, dialogam dois diabos: Berzebu e Dinato, que vêm assistir ao casamento de Portugal, cavaleiro grego, com a princesa Lusitânia. Outros personagens são: Todo Mundo e Ninguém.

.....
Dinato: Que escreverei, companheiro?

Berzebu: Que Ninguém busca consciência e Todo Mundo dinheiro.

.....
O poeta inglês John Milton, que viveu de 1608 a 1674, legou à posteridade o imortal poema *O Paraíso Perdido*. Sua pena brilhante apresenta Satanás, que ouvira anunciar o surgimento de uma nova raça, destinada a ocupar o lugar dos anjos decaídos. Preocupado em descobrir o lugar onde ela aparecerá, põe-se a contemplar a singela e tranqüila beleza do Éden. Deus observa Satanás e vaticina a perdição do homem, cuja salvação dependerá de alguém morrer por ele.

Alexandre Herculano (1810-1877), um dos grandes escritores portugueses, aproveitou magistralmente estória de *Livros de Linhagem*, denominada *A Dama Pee de Cabra* — Rimance de um jogral — (século XI), *muy fermosa e muy bem feita em todo seu corpo, saluando que auia hũm pee forçado, como pee de cabra*. Escreveu *A Dama Pé de Cabra*, onde se revela como diaba a nobre esposa do fidalgo Diogo Lopez, na primeira ocasião em que ele invocou o sagrado: “Virgem bendicta! Aqui anda coisa de Belzebuth. E dizendo e fazendo, benzia-se e persignava-se. Uil — gritou sua mulher, como se a houvesse queimado. O barão olhou para ella: viu-a com os olhos brilhantes, as faces negras, a boca torcida e os cabellos eriçados. E ia-se alevantando, alevantando ao ar . . . E a mão da dama era preta e luzidia . . . e as unhas tinham-se-lhe estendido bem meio palmo e recurvado em garras. . . . E sua mulher deu um grande gemido. . . e continuando a subir ao alto, saiu por uma grande fresta. . .”

Goya (1746-1828), pintou, com intrigantes claros-escuros, diversos quadros em que aparecem o Sabbat, demônios e bruxas, e estas montadas em bode, em vassoura, a voar para o congresso satânico. Quis assim registrar, na arte, sua mordacidade em relação às superstições populares. Essas obras integram o acervo do Museu do Prado — Madrid.

O irreverente vate baiano Gregório de Mattos Guerra (alinhado *Boca do Inferno*) chocou a burguesia seiscentista com seus versos satíricos louvando o Diabo e seu desempenho sexual.

A pintora cubana Eiriz (Antonia) idealizou, em 1962, o quadro *La annunciación*, óleo sobre tela, onde se vê uma mulher, rosto deformado pelo terror, encarando um Demônio que se debruça sobre ela. O Demônio anuncia o Anticristo.

Na poesia modernista, o mais importante poeta português depois de Camões, Fernando Pessoa, escreveu *O Mostrengo*, idealização do Demônio — desafio nas conquistas marítimas.

“O mostrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar:
Voou três vezes a chiar,
E disse, ‘Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo
Meus tetos negros de fim do mundo?’
E o homem do leme disse, tremendo,
‘El-Rei D. João Segundo!’

‘De quem são as velas onde me roço?
De quem as quilhas que vejo e ouço?’
Disse o mostrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso.
‘Quem vem poder o que só eu posso,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?’
E o homem do leme tremeu, e disse,
‘El-Rei D. João Segundo!’

Três vezes do leme a mão ergueu
Três vezes ao leme as repredeu,
E disse no fim de tremer três vezes,
‘Aqui ao leme sou mais do que eu:
Sou um povo que quere o mar que é teu;
E mais que o mostrengo, que me a alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo,
Manda a vontade, que me ata ao leme,
De El-Rei D. João Segundo!’

Terras do Sem Fim, de Jorge Amado, apresenta o coronel Horácio, alvo de comentários das “velhas beatas” de Ilhéus e que teria, segundo estas, vendido a alma ao Diabo em troca de fortuna e conservava, “debaixo da sua cama, o diabo preso numa garrafa.”

Em 1983 realizou-se, no Hilton Hotel de São Paulo, um “Congresso de Demonologia”, organizado pela Sita — Sociedade Internacional de Trilogia Analítica. (Dacio Nitrini. In: *Folha de São Paulo*, 28/06/88).

A Europa possui um *triângulo mágico* de cidades esotéricas, e Turim, ao norte da Itália, ocupa um dos seus vértices. As outras duas cidades esotéricas são Praga e Lion. Genebra, na Suíça, é um dos locais preferidos do Diabo, sendo que este País se situa exatamente dentro do *triângulo*.

Turim é a depositária da *Santa Síndone*, objeto de profunda veneração dos cristãos — que não tiveram sua fé abalada pela datação científica da relíquia. É também a terra natal de São João Bosco, cultuado com extrema devoção, pelo povo. Além disso, e em contrapartida, é considerada a *capital mundial do satanismo e da magia* e muito freqüentemente aí se realizam *missas negras*.

Foi nessa cidade de tão variadas manifestações místicas que se realizou, de 17 a 21 de outubro de 1988, num auditório com capacidade para 300 assistentes (o Salão La Giostra), um Congresso Internacional sobre o Diabo, organizado por Maria Tereza Gatti e denominado *Diabolos, Dialogos, Daimon*.

Milhares de pessoas disputaram o privilégio de obter um lugar no auditório, na esperança de observar alguma ocorrência extraordinária.

Foram 80 estudiosos entre os quais antropólogos, teólogos, matemáticos, médicos, padres católicos, a esmiuçar e debater as características daquele que, ao ser criado, era o mais belo e esplendoroso anjo.

Todas as informações relativas ao acontecimento foram amplamente divulgadas por veículos da imprensa brasileira, entre outros *O Globo* (RJ), *O Estado de São Paulo*, *Jornal da Tarde* (SP), *Folha de São Paulo*, *Diário Catarinense* (SC).

“... o Congresso divulga teses e pesquisas sobre quem a tradição católica considera o princípio metafísico do Mal — e a quem também chamam de *Satanás, Sheitã, Baal, Moloch, Belial, Asmo-Deo, Short, Astaroth* ou *Exu*.” “Os 80 estudiosos explorarão as ‘origens populares dessa força do mal, da tentação e da rebelião’ e as ‘*relações especiais* que tenta manter com os jovens, suas *presas preferidas*.” (*O Globo* (RJ), 20/10/88).

Embora explorando “as origens populares” dessa emanção do Mal, houve séria preocupação, segundo os noticiários, em suprimir tudo o que pudesse

ser confundido com “o folclore que acompanha o personagem”.

O padre (suspensão de ordens) e eurodeputado socialista, Gianni Baget Bozzo, ponderou: “Não é possível entender o Evangelho se não se levar em conta que nele está sempre presente a luta de Cristo contra Satanás.” “O Demônio é atual. . . obceca secretamente o homem moderno.”

Esse Congresso fez a cidade estremecer, como um terremoto. A Cúria de Turim recomendou “prudência”. Os católicos passaram a temer uma descarga, na cidade, de “todas as forças do Mal que pululam no Universo”.

Segundo o *Diário Catarinense* de 23 de outubro de 1988 o Diabo foi “o grande vitorioso do primeiro congresso diabológico”. Isto porque, afinal, inocentaram-no de muitas e diversas diabruras que sempre lhe foram atribuídas e livraram-no de chifres, pés de cabra, rabo e cheiro de enxofre, atributos que até então o acompanhavam.

Como entretanto declarou um famoso demonólogo, monsenhor Ernesto Balducci, “a presença do diabo se torna cada vez mais virulenta”. Segundo ele, Satanás possui, às suas ordens, um exército de 1.758.640.176 diabos.

Na noite de 12 para 13 de maio de 1988 (sexta-feira), reuniu-se em sessão secreta o Conselho de Bruxas, “em algum lugar da Inglaterra”, para eleger o sucessor do seu Sumo Sacerdote, recentemente falecido, e que é sempre um homem, denominado *Rei das Bruxas*. (*Folha de São Paulo*, 15/5/88).

Na cultura de massas, está o Demo presente como estrela de inúmeros filmes de terror. Todos, sucesso de bilheteria e constantemente reapresentados nos canais de TV. Nestes, o Diabo é explícito ou sugerido, em novelas e publicidade.

Na concepção plástica de seita religiosa, na Capital (SP) é apresentado cartaz colorido com Demônio-gigante, figura do Anticristo, circundado por aparente corrente elétrica, junto a computador; militar armado e mulher minivestida; todos carimbados com o estigma 666.

Os livros de divulgação, insertos no contexto da cultura do popularesco e de massas, trazem *receitas*, as mais diversas, para afastar Satanás e seus malefícios, a exemplo desta:

“Para expulsar o Diabo do corpo: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Em nome de São Bartolomeu, de Santo Agostinho, de São Caetano, de Santo André Avelino, eu te arrengo, anjo mau, que pretendes introduzir-te neste filho de Deus e pervertê-lo. Pelo poder da Cruz de Cristo, eu te esconjuro, maldito, para que não possas tentar esta alma sossegada. Amém. (Ir fazendo o sinal da cruz na cabeça da pessoa que está sendo benzida).”

Nos seus quase 500 anos de existência brasileira, instalou-se o Diabo no dia-a-dia de trabalho, esperança e medo de cada um, integrando expressões de cultura.

Compõe literatura de cordel, histórias, ditados, frases feitas, imprecizações, quadrinhas, anedotas, simpatias, rezas de benzeduras, feitiçaria; empresta seu nome e o de seu *habitat* a diversos locais.

Aparece, de forma singela, nas máscaras de carnaval e na malhação de Judas.

É objeto de adoração em templos onde lhe são dedicadas Missas Negras.

Malhação

Na cidade de Itu (SP) — “há mais de 60 anos e até 1951” existiu a malhação de Judas em que “o Coisa-ruim usava roupa e asas de cetim vermelho e botas negras; a cabeça era uma máscara de chifres longos e pontiagudos; nas mãos, de dedos e unhas compridos, levava um tridente.”

Esse Coisa-ruim era preso a um mastro, por cima do Judas. Ao meio-dia do sábado de Aleluia, o fogueteiro punha fogo na bateria de fogos que havia dentro dos bonecos. Ouviam-se alguns estouros e o Coisa-ruim caía a cavalo no pescoço do Judas. Depois, ambos subiam até o alto do mastro, quando estouravam. As cabeças saltavam longe, e estas é que eram o objeto da malhação. (Rossini Tavares de Lima *in Folclore das Festas Cíclicas*).

Topônimos

Barreira do Inferno; Caverna do Diabo; Ilha do Diabo; Parque Estadual Morro do Diabo; Triângulo do Diabo (das Bermudas).

Ditados

Deus os fez, o Diabo os juntou. (Associação de indivíduos de mau caráter)

Três, foi o Diabo que fez. (Referência a triângulo amoroso).

Para quem Deus não dá filhos, o Diabo dá sobrinhos. (Quem não tem filhos, sofre pelos sobrinhos).

O Diabo tanto quis enfeitar o filho, que lhe furou um olho. (O perfeccionista estraga seu trabalho, à força de querer melhorá-lo).

O Diabo não é tão feio como o pintam.

O Diabo não é tão ruim como parece. (Quando o fato é menos pior do que o esperado).

Quem é burro, peça a Deus que o mate e ao Diabo que o carregue.

Quando Deus dá a farinha, o Diabo tira o saco. (Quando algo bom acontece, vem o mal atrapalhar).

Deus tem mais pra dar do que o Diabo pra tirar. (Do estilista Clodovil, em programa de TV).

Frases

Do jeito que o Diabo gosta. (Violar os preceitos).

Acender uma vela a Deus, outra ao Diabo. (Servir simultaneamente a duas causas antagônicas).

Fugir, como o Diabo da cruz. (Fugir aterrorizado).

Enquanto o Diabo pisca um olho. (Rapidamente).

Comer o pão que o Diabo amassou. (Sofrer).

Entre a cruz e a caldeirinha. (Pressionado a decidir por uma coisa ou outra).

Nas caldeiras de Pedro Botelho. (Nos caldeirões do Inferno).

Que nem o Diabo quer. (Coisa indesejável).

Que nem o Diabo atura. (Coisa insuportável).

Por artes do Diabo. (Coisa supostamente impossível de acontecer).

O Diabo a quatro. (Elevado número de coisas ditas ou feitas).

Que Diabo! Vá para o Diabo! O Diabo que o carregue! Diacho! Dianho!

Com mil diabos! Com todos os diabos! Por que diabos! . . .

Crendices

1. Reza de benzedeira nascida em Santo Amaro, bairro da Capital (SP), recolhida pela autora em favela do bairro do Brooklin (ambos os bairros na zona sul do Município), em 1985:

“O qui o Diabo trôxe
O Diabo lévi
Qui lévi logo
Qui seja brévi

Cruiz de Jesus
I Nossa Senhora
(fazendo o sinal da cruz sobre o lugar da doença)
Lévi a duença
Qui vá simbora.”

2. No dia 24 de agosto (que coincide com a Noite de São Bartolomeu) o Diabo está solto. Para que não cometa diabruras, prende-se uma tira de tecido vermelho (o rabo do Diabo) em uma gaveta fechada, ficando metade para fora. O rabo só deve ser solto após o bater da meia-noite.

3. Na tradição judaica, há provas de uma “incrível correspondência entre a realidade e o valor numérico das palavras hebraicas. No hebraico, as letras do alfabeto servem também como números, portanto, cada palavra tem o seu valor numérico correspondente (. . .) a palavra diabo, *Satan*, tem valor numérico de 364, isto é, os 364 dias do ano, menos um — menos o Yom Kippur (Dia do Perdão), em que o judeu se purifica pelo jejum absoluto e pelo arrependimento — dia em que Satan não tem poderes sobre os homens”. (Walter Rehfeld in *Introdução à Mística Judaica*, Ícone Editora Ltda. São Paulo, SP. 1968).

Assim, o judeu acredita que durante 364 dias do ano Satanás reina sobre o mundo, ao passo que no catolicismo folclórico ele fica livre para reinar apenas dois dias por ano: no dia 24 de agosto e na Sexta-feira Santa, porque “Jesus está morto”. Neste dia vagam também pelo mundo as assombrações em que o Demônio se encarna, especialmente os Lobisomens, que infalivelmente cumprem seu fadário no período da Quaresma.

Estórias

1. A oração dos três anjos

Três anjos entregam uma oração no cemitério, à meia-noite. Mas é preciso lutar com o Demônio para não perdê-la. Na noite de Sexta-feira Santa, pegam-se três varas de marmelo — “mais vara das grandona” —, pede-se para o padre benzê-las, sem que ele saiba para que fim, e quando faltar uns dois minutos para a meia-noite, entra-se no cemitério e vai-se até a “casinha das velas”. Lá se encontrarão três anjinhos que entregarão “uma carta branca”, isto é, “um papel dobradinho”: a oração que torna o seu portador todo-poderoso. Entretanto, assim que se recebe das mãos dos anjos a oração, surge o Demônio, para arrebatá-la. Com ele deve-se lutar, usando como arma as varas de marmelo, e sem derrubar a oração, até sair do cemitério. Quem consegue realizar essa

proeza, adquire poderes extraordinários. “Quem tem a carta tem tudo. Dizem qui a vara de marmelo é sagrada porque Cristo foi açoitado cum ela. Mais tem qui vencê o Tar, lá na porta.” (Estória coletada pela autora na cidade de Joanópolis (SP), em 1982).

2. *O Diabo ensinando a tocar viola*

“Os tocadores que não sabem tocar, eles espera pela Sexta-feira da Paixão. Sexta-feira da Paixão, ele vai na venda, de manhã, compra uma viola, que nunca ninguém pegasse. Compra na venda um encordoamento, encordoa aquelas doze corda, deixa direitinho e quando chega essa hora, assim, põe numa encruzilhada. Quando chega lá pela meia-noite, pelas onze e meia, chega aquele homem, pega naquela viola, afina aquela viola que dêxa que nem um sino, dêxa direitinha, começa a tocá e canta todas as espécie de música e o sujeito tá ali, espiano, né. Agora, quando, antes do galo cantá, que vê que ele num pode, num pode está ali, ele pega na viola e vem brigá co home, né. Briga, luta daqui, luta dali, quando o galo canta a primêra vez ele larga e vai embora. Quando é ôtro dia tá o tocadô. O moço vai tocá, tá tocano que nem o diabo. A mesma coisa.” (Rossini Tavares de Lima, op. cit.).

Anotoda

Cautela Mineira

O ex-deputado mineiro, José Maria Alkmin, estava muito doente quando chega o padre para dar a extrema-unção.

— Senhor padre, não acredite neles. São uns exagerados. Meu caso não é de extrema-unção — disse Alkmin, segundo Sebastião Nery (“Folclore Político — 3”).

— Não, doutor Alkmin, vim apenas ajudá-lo a rezar, como um bom católico. Então o senhor vai repetindo a oração que eu disser — afirmou o padre.

— Louvado seja o Nosso Senhor Jesus Cristo!

— Louvado seja o Nosso Senhor Jesus Cristo!

— Bendita seja a Virgem Maria!

— Bendita seja a Virgem Maria!

— Morra Satanás!

Alkmin ficou calado. O padre não entendeu:

— Por que o senhor não quer maldizer o Demônio?

— Padre, o senhor não acha que é melhor a gente não mexer com quem está quieto? — respondeu Alkmin.

(*Folha de São Paulo*, 13/7/88).

Literatura de Cordel

Da coleção particular da historiadora Maria Lucia Mott Melo Souza, foram extraídos os seguintes títulos:

1. *História de Zé Mendonça o Sertanejo Valente*

Editor Prop. João José da Silva

“.....

Depois voltou pras moendas
deu a devida atenção

fez um cigarro e fumou
porém não houve um cristão
que ali dissesse nada
conheceu que era *o cão* (grifo nosso).

.....

2. *São Salviano e Satanás*

Autor: Dila — Caruaru — PE.

3. *A moça de mini-saia que tomou banho de mar com Satanás na Praia de Amaralina.*

Autor: Rodolfo Coelho Cavalcante — Trovador Brasileiro
1ª edição, 1983.

4. *Peleja de Egídio Lima com Clidenor Varela sobre a Escritura Sagrada.*

Editor Prop. João José da Silva — PE.

5. *O Homem que virou Bode*

Autor: Dila — Caruaru — PE.

Letra de Moda-de-Viola

Vô contá o que aconteceu
Na cidade de S. Carlos,
Isto foi cuntecimento,
Foi na semana passada:
Vô cantá esses versinho
Vô explicá bem explicado
Numa ocasião de gente rica
uma moça dançô co diabo.

.....

Tirô o chepéu da cabeça,
Os dois chifres lhe mostrou,

.....

Deu um estouro na sala,
Foi só enxofre que cherô.
Ai, eu tenho certeza
Que a moça o diabo levô.

.....

(Rossini Tavares de Lima. *In: Moda-de-Viola, Décima, Pasquim Poemas de Circunstância: inédito*).

* Continuação do número anterior. — Maria do Rosário de Souza Tavares de Lima

CONCLUSÃO

A vivência do homem moderno, contemporâneo de tecnologia sofisticada e hoje altamente avançada, desenvolveu-se mesclada de pensamento místico e de manifestações supersticiosas, expressos através de rituais. Isso na procura de soluções satisfatórias para as humanas necessidades espirituais e temporais, a emoção independentemente da racionalidade.

O que se conclui da análise do material coletado é que as expressões de cultura religiosa espontânea instalaram-se robustamente na sociedade letrada, que as revela nas suas manifestações do pensar, sentir, agir e reagir, num processo de assimilação, imitação inconsciente e aceitação coletiva.

A interação de culturas religiosas, no Brasil, a partir da colonização, resultou num Diabo que foi aceito por inteiro, na credence através da fé, e que vem sendo largamente consumido, nas mais diversas áreas culturais.

Embora amaldiçoado, continua vivo, dinâmico, atuante.

Trata-se de fator de expressão cultural com amplo abrangimento, agindo a partir de sua implicação na cultura espontânea (folclore) até a condensação da moral cristã vigente.

Os grandes remédios para esconjurá-lo são a cruz e a aspersion de água-benta, com a intimação: — *Vade retro, Satanás*.

— *Ma non troppo* — diria Machiavel.

BIBLIOGRAFIA

- BAROJA, Julio Caro. *As bruxas e o seu mundo*. Lisboa, Editorial Vega, s/d v. XV. 359p.
- BUDIN, J. & Elia, Silvio. *Compêndio de língua e literatura*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1960. 284p.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1954. 660p.
- COLUCCIO, Félix & COLUCCIO, Marta Isabel. *Presencia del diablo en la tradición oral de Iberoamérica*. S.L., Ediciones Culturales Argentinas/Secretaria de Cultura — Ministério de Educación y Justiça, 1988, 248p.
- HEINING, Peter. *Magia negra e feitiçaria*. Trad. de Geraldo Ferraz. São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1971.
- HERCULANO, A. *Lendas e Narrativas*. Rio de Janeiro/Paris, H. Garnier Livreiro — Editor, 1831, tomo II. 302p.
- HEUSER, Bruno, Frei, O.F.M. Ed. *História Sagrada do Antigo e do Novo Testamento*. Petrópolis, Ed. Vozes Limitada, 1961. 347p.
- LEVI, Eliphaz. *História da magia*. Trad. de Rosabis Camaysar. São Paulo, Ed. Pensamento, 1974. 409p.
- LIMA, Maria do Rosário de Souza Tavares de. *Lobisomem: assombração e realidade*. São Paulo, Editora Escola de Folclore, 1983. 97p.
- LIMA, Rossini Tavares de. *Folclore das festas cíclicas*. São Paulo, Irmãos Vitale Editores, s/d., 187p.
- LIMA, Rossini Tavares de. *Moda-de-violão, Décima, Pasquim, Poesia de circunstância*. (inédito).
- LINS, Álvaro & HOLLANDA, Aurélio Buarque de. *Roteiro literário de Portugal e do Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1966. 369p.
- LYRA, Alberto. *A magia e o diabo no século XX*. São Paulo, Edições IBRASA, 1983. 292p.
- MORRINÁ, Oscar y IUBRÍAS, María Elena. *Ver y comprender las artes plásticas*. Havana, Editorial Gente Nueva, 1982. 79p.
- MOTT, Luiz. "Acotundá: raízes setecentistas do sincretismo religioso Afro-brasileiro". In: *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, vol. XXXI, 1986 — Separata. (nova série). 23p.
- MOTT, Luiz. "Etnodemonologia: aspectos da vida sexual do Diabo no mundo ibero-americano (séculos XVI ao XVIII)". In: *Religião e Sociedade*. 2(12), out. 1985. 23p.
- NICOLA, José de. *Língua, literatura & redação*. V. 1, 2ª ed. Ed. Scipione, 1987. 232p.
- NOGUEIRA, Oracy. *Informação à autora*. São Paulo, 1988.
- REHFELD, Walter. *Introdução à Mística Judaica*. São Paulo, Ícone Editora Ltda. 1986.
- Rezas — benzeduras — simpatias*. São Paulo. Editora Três, s/d. 232p.
- SEMINÁRIO MITO E LITERATURA, por Antonio Medina Rodrigues. São Paulo, Instituto Latino-Americano, 1987.
- SEMINÁRIO MITOLOGIA GREGA, por Francisco Achcar & Antonio Medina Rodrigues. São Paulo, Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, 1986.
- SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo, Cia. das Letras/Ed. Schwarcz, 1986. 396p.

Carroll & Company
New York
1880

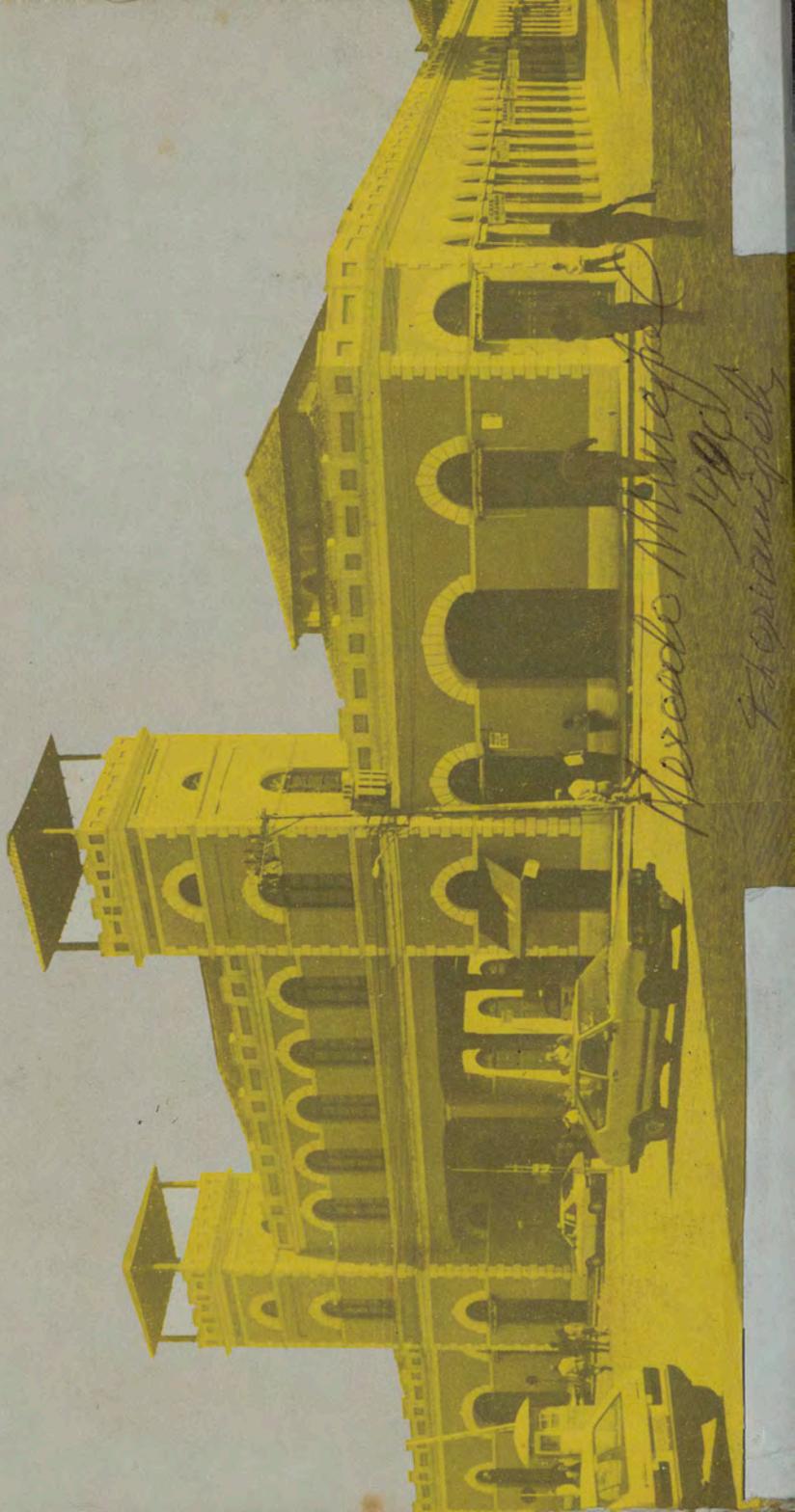
COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Nomes / Endereços: Florianópolis — SC

Doralécio Soares (Presidente) — Rua Júlio Moura, 28 — 1º andar
Victor Antônio Junior (Vice-Presidente) R. Melo Alvin, 10
Myriam Conceição Beltrão de Carvalho (Secretária) R. Adolfo Melo, 37 — 1º andar
Theobaldo Costa Jamundá — R. Bocaíuva, 208
Walter Fernando Piazza — R. Frei Evaristo, 209
Maria do Carmo Pinto — Av. Getúlio Vargas, 2201 — Tubarão — SC
Osvaldo Ferreira de Melo — R. Joaquim Costa, 11
Carlos Alberto Amgioletti Vieira — R. Profa. Otília Cruz, 365
Nereu do vale Pereira — Jardim Olívio Amorim, 24
Gelsí José Coelho — Museu de Antropologia, UFSC
Luiz Carlos Halfpap — Departamento de Ciências Sociais da UFSC
Lélia Pereira da Silva Nunes — R. Maria Eduarda, 44, Jardim Losangele
Paschoal Apóstolo Pitséca — R. Duarte Schutel, 41
Sônia Maria Copp da Costa — R. Fernando Trejo, 440 — S. Franc. do Sul
Silvia Maria Günther — R. Max Colin, 850, ap. 2, Joinville.

Colaboradores:

Flávio José Cardozo — Florianópolis — SC.
Dulce Martins Lamas — Rio de Janeiro — RJ
Laura Dela Monica — São Paulo — SP
Saul Martins — Belo Horizonte — MG
Ático Vilas Boas — Goiânia — GO
Mário Souto Maior — Recife — PE
Aleixo Leite Filho — Caruaru — PE
Ana Maria Amaro — Cascais — Portugal
Maria do Rosário Tavares de Lima — SP
Maria Alieta das Dores Galhoz — Portugal



Acordo Municipal
1990
Fluminense